



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL UFPE/UESPI

IRLANE GONÇALVES DE ABREU

**ÁREA PERIURBANA NORTE DE TERESINA (PI): RECONFIGURAÇÕES
ESPACIAIS E MUDANÇAS NA VIDA DE SEUS MORADORES**

RECIFE
2014.

IRLANE GONÇALVES DE ABREU

**ÁREA PERIURBANA NORTE DE TERESINA (PI): RECONFIGURAÇÕES
ESPACIAIS E MUDANÇAS NA VIDA DE SEUS MORADORES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Jan Bitoun.

RECIFE

2014

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

A162a Abreu, Irlane Gonçalves de.
Área periurbana norte de Teresina (PI) : reconfigurações espaciais e mudanças na vida de seus moradores / Irlane Gonçalves de Abreu. – 2014.
178 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Jan Bitoun.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife, 2014.

Inclui Referências, apêndices e anexos.

1. Geografia. 2. Geografia rural. 3. Urbanização. 4. Desenvolvimento rural. 5. Periurbanização. 6. Ruralidades. 7. Urbanidades. 8. Urbanidades no rural. 9. Modo de vida periurbano. I. Bitoun, Jan (Orientador). II. Título.

918 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-273)

IRLANE GONÇALVES DE ABREU

**ÁREA PERIURBANA NORTE DE TERESINA (PI): RECONFIGURAÇÕES
ESPACIAIS E MUDANÇAS NA VIDA DE SEUS MORADORES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

APROVADA EM: 17/12/2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jan Bitoun (Orientador – Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Antônio Cardoso Façanha (Examinador Externo)
Universidade Federal do Piauí

Profa. Dra. Lívia Izabel Bezerra de Miranda (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Campina Grande

Profa. Dra. Doralice Sátyro Maia (Examinadora Externa)
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Ana Cristina Fernandes (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Alcindo José de Sá (Suplente interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Norma Lacerda (Suplente Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho

- Aos meus pais Ismarina e Luiz, irmão Luciano Luiz e tias Madalena e Dulce, que, se estivessem entre nós, ficariam muito felizes por sua conclusão.

- Ao meu irmão Francisco Luiz, pela generosidade e dedicação incondicionais.

Ao Professor Roberto Lobato Corrêa que, há muito tempo, me mostrou os caminhos da cidade.

AGRADECIMENTOS

A participação em um curso de doutorado envolve instituições e pessoas sem as quais sua trajetória seria impossível. Assim, a nível institucional, agradeço:

- à Universidade Federal de Pernambuco pela oportunidade de me qualificar doutor em Geografia, através da realização de um curso de Doutorado na modalidade DINTER, em parceria com a Universidade Estadual do Piauí, na pessoa dos professores Alcindo José de Sá, Antônio Carlos Correa de Barros, e Jan Bitoun, o primeiro por ter aceito o desafio de coordenar o referido DINTER, e os dois outros professores por terem assumido, junto com o Professor Alcindo Sá, as ações iniciais para a aprovação e realização do curso;
- aos professores Alcindo José de Sá, Antônio Carlos de Barros Correa, Jan Bitoun, Caio Augusto Amorim Maciel e Cláudio Ubiratan Gonçalves pelos ensinamentos que transmitiram e pela a boa convivência que tivemos;
- ao professor Jan Bitoun, em especial, por sua orientação segura, constante, serena e generosa durante toda construção da nossa tese;
- ao professor Antônio Cardoso Façanha, da Universidade Federal do Piauí por ter aceito participar de nossas bancas de qualificação e defesa de tese;
- aos demais professores que participaram de nossa defesa pelas contribuições que nos deram;
- à professora Edina Maria de Sousa Luz, Coordenadora de Pós Graduação da UESPI, por ter apoiado e acompanhado ações administrativas relacionadas ao DINTER.

Além da perspectiva institucional, agradeço também a colaboração:

- dos alunos David Castro, Maciel Vagner, Lucas e Fábio Maurílio, Raimundo Ramos e Marco Aurélio da Silva Lira Filho pela companhia durante a pesquisa de campo, e posterior organização, digitalização dos dados e elaboração dos mapas;
- do técnico agrícola Genival Celso Pereira da Silva, do Colégio Técnico de Teresina/UFPI e morador do povoado São Vicente da área periurbana norte de Teresina, pela gentileza em nos acompanhar em visitas à referida área;

A participação num curso de doutorado exige afastamento da vida cotidiana e, no trabalho solitário que é próprio da elaboração de uma tese, somos tomados por sentimentos de dúvidas, insegurança e impotência. Nesses momentos, algumas pessoas tornam-se especiais e nosso porto seguro. Por isso, agradeço também:

- à minha família - cunhada e sobrinhos queridos - pelo apoio cotidiano;
- aos colegas da UESPI, especialmente, Joana Aires, Teresinha Santos e Irene Bezerra, que, durante todo o percurso do DINTER, tornaram-se amigas, compartilhando desde os estudos para a seleção do DINTER, das viagens a Recife e da vivência ali, durante um semestre, na Residência das Palmeiras, até as dúvidas que tomavam conta de nós durante a escrita de nossas teses;
- aos amigos que me incentivaram por todo o trajeto do curso de doutorado, pessoalmente, por telefonemas ou por redes sociais;
- a Andrea Mara, pelo apoio em reproduzir textos e formatar este trabalho, ao que se somou uma atenção generosa às minhas “necessidades especiais”;
- a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desta tese.

RESUMO

Objetivo desta tese foi o de compreender mudanças que estão ocorrendo, nos últimos 15 anos, em área situada ao norte da cidade de Teresina (PI), considerada por nós como periurbana. A temática sobre a formação de áreas periurbanas foi escolhida porque esta é uma realidade recorrente no mundo todo em razão do avanço cada vez maior do urbano sobre o rural. As referências conceituais relativas à temática *formação de áreas periurbanas* envolveram discussões sobre: *i)* a transformação da cidade de espaço compacto em espaço disperso e fluido; *ii)* aspectos relacionados ao processo de periurbanização; *iii)* modos de vida, novas ruralidades e novas urbanidades, relacionando sempre essas discussões ao espaço de Teresina. A área selecionada para pesquisa é rural, do ponto de vista da administração municipal de Teresina, onde existem diversos povoados, sítios e chácaras, distantes, em média, cerca de 3,22 km da capital piauiense, com acesso por rodovia asfaltada, dos quais foram selecionados os de São Vicente, Santa Helena, Campestre Norte, Lagoa de Dentro, Taboquinha, Gaspar, Canto do Romão e Morro do Calandi. Partimos da hipótese que a proximidade de área situada na zona rural norte do município teresinense da cidade de Teresina (PI) estaria contribuindo para a formação ali, de área periurbana, cujos reflexos estariam se dando tanto em reconfigurações espaciais bem como no modo de vida de seus moradores. A partir desta ideia elaboramos a seguinte indagação: a ocorrência de certa centralidade nos povoados, representada pela oferta de serviços básicos, reduziria a influência do urbano teresinense sobre a vida de seus moradores? Empiricamente, além de visitas a área, realizamos entrevistas com 36 pessoas, sendo 26 **moradores dos povoados** e 10 **outros moradores da área**, que responderam questões sobre seu perfil, sobre a estrutura dos povoados, e sobre as transformações que vêm ocorrendo, tanto na própria área como na vida das pessoas que ali vivem. Os dados revelaram que a área pesquisada é realmente área periurbana, ainda em formação, cuja ocorrência se dá pela proximidade com Teresina e que todos os entrevistados - tanto os **moradores dos povoados** selecionados apoiados em sua relativa centralidade, quanto **os outros moradores da área**, quer vivam em sítios, chácaras, fazendas - são afetados pela proximidade com o urbano teresinense. Os dados revelaram também que, apesar de ainda predominarem na área atividades agropecuárias, cuja produção é utilizada somente

para subsistência, pessoas vêm buscando a prática da pluriatividade, especialmente em Teresina. Essas mudanças se expressam, sobretudo, por meio do que denominamos de *modo de vida periurbano*, no qual se misturam alguns traços de vida rural, ao lado da adoção, tanto por **moradores dos povoados** quanto pelos **outros moradores da área**, de novos hábitos e costumes relacionados à vida urbana, destacando-se novos modos de consumir, de pensar, de sentir.

Palavras- chave: Periurbanização. Rurualidades. Urbanidades. Urbanidades no Rural. Modo de Vida Periurbano.

ABSTRACT

The purpose of this thesis was to understand the changes that have been occurring in the last 15 years in areas, which we consider as periurban, located in the north region of Teresina City (PI). The focus on studying the *formation of periurban areas* is justified because it is a recurrent reality worldwide due to the increasing progress of the urban over the rural. The conceptual references related to the topic *formation of periurban areas* included discussions about: i) the transformation of the city from compact space into dispersed and fluid space; ii) aspects related to the process of periurbanization; iii) ways of life, new ruralities and new urbanities, always relating these discussions to the space of Teresina. According to the municipal administration of Teresina, the selected area to be studied is rural, where there are several villages, small farms and ranches that are about 3.22 km far from the capital city of Piauí, which can be accessed through paved roads, from which were chosen São Vicente, Santa Helena, Campestre Norte, Lagoa de Dentro, Taboquinha, Gaspar, Canto do Romão and Morro Calandi. We assumed that the proximity of rural areas in the north region of Teresina (PI) would be contributing to the formation of a periurban area there, affecting both the spatial reconfigurations and the way of life of its inhabitants. Considering this point, we ask the following question: would the existence of a certain centrality in the villages, represented by basic services offering, reduce the influence of Teresina's urban area on their residents? Empirically, besides visiting the region, we interviewed 36 people, who were 26 **inhabitants of the villages** and 10 **other inhabitants of the area**, who answered questions about their profile, the structure of the villages and the changes that have affected the area and their lives. The results revealed that the surveyed region is actually a periurban area, still in formation, whose occurrence is due to its proximity to Teresina and that all the interviewees — both the selected **inhabitants of the villages** supported by their respective centrality and **other inhabitants of the area** living in small farms, ranches and farms — are affected by the proximity to Teresina's urban area. Although the practice of agricultural activities used only for subsistence is still predominant in these areas, the research also points out that people have looked for ways to do activities comprising pluralities, especially in Teresina. These changes are expressed, above all, through what we call a *periurban way of life*, in which some traces of rural life are mixed, along with the new habits and customs related to the urban life acquired by both the

inhabitants of the villages and **other inhabitants of the area**, highlighting new ways of consuming, thinking and feeling.

Keywords: Periurbanization. Ruralities. Urbanities. Urbanities in the Rural. Periurban Way of Life.

RESUMEN

El objetivo de esta tesis fue el de comprender cambios que están ocurriendo, en los últimos 15 años, en área situada al norte de la ciudad de Teresina (PI), considerada por nosotros como periurbana. La temática sobre la formación de áreas periurbanas fue elegida porque esta es una realidad recurrente en el mundo todo en razón del avance cada vez mayor de lo urbano sobre lo rural. Las referencias conceptuales relativas a la temática *formación de áreas periurbanas* involucraron discusiones sobre: *i*) la transformación de la ciudad del espacio compacto en espacio disperso y fluido; *ii*) aspectos relacionados al proceso de periurbanización; *iii*) modos de vida, nuevas ruralidades y nuevas urbanidades, relacionando siempre esas discusiones al espacio de Teresina. El área seleccionada para la investigación es rural, desde el punto de vista de la administración municipal de Teresina, donde existen diversos pueblos, fincas y chacras, lejos, en media, cerca de 3,22 km de la capital piauiense, con acceso por carretera asfaltada, de los cuales fueron seleccionados los de San Vicente, Santa Helena, Campestre Norte, Laguna de Dentro, Taboquinha, Gaspar, Canto del Romão y Morro del Calandi. Partimos de la hipótesis que la proximidad del área situada en la zona rural norte del municipio teresinense de la ciudad de Teresina (PI) estaría contribuyendo para la formación allí, de área periurbana, cuyos reflejos se estarían dando tanto en reconfiguraciones espaciales así como en el modo de vida de sus habitantes. A partir de esta idea elaboramos la siguiente indagación: ¿la ocurrencia de cierta centralidad en los pueblos, representada por la oferta de servicios básicos, reduciría la influencia del urbano teresinense sobre la vida de sus habitantes? Empíricamente, además de visitas al área, realizamos entrevistas con 36 personas, siendo 26 **habitantes de los pueblos** y 10 **otros habitantes del área**, que respondieron cuestiones sobre su perfil, sobre la estructura de los pueblos, y sobre las transformaciones que vienen ocurriendo, tanto en la propia área como en la vida de las personas que allí viven. Los datos revelaron que el área investigada es realmente área periurbana, aún en formación, cuya ocurrencia se da por la proximidad con Teresina y que todos los entrevistados - tanto los **habitantes de los pueblos** seleccionados apoyados en su relativa centralidad, cuanto los **otros habitantes del área**, que viven en fincas, chacras, haciendas - son afectados por la proximidad con el urbano teresinense. Los datos revelaron también que, aunque

todavía predominan en el área actividades agropecuarias, cuya producción es utilizada solamente para subsistencia, personas vienen buscando la práctica de la pluriactividad, especialmente en Teresina. Esos cambios se expresan, sobre todo, por intermedio de lo que denominamos de *modo de vida periurbano*, en el que se mezclan algunos rasgos de vida rural, al lado de la adopción, tanto **habitantes de los pueblos** cuanto por los **otros habitantes del área**, de nuevos hábitos y costumbres relacionados a la vida urbana, destacándose nuevos modos de consumir, de pensar, de sentir.

Palabras claves: Periurbanización. Ruralidades. Urbanidades. Urbanidades en lo Rural. Modo de Vida Periurbano.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Estrada PI 112 e seu Intenso Movimento	128
Fotografia 2 - Local de Venda de Produtos Variados e de Encontro dos Moradores na Área Periurbana	129
Fotografia 3 - Placa Indicativa de Fornecimento de Energia através de Programa de Eletrificação Rural em Sítio da Área Periurbana.....	136
Fotografia 4 - Uma das Lojas de Material de Construção Instalada na Área Periurbana	137
Fotografia 5 - Outro Aspecto da PI 112.....	138
Fotografia 6 - Bar e Casa de Eventos na Área Periurbana	140
Fotografia 7 - Vista Externa do Espaço Cultural MOSTRARTE, cuja estrutura se encontrava em reforma.....	141
Fotografia 8 - Praça e Templo Religioso no Povoado São Vicente	146
Fotografia 9 - Uma das Muitas Escolas da Área Periurbana.....	146
Fotografia 10 - Unidade Básica de Saúde no Povoado São Vicente	150
Fotografia 11 - Rua Pavimentada em um dos Povoados da Área Periurbana	151
Fotografia 12 - Estrada Interna da Área Periurbana que dá acesso a Povoados, Sítios, Chácaras e Fazendas	152
Fotografia 13 - Caixa de Abastecimento d'água na Área Periurbana.....	153
Fotografia 14 - Um dos Muitos Templos Religiosos existentes na Área Periurbana.....	154

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Eixos de Crescimento Periférico de Teresina – PI, 1950 a 2014	56
Mapa 2 - Evolução da Mancha Urbana do Município de Teresina De 1960 – 2000	86
Mapa 3 - Área Periurbana Norte de Teresina - PI: Distância entre a Área Periurbana e a Zona Urbana do Município de Teresina - PI.	87
Mapa 4 - Área Periurbana Norte de Teresina PI, Limites	89
Mapa 5 - Área Periurbana Norte de Teresina-PI, Povoados Existentes e Povoados Pesquisados	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Área Periurbana Norte de Teresina – PI: Origem e Tempo de Vivência dos Moradores dos Povoados	114
Tabela 2 - Área Periurbana Norte de Teresina – PI: Tempo de Vivência na Área dos Outros Moradores da Área	117
Tabela 3 - Área Periurbana Norte de Teresina – PI: Atividades Produtivas Praticadas Pelos Moradores dos Povoados e Sua Relação com a Propriedade e Uso da Terra	119
Tabela 4 - Área Periurbana Norte de Teresina - PI: Outras Atividades Produtivas Praticadas Pelos Moradores dos Povoados	123
Tabela 5 - Área Periurbana Norte de Teresina - PI: Relação dos Outros Moradores da Área com a Terra e seu Uso	126
Tabela 6 - Área Periurbana Norte de Teresina - PI: Local(is) e Tipo(s) de Estabelecimento(s) Comercial(is) onde os Moradores dos Povoados se Abastecem.....	131
Tabela 7 - Área Periurbana Norte de Teresina – PI: Aspectos Relacionados a Mudanças Ocorridas na Área na Visão dos Outros Moradores..	135
Tabela 8 - Área Periurbana Norte de Teresina - PI: Uso de Tecnologia	142
Tabela 9 - Área Periurbana Norte de Teresina - PI: Estrutura dos Povoados	149

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGESPISA	Águas e Esgotos do Piauí S/A.
CAIXAQUI	Caixa Econômica Federal.
CEPRO	Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí.
DINTER	Programa Institucional de Pós-Graduação em Geografia, Convênio Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, e Universidade Estadual do Piauí – UESPI.
ELETOBRÁS – PI	Centrais Elétricas Brasileiras S.A.
FUNRURAL	Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
PETII	Plano Estrutural de Teresina
INSEE	Instituto National de las Statistiques et des Études Économiques.
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
NEURMA	Núcleo de Estudos Urbanos, do Contato do Urbano com o Rural e de Transformações Ambientais dessas Realidades Piauienses, UESPI
NEWRUR	Urban Pressure on Rural Areas: Mutations and Dynamics of Periurban Rural Processes.
OECD	Organisation for Economic Cooperation and Development.
PIB	Produto Interno Bruto
PLUREL	Peri-Urbanisation in Europe Towards European Policies to Sustain Urban-Rural Futures.
PU-ECH	Peri-Urban Environmental Change Project.
RIDE	Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina.
SPESP	Study Programme on European Spatial Planning.
UESPI	Universidade Estadual do Piauí.
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	URBANIZAÇÃO: SIGNIFICADO, PERCURSOS E SUAS FORMAS, PELO MUNDO E EM TERESINA (PI).....	32
2.1	Urbanização: seu significado e seu percurso - da cidade compacta à cidade dispersa.....	32
2.2	Transformações no mundo, transformações na cidade	34
2.3	Formas de Dispersão Urbana: Suburbanização e Periferização.....	40
2.4	Teresina: Aspectos dos Processos de Urbanização, Suburbanização e Periferização	48
3	PERIURBANIZAÇÃO: OUTRA FORMA DE DISPERSÃO URBANA E SUA OCORRÊNCIA NO MUNICÍPIO DE TERESINA (PI).....	58
3.1	Processo de Periurbanização e de Formação de Áreas Periurbanas: Contexto e Caráter Global	58
3.2	Processo de Periurbanização/Formação de Áreas Periurbanas: Conceituações e Denominações.....	65
3.3	Processo de Periurbanização/Formação de Áreas: Características	69
3.4	Processo de Periurbanização/Formação de Áreas Periurbanas: Algumas Tipologias	73
3.5	Periurbanização: Tendências/Possibilidades, Consequências	80
3.6	Área Periurbana Norte de Teresina: Características e Identificação Tipológica.....	83
4	ÁREA PERIURBANA NORTE DE TERESINA: RECONFIGURAÇÕES ESPACIAIS E MUDANÇAS NA VIDA DE SEUS MORADORES	101
4.1	Modo de Vida, Modo de Vida Rural, Modo de Vida Urbano, Ruralidades, Urbanidades, Urbanidades no Rural: Breves Discussões	102
4.1.1	Modo de Vida, Modo de Vida Rural, Modo de Vida Urbano.....	102
4.1.2	Ruralidades	105
4.1.3	Urbanidades	106
4.1.4	Urbanidades no Rural.....	109

4.2	Área Periurbana Norte de Teresina: Reconfigurações no seu Espaço e Mudanças na Vida de Seus Moradores - Modo de Vida Periurbano	111
4.2.1	Perfil dos Moradores dos Povoados e de Outros Moradores da Área	113
4.2.2	Transformações na Área Periurbana e na Vida de Seus Moradores	129
4.2.3	Estrutura dos Povoados	148
5	CONCLUSÃO	157
	REFERÊNCIAS	160
	APÊNDICES	169
	ANEXO	176

1 INTRODUÇÃO

Em nossa trajetória acadêmica temas sobre o *urbano* e, em especial, sobre a cidade de Teresina, sempre constituíram nosso universo de trabalho, desde o desenvolvimento de dissertação de mestrado, percurso intelectual que continuamos a percorrer com a publicação de trabalhos voltados para a mencionada temática.

Mais recentemente, ao acompanhar trabalhos de discentes sobre a área rural norte do município de Teresina, situada nas proximidades da capital teresinense, chamaram nossa atenção transformações que apontavam para a ocorrência ali, de uma mistura de características de espaços rural e urbano, cujos reflexos estariam ocorrendo na própria área¹ como também na vida de pessoas que ali viviam. A partir de então, buscamos aprofundamento deste tema em literatura que apontasse para mudanças no processo de urbanização e seu avanço na direção de espaços rurais. Por esta razão propusemos a criação, na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), de um núcleo de estudos denominado Núcleo de Estudos Urbanos, do Contato do Urbano com o Rural e de Transformações Ambientais dessas Realidades Piauienses (NEURMA), que passamos a coordenar e, através do qual, desenvolvemos projetos, alguns já concluídos, outros ainda em fase final, sempre voltados à preocupação com o papel que o urbano exerce em áreas afastadas do ao núcleo central da cidade. Desses projetos mencionamos os que tratam de transformações nas zonas rurais norte e sul do município de Teresina, respectivamente, de 2010 e 2011, cuja elaboração e execução já ocorreram em sintonia com as preocupações até aqui expostas.

Desse modo, quando por ocasião da escolha do tema de nossa tese, requisito para obtenção do grau de doutor em Geografia pelo Projeto DINTER, realizado em

¹ Esclarecemos que, neste trabalho, o termo área deve ser entendido, como parte da zona rural do município de Teresina (PI), objeto deste estudo e que assim será denominada ao longo do texto. Já os termos zona rural e zona urbana, correspondem às definições de Área Rural: área de um município externa ao perímetro urbano e Área Urbana: área interna ao perímetro urbano de uma cidade ou vila, definidas por lei e municipal. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Diretoria de Geociências - DGC. Departamento de Cartografia - DECAR. Noções Básicas de Cartografia. III - Elementos de Representação. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoas/elementos_representacao.html acessado em 20 de março de 2013). É sob esta concepção que os termos zona rural e zona urbana são empregados na legislação municipal de Teresina, orientando o planejamento e a organização da cidade, e empregado também neste trabalho. O termo espaço deve ser entendido como referência a ocorrência de processos territoriais como urbanização, suburbanização, periferização e periurbanização que envolvem, além do aspecto de substrato material/físico, processos de natureza social.

parceria UFPE/UESPI (2010-2014), o fizemos levando em consideração nossa já mencionada trajetória acadêmica, dando ênfase ao papel que o urbano exerce em áreas rurais próximas à cidade. Esta escolha coincide com o pensamento de Severino, ao afirmar que:

qualquer pesquisa [em qualquer nível], exige do pesquisador um envolvimento tal que seu objeto de investigação passa a fazer parte de sua vida"; a temática deve ser realmente uma problemática vivenciada pelo pesquisador, ela deve lhe dizer respeito. [Não, obviamente, num nível puramente sentimental, mas] no nível da avaliação da relevância e da significação dos problemas abordados para o próprio pesquisador, em vista de sua relação com o universo que o envolve. (SEVERINO, 2002, p.145)

A área, objeto das pesquisas acadêmicas antes referidas, como já mencionamos, situa-se nas proximidades da zona urbana norte do município de Teresina (PI), fato que vem contribuindo para que ali sejam observadas reconfigurações espaciais como também mudanças na vida de seus moradores, o que parece apontar para a ocorrência, na mencionada área, de processo de periurbanização e da formação de um modo de vida periurbano.

O conjunto dessas ideias nos levou a um aprofundamento, sob o ponto de vista teórico, de literatura relacionada à produção de espaços periurbanos, e empiricamente, à dinâmica, nos últimos 15 anos, da cidade de Teresina, período em que as aludidas transformações estão ocorrendo.

Áreas periurbanas, por abrangerem aspectos relacionados a espaços rurais e urbanos, apresentam, dentre suas características mais expressivas, as de serem espaços: complexos, pela integração de lógicas urbana e rural ali existentes; onde ocorrem a perda da função agrícola e o surgimento de novas funções; transitoriedade de usos e de paisagens, bem como a indefinição de limites físicos e institucionais.

Miranda (2008) informa que, desde os anos 1930 do século XX, há referências sobre a existência de áreas periurbanas em diferentes partes do mundo. No entanto, o fenômeno se intensificou a partir da segunda metade do mencionado século quando a urbanização atingiu um patamar diferenciado, deslocando-se dos centros urbanos compactos para áreas rurais próximas, produzindo uma cidade cada vez mais fluida e dispersa. Por esta razão, este tem sido um tema recorrente a que estudiosos têm se dedicado, e cujo entendimento é o de que o avanço da

cidade sobre o campo vem gerando novas formas espaciais, cuja interpretação foge aos padrões até então vigentes. Esta realidade também vem despertando interesse em pesquisadores brasileiros que estão produzindo estudos específicos sobre o processo de periurbanização em território nacional, enfatizando a magnitude da questão e de suas consequências sócio-espaciais. A exemplo, citamos os trabalhos de Monte-Mór (1994); Vale (2005); Limonad (2007); Miranda (2008); Sposito (2009); Ferreira (2009) e Pereira (2012).

Considerando que a periurbanização resulta, em última análise, de ações engendradas pelo processo de globalização (AJARA, 2010), que atingem o mundo, de forma não homogênea e em perspectivas temporais e espaciais diferentes, esse raciocínio encaminhou nosso estudo para a possibilidade da ocorrência de tal processo no norte do município teresinense, com a formação ali de área periurbana, e a conseqüente mudança no modo de vida de seus moradores, como antes mencionamos.

Mais uma vez recorreremos à literatura em busca de explicação para o que estávamos observando no município de Teresina: o estreitamento cada vez maior das relações campo-cidade e, como consequência, a ocorrência de mudanças em espaços próximos ao urbano teresinense. Consideramos que concorriam para essa realidade, dentre outros aspectos, as transformações dos sistemas de transportes e comunicações gerados por novas tecnologias que alteravam a relação tempo x distância e estão associadas ao processo de periurbanização. Este processo, apesar de apresentar-se como fenômeno global, evolui apresentando no diversos países em que ocorre, aspectos regionais e locais, conforme Pereira (2012).

Dessa forma, alguns aspectos inerentes à especificidade regional e local do município de Teresina (PI) foram relevantes para a busca da compreensão de possível ocorrência, nesse município, de processo de periurbanização, que entendíamos estaria ocorrendo em sua área rural norte. Um desses aspectos diz respeito ao nível de *capital regional* A que a cidade alcançou na rede urbana brasileira, conforme indica estudo do IBGE, de 2007, denominado Regiões de Influência das Cidades. Este documento revela as fortes articulações da capital teresinense, propiciada por rede viária, fato que enseja ligações desta cidade, tanto com o território nacional e, especialmente, com sua região de influência, à qual são ofertados múltiplos e diversificadas serviços. Um dos reflexos dessas articulações está associado ao aumento da população da cidade de Teresina

constituída de 377.771 habitantes, em 1980, e de 814.230 habitantes, em 2010, configurando um aumento populacional de mais de duas vezes, em 30 anos.

Por pertinente, lembramos a Lei Complementar Nº 112, de 19 de setembro de 2001, que instituiu a Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina (RIDE), constituída de 13 municípios, 12 pertencentes à microrregião de Teresina (PI), mais o município maranhense de Timon. Este município, situado na Microrregião de Caxias, com população estimada em 1.149.835 habitantes (IBGE, 2010), tem sua cidade-sede situada a oeste de Teresina e, embora esteja separada fisicamente desta pelo rio Parnaíba, apresenta historicamente fortes interligações de suas população e atividades socioeconômicas com a capital do Piauí.

O objetivo da RIDE Teresina é o de “coordenar atividades e articular ações administrativas referentes às áreas de infraestrutura, prestação de serviços e de geração de empregos, envolvendo os municípios da RIDE”. Apesar ainda da não implementação completa das propostas previstas na lei, na prática, muitas ações de integração entre os municípios da RIDE, já estão ocorrendo, especialmente através das rodovias que fazem ligações entre aqueles municípios e a capital piauiense, favorecendo uma territorialização que abrange, notadamente, a microrregião de Teresina. Nesse contexto, consideramos como um dos aspectos mais expressivos do processo de urbanização da capital do Piauí a sua rápida periferização, que vem ocorrendo, de modo mais intenso, desde os anos 1970 e que continua até hoje. Esta realidade permitiu que a partir dos anos 1990 ocorresse ou a incorporação legal de tais áreas ao perímetro urbano teresinense, ou a possibilidade de sua transformação em área periurbana, aspecto que sinaliza para a concretude deste trabalho.

Desse modo, as observações antes mencionadas e relacionadas à área rural norte do município teresinense, e próxima à cidade de Teresina, apontam, especialmente, nos últimos 15 anos, para transformações, tanto em suas reconfigurações espaciais como em práticas sociais associadas ao cotidiano/modo de vida das pessoas que ali vivem.

As razões até aqui expostas nos motivaram a considerar como *tema* desta tese *transformações em espaço rural e formação de área periurbana nas proximidades do espaço urbano*, e como seu *objeto empírico*, *a formação de área periurbana na área rural norte do município de Teresina (PI), nas proximidades da capital piauiense* e, também, a formular alguns questionamentos, dentre os quais citamos: como dimensionar a proximidade de Teresina nas transformações

mencionadas? qual o significado das mudanças que estão ocorrendo na área em questão, nos últimos 15 anos, tanto as que se relacionam a reconfigurações espaciais quanto as que dizem respeito a transformações em práticas sociais dos seus moradores e a seu modo de vida? qual o papel das transformações sócio-espaciais² observadas na “modesta centralidade” existente nos povoados selecionados e vivenciada por seus **moradores**, expostos à influência de Teresina, bem como do "isolamento relativo" em que vivem os **outros moradores da área** que, por essa circunstância, necessitam recorrer ao urbano para resolver problemas do seu cotidiano, expondo-se mais às influências urbanas?

Assim, e levando em conta, *i*) o conjunto de ideias até aqui exposto sobre as transformações das cidades compactas em cidades dispersas e, igualmente, *ii*) a ausência de investigação acadêmica sobre o crescimento de Teresina como cidade dispersa em direção ao espaço rural do município teresinense, elaboramos nossa hipótese de trabalho com apoio em estudiosos que lidam com construção do conhecimento, citando dentre estes Richardson (2007). Para estes autores a hipótese é uma resposta possível de ser testada e fundamentada para uma pergunta feita a respeito de um fenômeno, fonte de preocupação de um pesquisador, ou como a solução possível para um problema, sendo, dessa forma, uma tentativa *a priori* de explicação.

Nossa hipótese, então, foi assim concebida: *a proximidade da cidade de Teresina (PI) de área situada na zona rural norte do município teresinense estaria contribuindo para a formação ali, de área periurbana, cujos reflexos estariam se dando em reconfigurações espaciais bem como no modo de vida de seus moradores*. A esta ideia central acrescentamos, complementarmente, a de que: a ocorrência de uma certa centralidade nos povoados selecionados para esta pesquisa, representada pela oferta de serviços básicos reduziria a influência do urbano teresinense sobre a vida de seus moradores?

Na sequência, foi possível definir o tema desta tese como: *a formação de área periurbana nas proximidades do espaço urbano de Teresina (PI)*, como seu objeto empírico *área rural norte nas proximidades de Teresina (PI)* e como seu objetivo geral compreender as reconfigurações espaciais que estão ocorrendo em

² Seguindo proposição de Carlos (2011, p 12) adotaremos a grafia sócio-espacial ao invés de socioespacial “para enfatizar as relações sociais e ao espaço, simultaneamente, levando em conta a articulação dialética de ambos no contexto da totalidade social, mas preservando a individualidade de cada um”.

povoados de área rural, situada ao norte e nas proximidades da cidade de Teresina (PI), bem como e o reflexos dessas mudanças na vida de seus moradores.

As questões antes mencionadas foram traduzidas, então, em objetivos específicos que nortearam a busca por referenciais teóricos explicativos sobre o significado do processo de urbanização e suas dinâmicas, especialmente sobre o processo de periurbanização e a produção de áreas periurbanas; a investigação empírica; bem como a análise dos dados sobre o que nos propusemos nesta tese. Em seguida, definimos como objetivos específicos: *i)* identificar a área selecionada para a pesquisa como área periurbana, considerando as características dessa forma de urbanização; *ii)* analisar a influência que a proximidade de Teresina exerce na reconfiguração da área bem como nas transformações que estão ocorrendo no modo de vida de seus moradores; *iii)* avaliar em que medida a centralidade da área representada por serviços existentes nos povoados selecionados contribui para a transformação do modo de vida dos **moradores dos povoados**.

Observações empíricas nos levaram considerar como área em que estaria ocorrendo processo de periurbanização no município teresinense, a que está delimitada no Mapa 4. Desta área, selecionamos 08 povoados (São Vicente, Santa Helena, Campestre Norte, Lagoa de Dentro, Taboquinha, Gaspar, Canto do Romão e Morro do Calandi), conforme Mapa 5 - Área periurbana de Teresina - PI: Povoados Existentes e Povoados Pesquisados, selecionados tendo como referência a maior ou menor acessibilidade destes à PI-112, rodovia que liga Teresina à cidade de União e que teria influência nas mudanças que estavam ocorrendo na área e no modo de vida das pessoas.

Quanto ao recorte temporal desta tese, leituras e informações diversas sobre a dinâmica da cidade de Teresina - planos, projetos institucionais e instrumentos legais, como já referido, e material acadêmico produzido, além de observações na própria área, nos levaram a definir os últimos 15 anos, como o período em que as mudanças na área já mencionada e delimitada no Mapa 4, estariam acontecendo com mais intensidade. Foi, portanto, este o período definido para a investigação sobre a área, tanto de natureza documental quanto empírica.

É preciso lembrar que o processo de periurbanização decorre de mudanças provocadas pela globalização, responsável, por sua vez, pelo desencadeamento de novas dinâmicas urbanas, fenômeno que não ocorre de forma homogênea, nem no tempo nem no espaço. Por esta razão entendemos, de forma preliminar, que as

transformações que vêm se dando na área selecionada refletem ocorrências de um tempo em que o avanço cada vez mais intenso da cidade sobre o campo está produzindo novas formas espaciais, concepções essas preconizadas, em estudos produzidos, dentre outros, por Monte-Mór (1994), Limonad (2007) e Sposito (2009).

Por estarmos tratando de uma realidade sócio-espacial que, num determinado espaço - parte da zona rural norte do município de Teresina -, e num determinado tempo - os últimos 15 anos -, está sendo submetida a transformações decorrentes de mudanças do espaço urbano e de seu avanço em direção ao rural, entendemos que os referenciais pertinentes a sua interpretação devem apontar para uma perspectiva dialética da realidade. Estes referenciais correspondem ao

[...] quadro teórico que constitui o universo de princípios, categorias e conceitos, formando sistematicamente um conjunto logicamente coerente, dentro do qual o trabalho do pesquisador se fundamenta e se desenvolve [e que deve servir] antes como diretriz e orientação de caminhos de reflexão do que propriamente de modelo ou de forma, uma vez que o pensamento criativo não pode escravizar-se mecanicamente a ele. (SEVERINO, 2002, p.162).

Nossa interpretação das transformações que vêm ocorrendo na área de estudo teria então como referência teórico-metodológica, a dialética, no sentido amplo de movimento, de renovação da realidade, pois conforme Lara (1986, p.68) “o pensar dialético privilegia a temporalidade, a história, o devir”; e [...] a realidade fluida, que começa e acaba, que se desgasta e muda”. A esses argumentos, Richardson (2007, p.45) acrescenta que, apesar de hoje se dar ao termo um sentido mais amplo [...] “a essência da dialética continua a ser [...] a investigação das contradições da realidade que são as forças propulsoras do desenvolvimento da natureza”. Essa perspectiva nos colocou em sintonia com a concepção desenvolvida por Carlos que, ao propor a análise do espaço, especialmente, do espaço urbano, de forma dialética, chama atenção que

Não se trata da transposição de categorias e análise marxista para a geografia, mas de sua superação e, dentro desta perspectiva, repensar a geografia e sua capacidade de analisar os fenômenos que se propõe. Trata-se, em princípio, de entender a relação homem-natureza num outro patamar, o que significa repensar o lugar do homem dentro da geografia e o significado do espaço. (CARLOS, 2008a, p. 14).

Nesse sentido, e ainda com respaldo em Carlos (2008b), consideramos espaço como uma criação humana que, a partir de uma base física, envolve

produção de bens, como também de ideias e representações que o homem tem da vida material e cuja tradução se concretiza nas relações sociais. Desse modo, as ideias relacionadas ao objeto deste estudo e a seus recortes, no tempo e no espaço, se alinham à concepção de conhecimento geográfico que privilegia a relação sociedade-natureza permeada por relações sociais em sua dinamicidade.

No que diz respeito ao espaço-matriz das investigações deste trabalho trata-se da expansão do *espaço urbano rumo ao espaço rural* e seus reflexos neste último. Sua especificidade, no entanto, se refere a parte da zona rural norte do município teresinense onde estão situados os povoados: São Vicente, Santa Helena, Campestre Norte, Lagoa de Dentro, Taboquinha, Gaspar, Canto do Romão e Morro do Calandi. A influência da cidade de Teresina (PI), em direção ao rural e relacionada especialmente ao espaço onde se situam os povoados mencionados, nos levaram a supor que ali estaria ocorrendo um *processo de periurbanização*. Ressalvamos que a escolha destes povoados ocorreu tendo por critério sua maior ou menor proximidade com a Rodovia PI 112, via de comunicação que vem da zona urbana de Teresina e que passa pela área pesquisada.

Quanto aos procedimentos metodológicos aos quais recorreremos para o desenvolvimento deste trabalho e, em sintonia com o que preconiza a metodologia clássica, destacamos, num primeiro momento, a busca por referências bibliográficas, através de leituras: *i*) de autores - geógrafos, sociólogos, economistas e outros, que discutem assuntos relacionados com o tema desta tese, especialmente os que se baseiam numa matriz teórico-metodológica de viés dialético, em livros e artigos científicos, acessados tanto por meio impresso ou eletrônico; *ii*) de documentos relativos, especialmente, ao município e à cidade de Teresina (planos, projetos, legislação) que contribuíssem para a compreensão da realidade teresinense e da formação de área periurbana; num segundo momento, realizamos pesquisa empírica através de entrevista semiestruturada, com 26 moradores dos povoados antes mencionados, pela suposição, já expressa na hipótese, de que a proximidade com Teresina estaria contribuindo para a formação de área periurbana, ao norte da zona rural do município teresinense onde se situavam os citados povoados. Estas pessoas foram identificadas como os **moradores dos povoados** e serão assim tratadas, no texto, de agora em diante. Por contarem com uma “certa centralidade” **os moradores dos povoados** estariam menos expostos à influência de Teresina dos que outros 10 moradores, também entrevistados, e qualificados, aqui e em todo

o texto, como **outros moradores da área**. A abordagem às pessoas pesquisadas ocorreu em trechos diversos da área: estradas, locais de encontro e de abastecimento da população local, sem a preocupação de registro do seu local de moradia (povoados, sítios ou chácaras). Os dois grupos de entrevistados - os **moradores dos povoados** e **outros moradores da área**, portanto, somando 36 pessoas, responderam à entrevista semiestruturada que abordou: origem e tempo de vivência na área tanto dos **moradores dos povoados** como dos **outros moradores**; as principais atividades produtivas praticadas pelos **moradores dos povoados** e pelos **outros moradores** da área e sua relação com a propriedade da terra, além de outras atividades produtivas praticadas pelos moradores dos povoados; local(is) e tipo(s) de estabelecimentos comerciais onde os moradores dos povoados se abastecem; elementos mais expressivos da estrutura dos povoados; aspectos relacionados às mudanças ocorridas na área na visão dos outros moradores, o reflexo da tecnologia nessas mudanças, bem como o papel da proximidade da área com Teresina.

O segundo elemento metodológico do qual lançamos mão foi o da representação do fenômeno da periurbanização no espaço teresinense através da: i) elaboração de mapas indicativos de alguns dos aspectos expressivos da investigação, como: localização e delimitação da área periurbana norte de Teresina, localização dos povoados ali existentes e dos que foram objeto da pesquisa; proximidade da área pesquisada com Teresina, rodovias que vêm contribuindo para a aproximação do periurbano norte de Teresina com esta cidade; ii) adaptação de mapas já existentes às necessidades explicativas desta tese; iii) registros fotográficos expressando aspectos significativos do processo de periurbanização na área de pesquisa.

Por conseguinte, e considerando o conjunto dos elementos antes descritos que contribuíram para o desenvolvimento de nossas argumentações sobre o tema selecionado, sua escrita final foi organizada em 3 capítulos, no decorrer dos quais nos apoiamos em diversos autores, citados a seguir. Assim, no Capítulo 1, denominado Urbanização: Significado, Percursos e suas Formas, pelo Mundo e em Teresina - PI, tomamos a cidade como ponto inicial de nossas preocupações procurando articular sempre a possibilidade da ocorrência de um espaço periurbano na zona rural norte de Teresina ao movimento geral de transformação do urbano. Este capítulo foi organizado em 3 itens que receberam as denominações de:

Urbanização: Seu Significado e Seu Percurso - da Cidade Compacta à Cidade Dispersa (item 1.1), no qual procuramos discutir os principais aspectos do processo de urbanização desde seu início até a segunda metade do século XX, bem como as mudanças ocorridas na cidade com a evolução do processo de urbanização x ocorrência do processo de industrialização;

Transformações no Mundo Transformações na Cidade, cuja discussão girou em torno das transformações mundiais e seus reflexos na cidade e a consequente transformação desta, de espaço compacto em espaço disperso (item 1.2); *Formas de Dispersão Urbana: Suburbanização e Periferização* tratou desse tema (item 1.3); *Teresina: Aspectos dos Processos de Urbanização, Suburbanização e Periferização*, no qual analisamos aspectos dos processos de urbanização, suburbanização e periferização em Teresina (PI) (item 1.4). Neste percurso nos apoiamos em Reis (2006); Nel-lo (1998), citado por Vale (2005); Corrêa (1989), Espanha (1991) e Monclus (1998), também citados por Vale (2005); Silveira (2007); Topalov (1998); Santos (2008); Anderson (1991); Barros (1991); Deák (1988); Santos (1999); Santos (1988); Gun (1987); Mattos (2001); Carlos (2008 b); Mattos (2010); Limonad (2007); Sposito (2009); Entrena Durán (2003); Arroyo (2001); Lefebvre (2004); Huelva (2012); De Lánser (2011); Font (1997); Heinrichs et al (2009); Monte-Mór (1994); Catalão (2010); Bezerra et al (1983); Souza (2005); Lencioni (2003); Miranda (2008); Souza (2010); Demattêis (1998); Williams (1989); Clark (1985); Santos (1993); Langenbuch (1999); Gonzáles Reverté (2003); Corrêa (1986); Hoyt (1939), citado por Johnson (1974); Veiga (2006); Alentejano (2003); Coutinho e Vale (2011), Miranda (2009), Santoro e Bonduki (2009), Sánchez (2008), Gualdani et al (2005); Collantes (2001); Lima (2002); Bonfim e Santos Jr. (1995); Chaves (1987); Abreu (1983 e 1987); Moreira (1972); Oliveira (2003) e Façanha (1998).

No Capítulo 2, sob o título de Periurbanização: Outra Forma de Dispersão Urbana e Sua Ocorrência na Cidade de Teresina - PI discutimos, respectivamente, sobre: o processo de periurbanização em seus contexto e caráter global, bem como sua formação mundo afora (item 2.1 - Processo de Periurbanização e de Formação de Áreas Periurbanas: Contexto e Caráter Global); conceituações e definições atribuídas a tais áreas (item 2.2 - Processo de Periurbanização/Formação de Áreas Periurbanas: Conceituações e Denominações); características de áreas periurbanas (item 2.3 - Processo de Periurbanização/Formação de Áreas Periurbanas: Características); tipologias sobre áreas periurbanas (item 2.4 -

Processo de Periurbanização/Formação de Áreas Periurbanas: Algumas Tipologias); tendências, possibilidades e consequências do processo de periurbanização (item 2.5 - Periurbanização: Tendências/Possibilidades, Consequências); e, finalmente, procurando adentrar mesmo na discussão sobre o objeto concreto desta tese - *formação de área periurbana norte de Teresina* - buscamos suas identidade tipológica e características mais expressivas (item 2.6 - Área Periurbana Norte de Teresina: Características e Identificação Tipológica). Nossas referências neste capítulo foram: Entrena Durán (2003); Ajara (2010); Pereira (2012); Vale (2005); Newrur (2001-2004), citado por Entrena Durán (2004a); Plurel (2011), mencionado por Piorr Et Al (2011); Pu-Ech, citado por Pereira (2012); Spesp (2000), referido por Asensio (2005); Asensio (2005); Projeto Rurbano, citado por Abramovay (2000); Abramovay (2000); Brum (2006); Miranda (2008); Conti (2009); Silva (2010); Barsky (2005); Berger (1989); Limonad (2007); Sposito (2009); Souza (2002); Arroyo (2001); Corrêa (1986); Buxton e Choy (2007); Miranda (2009); Vale e Gerardi (2006); Machado (2010); Rocha et al (s/d); Santoro e Bonduki (2009); Valete (2004); Souza (2010); Maia (2000); Font (1997); Roselló e Rodríguez (2010); Oliveira et al (2004); OECD (1994), citado por Abramovay (2000); Iaquina e Drescher (2002); Monte-Mór (1994); Oliveira (2003); Santana (2001); Chaves (1998); Araújo (2006); Monteiro (2002); Sorokin, Zimmerman e Galpin (1981).

O último capítulo desta tese, denominado de Área Periurbana Norte de Teresina: Reconfigurações Espaciais e Mudanças na Vida de seus Moradores foi organizado em dois itens, o primeiro (item 3.1), Modo de Vida, Modo de Vida Rural, Modo de Vida Urbano, Ruralidades, Urbanidades, Urbanidades no Rural: Algumas Discussões, introduz questionamentos sobre os conceitos que lhes dão nome (subitem 3.1.1); no subitem 3.1.2 - Ruralidades, a discussão girou em torno do atual conceito de *ruralidade*, característica ainda muito presente na área periurbana norte de Teresina; no subitem 3.1.3 - Urbanidades, abordamos a questão da *urbanidade* sob um ponto de vista atual, por considerar que esta forma de inserção das pessoas na sociedade está influenciando as transformações espaciais e na vida dos moradores da área objeto desta tese; no subitem 3.1.4 - Urbanidades no Rural, abordamos como as diversas manifestações do urbano contribuem para a transformação desses espaços e da vida das pessoas que ali vivem.

No item 3.2 - Área Periurbana Norte de Teresina: Reconfigurações no seu Espaço e Mudanças na Vida de Seus Moradores: Modo de Vida Periurbano? (item

3.2), por meio dos subitens 3.2.1 - Perfil dos Moradores dos Povoados e de Outros Moradores da Área; 3.2.2 - Transformações na Área Periurbana e na Vida de Seus Moradores; 3.2.3 - Estrutura dos Povoados - buscamos elementos que confirmassem nossa ideia de que na zona rural norte do município teresinense estava se formando área periurbana onde os moradores dos povoados selecionados estariam vivenciando um modo de vida periurbano.

Dada a própria natureza do item 3.2 que, em grande parte, trata da realidade teresinense associada à formação de área periurbana situada ao norte do município, muitas referências buscadas para a interpretação desse binômio já foram mencionadas ao longo dos dois capítulos anteriores. No entanto às referências já indicadas nos capítulos 1 e 2, foram acrescentadas as contribuições de Laraia (2001); Guerra (1993); Wirth (1987); Sorokin, Zimmerman e Galpin (1981); Moraes (1981); Marandola Júnior e Arruda (2005); Santos (1985); Wanderley (2000); Biazzo (2008), Marafon (2010); Candiotto e Corrêa (2008); Moreira (2003); Netto (2013); Aguiar (2012); Meyer (2002); Rua (2005); Rodrigues (1992); Lefebvre (2004); Rua (2006); Graziano, Dell Grossi e Campanhola (2002)³.

Ressalvamos que este item 3.2 denominado de Área Periurbana Norte de Teresina: Reconfigurações no seu Espaço e Mudanças na Vida de seus Moradores - Modo de Vida Periurbano, é constituído da pesquisa realizada na área e da análise e interpretação dos dados coletados.

Neste sentido, e visando uma melhor compreensão de tais dados, sua apresentação será feita sob a forma de tabelas e sua análise interpretativa será efetivada sob três categorias: perfil dos **moradores dos povoados** e dos **outros moradores da área**, transformações que vêm ocorrendo na área pesquisada na visão dos **moradores dos povoados** e dos **outros moradores da área** e elementos da estrutura dos povoados e da área.

Como já comentamos, Teresina, nos últimos 15 anos, vem perdendo a condição de cidade concentrada por expressivo crescimento em direção a sua zona rural, fato que aponta para a formação de área periurbana, especialmente, na zona rural norte do município teresinense. Ao mesmo tempo - e levando em conta a pouca expressividade que processo de periurbanização têm despertado em instituições e na academia locais, por meio da produção de estudos que evidenciem

³ Ressalvamos que os autores foram citados somente uma vez em cada capítulo, seguindo a ordem em que aparecem no texto, mesmo que haja recorrência da citação desses, por capítulo.

e analisem as transformações decorrentes de tal processo - entendemos que este trabalho pode contribuir para a compreensão dessas transformações que ocorrem no espaço e na vida das pessoas que moram em áreas do município de Teresina atingidas pelo processo de periurbanização. Assim é que, com esta intenção, iniciamos a escrita do conteúdo desta tese.

2 URBANIZAÇÃO: SIGNIFICADO, PERCURSOS E SUAS FORMAS, PELO MUNDO E EM TERESINA (PI)

A urbanização é, em nossos dias, um fenômeno cada vez mais globalizado que ocorre em escala planetária, com ritmos desiguais e diferentes, mas que conduzem a uma mesma realidade complexa e diversa: a conformação de uma espécie de cidade planetária ou global.

(ENTRENA DURÁN, 2003)

2.1 Urbanização: seu significado e seu percurso - da cidade compacta à cidade dispersa

A urbanização moderna, tal como fomos habituados a concebê-la, decorre da industrialização que se deu no final do século XVIII, e que, a partir de então, tornou-se, em todo o mundo ocidental, sobretudo no mundo europeu, o processo produtivo dominante.

Embora tenha se originado há mais de dois séculos, a urbanização é fenômeno atual, pois, de acordo com Reis (2006, p. 21), "ao longo da segunda metade do século XX, em todos os continentes, ocorreu uma elevação acentuada nos índices de urbanização".

Fenômenos surgidos das mesmas determinações históricas, urbanização moderna e industrialização, têm sua expressão sócio-espacial na cidade *moderna* ou *cidade industrial*. Esta, dotada de conteúdo e forma próprios, tornou-se concentradora de população (mão de obra), meios de produção (fábricas/maquinários) e poder, (instituições públicas e privadas e ideologias), bem como elemento catalizador de grandes transformações sócio-espaciais que atingiram o mundo a partir de condições e de tempos diversos.

A cidade, ao assumir, nos anos iniciais do século XX, a função industrial como predominante, tornou-se, de acordo com Nel-lo, (1998) citado por Vale (2005) um espaço diferenciado em contato com um "mar de ruralidade", diferenciação que foi ocorrendo durante o longo processo de separação entre campo e cidade. Esta era formada por "coágulos" onde se concentravam atividades e formas de vida urbanas, que, com o passar do tempo foram se conectando.

Tal concentração era mais expressiva num determinado lugar - o *núcleo central* ou o *centro da cidade* - a partir do qual atividades produtivas e populações

iam rareando à medida que dele se afastavam em direção às suas bordas e para o campo a seu redor, como afirma Corrêa (1989).

Sendo dinâmica, a urbanização assume, especialmente no último meio século, uma sucessão de fases. Vale (2005), sintetiza dos autores a seguir mencionados, interpretações e denominações para tais fases: *i*) de España (1991) para quem a primeira delas é caracterizada pelo *rápido crescimento do centro e de seu entorno imediato*, ainda rural, que diminui ou permanece estagnado; seguem-se as fases *de suburbanização*, em que há um decréscimo da cidade central ao mesmo tempo em que aumenta a população da área suburbana, e a *de desurbanização*, momento em que a população da cidade central começa a decrescer em ritmo acelerado, resultando daí um decréscimo da população de toda a região urbana. España (1991) lembra ainda que essas mudanças variam entre regiões e países, especialmente com relação às diferenças de desenvolvimento econômico e de tamanho da cidade; *ii*) de Nello (1998), que identifica as fases: a) *do crescimento da cidade pela agregação simples ou alargamento descontínuo com o espaço construído preexistente à suburbanização* (aparecimento de periferias metropolitanas, mais ou menos densas, com alguma ligação com a cidade central); b) *da suburbanização à periurbanização* (integração das dinâmicas metropolitanas a antigos núcleos rurais); e *desta última forma c) à rurbanização* (dinâmicas metropolitanas que atingem os espaços rurais mais distantes da cidade); *iii*) e de Monclús (1998), que se refere ainda a uma quarta fase da urbanização, que seria a fase da *reurbanização*, ou de recuperação do núcleo central, chamada também de *gentrification* ou enobrecimento de áreas, conforme Silveira (2007), situação que ainda não se configurou na maioria das grandes cidades dos países desenvolvidos.

Durante os dois séculos em que se estruturou a cidade *moderna/industrial* tornou-se a marca de grande parte do mundo ocidental, exibindo sua força através dos mecanismos de mercado - a produção, a circulação e o consumo de produtos -, da multiplicação de fluxos territoriais, do desempenho de funções que lhes eram próprias, além de se tornar abrigo de uma população com um modo de vida peculiar - o modo de vida urbano.

2.2 Transformações no mundo, transformações na cidade

Modelos, formas, funções, oposições e quantidades foram os referenciais que deram sustentação à análise da cidade e de urbano, até metade do século XX. Nesse momento, transformações econômico-sociais, de ordem mundial que começaram a se delinear por volta dos anos 1960 do século antes mencionado, ganharam contorno de uma *crise*. Sua *raiz*, segundo comenta Topalov (1988, p.14), estaria “numa mutação do regime de acumulação, isto é, de mudanças das formas da divisão social e espacial do trabalho”, que alteraram o conjunto modelo-conteúdo da cidade produzida anteriormente.

A mencionada *crise* foi objeto de estudo de pesquisadores de países situados em diferentes patamares de desenvolvimento, com apoio em diversas abordagens e vertentes teóricas (SANTOS, 2008; SANTOS, 1999; SANTOS, 1988; ANDERSON, 1991; BARROS, 1991; DEÁK, 1988; GUN,1987).

As interpretações sobre a *crise*, antes mencionadas e embora diversas, consideravam que sua origem estaria sempre na “raiz” mencionada por Topalov (1988), acrescida “a los efectos combinados y simultaneos de las nuevas tecnologías de la información, de la reestructuración económica y de la globalización”, como enfatiza Mattos (Editorial, 2001).

Incidindo de modo global na sociedade por meio da economia - que se reestruturou através de formas flexíveis do capital - a *crise e sua associação às novas tecnologias de informação*, atingiram também o espaço, alterando profundamente as formas de urbanização e da cidade, como também das relações desta com o campo (CARLOS, 2008 b). Tais alterações se manifestaram de modo mais expressivo por meio da chamada *urbanização dispersa* e de seus reflexos sócio-espaciais.

Analisando as novas modalidades de organização e distribuição territorial das atividades produtivas e da população no crescimento das metrópoles latino-americanas mais avançadas, Mattos, (2010), considera também que as consequências da combinação de novas tecnologias da informação, de reestruturação econômica e, especialmente, da globalização, repercutiram, dentre outros aspectos, nas relações sócio-espaciais e nas mudanças do crescimento metropolitano. Neste, as características ultrapassaram as relações meramente econômicas estabelecidas através do processo de industrialização, atingindo um

patamar mais complexo, no qual as cidades apresentam novos conteúdos e formas, das quais se destaca a sua penetração em territórios para além do urbano convencional, como já apontado por Carlos (2008 b), em parágrafo anterior.

Por isso, a combinação *urbanização dispersa - novas formas de atividade e de viver* - como informam Limonad (2007) e Sposito (2009) - tem evidenciado a necessidade de elaboração de novos referenciais explicativos que extrapolem “modelos, formas, funções, oposições e quantidades” até então tidos como elementos suficientes para a compreensão da urbanização e da cidade. Nesse sentido, partindo de questionamentos de Lefebvre (2004), Limonad (2007) encaminha a discussão sobre as alterações na relação industrialização-urbanização, dizendo que, atualmente, em razão das citadas transformações técnico-científicas, vêm ocorrendo mudanças nos processos de trabalho e de produção, que extrapolam sua organização central e que atingem territórios fora dos limites urbanos, dando nova forma aos espaços de trabalho. Tais transformações técnico-científicas e seus reflexos produziram mudanças com relação às concepções do que é rural, do que é urbano, do que é urbanização e dos novos arranjos sócio-espaciais a partir daí produzidos. O processo de urbanização, em especial, ganha assim uma nova dimensão, como processo geral de organização das atividades produtivas e da distribuição espacial da população.

Para Carlos (2008 b, p.183), as transformações antes mencionadas foram tão profundas que hoje a urbanização assume uma nova posição na configuração espacial: de “induzida pela industrialização”, torna-se “a indutora de uma nova realidade, em que o fenômeno ultrapassa a fábrica e o processo produtivo, passa a tomar a vida em suas múltiplas dimensões, realizando-se em outras esferas, como a do cotidiano”.

A complexidade da urbanização atual repercute, igualmente, no pensamento de Nel-lo, que considera inconciliáveis os conceitos de cidade e limites, pois

[...] por um lado, a expansão urbana sobre o território não fez desaparecer as velhas divisões sociais do espaço, mas transformou seu caráter e expressão. Por outro, a cidade difundiu-se sobre o território, ultrapassando os antigos limites administrativos que, mesmo assim, continuam existindo. (NEL-LO, 1988, apud VALE, 2005, p. 66).

A dispersão de populações e de atividades em direção a territórios externos aos limites administrativos da cidade, inclusive sobre as áreas e atividades

agrícolas, é chamada de *urbanização difusa* ou *dispersa*. Para Entrena Durán (2003), existem diferentes aproximações ao conceito de *urbanização difusa* ou *dispersa*: alguns a entendem como continuação da suburbanização; outros, como Arroyo (2001), consideram a urbanização dispersa como um fenômeno totalmente novo, pelo qual antigas áreas metropolitanas perdem população e onde tem início processo de deslocamento dessa população para periferias em crescimento; para Monclús (1998), citado por Vale (2005, p 74), a “dispersão suburbana” tem relação com a descentralização e o caráter extensivo das novas áreas industriais e com elementos estruturais a ela associados (parques cercados de oficinas, equipamentos de grande porte, aeroportos, universidades, centros comerciais), porque, sendo grandes consumidores de espaço, geram uma fragmentação espacial pela convivência de diversos usos do solo e variadas classes sociais (desde guetos e bolsões de marginalidade a conjuntos residenciais nobres), cujas paisagens podem ser observadas tanto nas grandes cidades como também nas pequenas aglomerações.

Em projeto sobre urbanização dispersa que originou o texto *Urbanização Dispersa: Uma Nova Forma de Desenvolvimento Urbano?* Limonad (2007) aponta o Veneto italiano como o lugar onde primeiramente ocorreram a realocização espacial da população e de suas atividades produtivas, fenômeno “a princípio geograficamente localizado e próprio de um contexto sócio-territorial específico”. Tal fenômeno se generalizou intensamente, por todo o mundo, nos últimos vinte anos, sob denominações variadas, algumas aqui já mencionadas (*urbanização difusa*, *suburbanização*, *contraurbanização*, *explosão urbana*, *dispersão territorial*, *urbanização extensiva* etc).

Desse modo, a dispersão urbana e a realocização espacial da população e das atividades produtivas apresentam-se, atualmente, sob formas diversificadas, especialmente as relacionadas a aglomerados urbanos concentrados em condomínios fechados ou em loteamentos residenciais dispersos nos cinturões verdes, ou ainda em áreas rurais na periferia dos centros urbanos de grande e médio porte, apresentando-se como conjunto de casas de fim de semana, ou de segundas residências que tendem a ser converter em primeira residência.

Para Lefebvre (2004), a dispersão urbana é responsável, hoje, pelo espraiamento do conteúdo do urbano para áreas rurais. Tais movimentos de realocização de população e de atividades levam Limonad (2007 p. 42) a questionar se eles

constituem uma nova forma de desenvolvimento urbano, ou se são mais um patamar do crescimento urbano, num retorno à cidade concentrada; ou ainda se tais formas representam “problemas a serem sanados”, por se apresentarem como um *desvio de padrões consagrados de crescimento urbano*, ou, finalmente, se expressam *um padrão diferente* de crescimento urbano.

Sposito (2009, p.3) também questiona se essas “novas formas espaciais, reflexo e condição de novos processos e dinâmicas de natureza econômica, social, política e cultural, podem ser qualificadas de formas espaciais urbanas”. Observa ainda a referida autora que a dispersão urbana, fenômeno que teve início em espaços metropolitanos onde os níveis de complexidade sócio-espaciais eram mais acentuados, tem atingido atualmente espaços urbanos de diferentes tamanhos demográficos e que exercem diversos papéis urbanos.

A complexidade dos novos espaços produzidos com a dispersão urbana exige respostas, necessárias, não só do ponto de vista da produção do conhecimento, mas também como possibilidade de compreensão dos novos modos de viver e de produzir de populações submetidas a essas mudanças.

Por todas estas considerações, é certo que estamos diante de uma cidade diferente daquela cujo modelo preconizava a existência de um núcleo central, hierarquizando subúrbios e periferias. Neste núcleo central vivia uma população tida como urbana e onde se praticavam atividades assim consideradas, e em torno do qual havia um outro espaço - o campo - que se antepunha ao primeiro, especialmente, com relação à organização espacial, ao modo de vida dos seus habitantes e às formas de produzir bens.

A dispersão urbana, portanto, resulta do processo de globalização e seus mecanismos, e se espalha intensivamente. Na Europa, onde se iniciou, esse movimento tem sido discutido por diversos autores, sob abordagens diferenciadas. Assim, Huelva (2012) analisa a expansão de Sevilha, distinguindo diferentes tempos de ingresso de municípios na rede metropolitana com base em mecanismos de natureza estrutural ou institucional; De Lancer (2011) estuda a dispersão urbana em Madri a partir da análise da morfologia urbana de municípios periféricos produzindo tipologias sobre os espaços estudados; Font (1997) avalia a descontinuidade espacial da metrópole barcelonesa, informando que processos de difusão e descentralização estão atuando nesse padrão produzindo formas espaciais muito específicas e paisagens diversificadas.

Com relação à dispersão urbana na América Latina, Heinrichs et al, (2009), dentre outros, informam que vários estudos têm analisado a acelerada expansão das áreas urbanas e discutido os desafios que este processo representa em termos sociais, ecológicos e econômicos para os governos, a exemplo de Santiago, no Chile, onde a produção de habitação em grande escala tem sido uma tendência, impulsionada, em parte, por políticas públicas.

No que diz respeito à realidade brasileira o tema em questão também tem sido discutido. A respeito, Monte-Mór (1994) considera que a extensão das condições de produção decorrentes da revolução tecnológica é responsável por transformações que atingem amplos espaços nacionais, produzindo o movimento de dispersão urbana. Discutindo igualmente sobre a urbanização difusa brasileira, Catalão (2010) analisa tal processo com relação a Brasília (DF), originalmente, uma cidade compacta por excelência, onde o processo de periferização foi responsável pela constituição de espaço metropolitano, cujos reflexos têm ocorrido na vida cotidiana dos habitantes, sobretudo no que se refere à mobilidade e a práticas espaciais. Ainda com relação ao Brasil, lembra Sposito (2009) que a ocorrência da urbanização dispersa é promovida por diferentes agentes produtores do espaço urbano sob as mais diversas estratégias.

Cerca de trinta anos atrás, quando a cidade compacta predominava na organização urbana brasileira, Bezerra et al (1983) já discutiam sobre o crescimento que ultrapassava o urbano para além de seus limites administrativos, e a criação de formas até então pouco conhecidas. Alertavam, na ocasião, que a produção de uma "nova cidade", a partir das periferias das metrópoles era motivo de preocupações, sobretudo as relacionadas com o planejamento, "que assim não pode ter mais como unidade de atuação apenas uma cidade, mas sim uma "região urbana" (BEZERRA et al, 1983, p.60). Por essa época, o crescimento de grandes cidades, especialmente no Brasil, começam a ganhar espaço, levando à criação das regiões metropolitanas e a estudo sobre redes urbanas.

Discutindo sobre o processo de metropolização, Lencioni (2003 p.35) diz que este "imprime ao território características que até então eram exclusivas da região metropolitana, fazendo com que as práticas sociais do território atingido pela dispersão fiquem sujeitas aos códigos da metrópole". Conforme Limonad (2007, p.12) a urbanização apresenta-se, atualmente, como "uma mudança de caráter qualitativo, não necessariamente mensurável pelos indicadores já consagrados",

mudança essa que estaria associada a transformações ocorridas na reprodução das relações sociais de produção com reflexos no modo de vida das populações. Esse contexto leva Entrena Durán (2003), a destacar, na sociedade atual, características relacionadas a mudanças: *i) qualitativas*, como a busca por conforto, tranquilidade e qualidade de vida, aspectos que já não podem mais ser propiciados pelos congestionados centros urbanos compactos, constituindo motivações para a saída de populações desses espaços, e o conseqüente estabelecimento de habitação e de atividades produtivas em territórios situados no entorno da cidade convencional; *ii) de natureza estrutural*, tais como a disponibilidade de solo em terras próximas à cidade, e seus uso e ocupação relacionados à especulação imobiliária, diferentemente da disponibilidade associada ao solo rural, como o cultivo da terra; o avanço dos meios de locomoção (especialmente os de uso individual em detrimento dos meios de transportes coletivos) e melhoria das infraestruturas viárias que permitem deslocamentos de natureza diversa, conforme Bezerra et al (1983); a extensão das comodidades urbanas a áreas afastadas da cidade convencional (eletricidade, telefone, água encanada); as novas tecnologias de comunicação (telefonia móvel e o uso da *internet*).

Por esses motivos, diz Entrena Durán (2003), que em áreas atingidas pela dispersão urbana estão se configurando novas formas de relações sociais e de trabalho, destacando que ali pode ocorrer a prestação de determinados serviços sem a necessidade de grandes concentrações populacionais, como ocorria no passado.

A literatura sobre o amplo espectro do movimento de dispersão urbana confere diversas denominações às formas dele decorrentes. Assim, essas formas são denominadas de: franjas rural-urbana, por Wehrwein (1942), citado por Bezerra et al (1983); periferia suburbana, subúrbio ou periferia rural urbana segundo Corrêa (1989); *áreas de transição rural-urbana*, conforme Miranda (2008); *bordas da cidade*, de acordo com Souza (2010), dentre outras formas de expressão, o que indica a complexidade do fenômeno.

Considerando a expressividade da dispersão urbana, nos últimos trinta anos, pelas razões até aqui indicadas, questionamo-nos se, diante da ocorrência dessas formas recentes de extensão das cidades - constituídas por diferentes formas de habitar e de realizar diversas atividades - ainda tem relevância refletir sobre os conceitos de suburbanização e periferização.

No nosso entender, tal discussão é pertinente em razão de que a própria urbanização tem revelado através dos diversos momentos de sua dinâmica, diferentes e novas articulações sociais e econômicas que requerem investigações sobre suas formas e expressões espaciais.

2.3 Formas de Dispersão Urbana: Suburbanização e Periferização

Em decorrência dessa ideia, analisaremos neste item o fenômeno da dispersão urbana sob as formas de suburbanização e de periferização. Nosso objetivo é o de identificar uma realidade espacial: *i*) na qual o urbano tem assumido nas últimas três décadas, uma forma espraiada, difusa ou dispersa, que vem incidindo em cidades dos mais diversos tamanhos e que exercem as mais diversas funções; *ii*) situada em diversas partes do mundo, como é caso de mudanças que vêm se dando ao norte do município de Teresina (PI), cujo crescimento se dá cada vez mais em direção ao rural.

Esclarecemos que não é nossa preocupação indicar que movimento de dispersão urbana antecede ao outro, mesmo porque diversos estudos sobre a temática não estabelecem com precisão o início dos processos de suburbanização e de periferização, que parecem ter surgido em tempos próximos, na primeira década do século XX. Entendemos, no entanto, que suburbanização e periferização apresentam diferenças quanto ao seu conteúdo, segundo concepção dos autores a seguir mencionados.

Assim Demattêis (1998), comenta que a suburbanização, refletindo a forma de dependência econômico-social e cultural do campo com relação às cidades, produz dois modelos: o anglo-saxão, mais antigo, e o modelo mediterrâneo, mais recente, do qual as sociedades latinas, e a brasileira, inclusive, são herdeiras, apresentando características rurais, aspecto apontado por Williams (1989), quando associa a suburbanização a um retorno ao bucólico, um modo vida relacionado à natureza, já alterado, no entanto, pela vida urbana.

Podemos dizer que a suburbanização, de acordo com Clark (1985), provoca/reflete mudança da sociedade rural em urbana, sobretudo com relação a valores e modos de vida. O citado autor também considera que as mesmas transformações que ocorrem com populações que se deslocam para áreas suburbanas, também ocorrem com pessoas que se transferem de um lugar para

outro da cidade, em direção ao campo, ou mesmo do centro para as bordas das cidades, pois o seu simples deslocamento espacial já é suficiente para provocar mudanças em modos de vida, vinculações sociais e valores estabelecidos para onde se destinam.

As considerações de Demattêis (1998), antes mencionadas, são significativas para a compreensão do processo de suburbanização ocorrido até os anos 1950 em diferentes países. A suburbanização mais recente, no entanto, apresenta outras características como a concentração de populações e da pobreza, nas bordas ou fora da cidade, revelando um forte apelo ideológico, conforme indicam, dentre outros, Souza (2010), Santos (1993) e Corrêa (1989).

Os subúrbios, informa Clark (1985, p.111), “datam do período entre guerras, no Reino Unido, e do período imediatamente pós-guerra, na América do Norte, ligados ao desenvolvimento residencial em larga escala, no que era então o limite da cidade”. Expressam uma resposta à descentralização da população urbana facilitada pelo aumento da rede de trens e do uso de automóveis particulares, ou conforme Corrêa (1989, p.46), dos meios de “transportes mais flexíveis”. Por sua vez, Langenbuch (1999, p.39), associa a suburbanização à migração pendular e às condições de trabalho no núcleo central da cidade, pois possibilita “a transferência de moradores e atividades para os subúrbios”. Lembra, entretanto, que, dependendo da magnitude do contingente migratório podem surgir *áreas metropolitanas* ou *aglomerações urbanas*, que englobando a *cidade principal* e sua área externa, passam a competir com as atividades/funções do núcleo urbano. Gonzáles Reverté (2003), entretanto, considera que os subúrbios não são espaços à margem, mas relacionados à cidade central e fundamentais para a organização da cidade que se dispersa.

Mattos (2010) chama atenção para o traço mais marcante do crescimento metropolitano que é sua tendência à suburbanização, a partir dos núcleos originais, o que provoca a expansão da mancha metropolitana de forma incessante e a ocupação de áreas rurais, enquanto para Lefebvre (2004), a produção dos subúrbios dá início a um processo de descentralização da cidade, processo esse orientado por uma estratégia classista com o objetivo de estabelecer operários e suas famílias em novos espaços. Esses, fora dos limites urbanos estabelecidos, além de possibilitar a organização dos migrantes numa hierarquia diferente daquela da empresa, os desvinculou da ideologia da produção, e lhes deu, através de vínculos estabelecidos

com a cotidianidade e o consumo, uma outra “ideologia”, relacionada ao direito à propriedade e ascensão social.

Quanto à periferização, Bezerra et al (1983) consideram que o deslocamento de população para as bordas da cidade compacta, teve início entre as décadas de 1940 - 1960, notadamente nos países com urbanização já consolidada (países anglo-saxônicos, principalmente, nos Estados Unidos). Esse movimento, de acordo com Espanha (1991) e citado por Vale (2005), levou a integração do espaço rural pela cidade, em duas etapas distintas: a primeira, pelo crescimento da cidade em forma de anéis concêntricos, que invadiram os espaços mais próximos, integrando-os à economia urbana; e a segunda, pela urbanização de áreas mais distantes, chamada de urbanização difusa ou dispersa.

Alguns autores discutem sobre o surgimento das periferias, seus significados e suas formas de acontecer. Assim, para Corrêa (1986), as *periferias* são áreas urbanas diferentes, em conteúdo, do núcleo urbano compacto e situadas nos seus arredores, chamando atenção para as diferentes formas que a ocupação urbana ali assume com relação ao uso residencial: ou de status ou popular, sendo que com este último, o termo *periferia* apresenta forte sentido pejorativo. Informa Hoyt (1939), citado por Johnson (1974 p.239), que o crescimento das cidades norte-americanas, no meio do século passado, ocorria setorialmente, de modo especial quando se tratava de bairros com características elitistas. Tais setores de crescimento, além de serem voltados para a parte externa da cidade, seguiam a direção dos principais eixos de transportes, o que proporcionava a seus habitantes, perspectivas de amenidades, de valorização e de segregação, devido o afastamento do centro urbano. Já Miranda (2008), citando Smith (1930), comenta que áreas de periferização são aquelas construídas junto aos limites administrativos da cidade. Bezerra et al (1983, p.60) apoiados em Wehrwein (1942), identificam a periferia como “área de transição de usos urbanos para usos rurais do solo e esquecida pelos especialistas” e que necessita de planejamento pois nela estão ocorrendo problemas, como descentralização industrial e favelização sendo “uma área onde se joga tudo”.

No Brasil, a periferização foi associada, inicialmente, a setores de baixa renda, aspecto enfatizado em síntese produzida por Miranda (2008), sobre a urbanização brasileira. Nesse estudo, afirma a autora antes citada que, historicamente, a urbanização brasileira sempre apresentou um caráter periférico e

disperso, na qual, períodos e suas respectivas características, podem ser assim identificados: da década de 1940 à década de 1960, expansão da urbanização brasileira ocorre por meio de loteamentos na periferia das capitais, impulsionados pela implantação das rodovias responsáveis pela integração nacional; da década de 1970 à de 1990, ocorre crescente metropolização das principais capitais brasileiras, consequência do intenso êxodo rural e da expansão residencial na periferia, produziu áreas populares (onde se destacam loteamentos populares e favelas) e áreas de *status* (pelo surgimento dos condomínios fechados e segundas residências); da década de 1990 ao período recente, a questão rural-urbana ganhou destaque, através da discussão dos impactos da urbanização sobre o meio rural, quando são significativas as ideais de um *continuum* campo cidade, do nascimento de uma nova ruralidade, relacionada à penetração da globalização no campo, do fortalecimento dos pressupostos de conservação da natureza e da permanência de uma agricultura de subsistência.

Assim, o intenso processo de metropolização das principais capitais brasileiras, ocorrido entre os anos 1970 a 1990 e assinalado em estudo de Miranda (2008), provocou a expansão residencial em direção à periferia, produzindo áreas populares (onde predominaram loteamentos populares e favelas) e uma associação entre periferia e favelização.

Análises de Corrêa (1989), Miranda (2008) e Souza (2010) indicam que as periferias são locais desprezados pela população mais abastada, onde os pobres passam a viver em favelas, em encostas de morro, beiras de rios e canais, longe das estruturas urbanas existentes em áreas elitizadas.

Bezerra et al (1983) informam que, na década de 1980, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, a periferização assumiu um caráter meramente político, relegando a segundo plano a problemática sócio-espacial por ela produzida, pois o fenômeno ocorria pela expulsão de populações pobres, dos centros urbanos para áreas mais distantes, onde predominavam elevadas taxas de subemprego e carência de serviços urbanos.

O trabalho de Santos (1993), que analisa aspectos da cidade do Rio de Janeiro, é exemplar na interpretação dessa forma de periferização como opção de moradia para as classes menos favorecidas, expressando as relações sociais de um modelo concentrador que "enobrece" o núcleo urbano e dali exclui cada vez mais os que não podem pagar pelo alto preço da terra. Para o autor este modelo de

urbanização reflete, no plano espacial, as desigualdades sociais, exemplificadas pelo contraste entre núcleos urbanos concentradores de recursos e infraestrutura que coexistem com áreas mal servidas.

Ainda tomando como exemplo a cidade do Rio de Janeiro, Bezerra et al (1983), afirmam, no entanto, que nos anos seguintes, teve início uma inversão no padrão de periferização, com o surgimento dos chamados condomínios horizontais fechados. Essa realidade, apontada por Souza (2005, p. 33), como uma *suburbanização ampliada*, mais de uma década após o registro Bezerra et al (1983), faz referência a áreas periféricas que passam a ser ocupadas por populações mais abastadas do Rio de Janeiro (Barra da Tijuca) e São Paulo (Alphaville). Outras metrópoles brasileiras também passaram a apresentar este outro padrão de periferização, conforme Vale (2005).

Essa mudança no perfil dos migrantes de centros urbanos para áreas periféricas também é apontada por Entrena Durán (2003). Para esse autor, atualmente, esses migrantes são parte crescente de uma população urbana de classe média que vêm preferindo viver em áreas periféricas, sobretudo nos países desenvolvidos, em decorrência da crença de que nelas existe melhor qualidade de vida, postura que tem respaldado novas formas de percepção sobre o campo e o rural, segundo, dentre outros, Veiga (2006) e Alentejano (2003).

Ajara (2010), também comenta tais mudanças informando que sua ocorrência no Brasil, se dá a partir da complexa organização atual da sociedade brasileira, resultante, por sua vez, da globalização econômico- financeira, da revolução da informação e da redefinição dos papéis do estado. Assim, a compreensão do urbano e do regional deve ser buscada pela compreensão da dinâmica que tem transformado o espaço geográfico mundial e a estrutura espacial do território nacional.

Ainda nos anos 1980, e considerando o expressivo crescimento físico das grandes cidades pelo mundo e a conseqüente constituição de processos de periferização ou da formação de franja rural-urbana, Bezerra et al (1983), realizaram revisão de literatura sobre a temática, em que destacam dois importantes aspectos: i) a complexidade do uso da terra e sua respectiva valorização pela expansão urbana e pela descentralização de atividades e populações, e ii) o esvaziamento econômico das cidades centrais e a indefinição dos limites urbanos, que passam a ser difusos.

A partir desses dois aspectos, Bezerra et al (1983) explicitaram especificidades da periferização urbana, tais como: a composição social das franjas urbanas; a jornada para o trabalho; a “esterilização” das terras agricultáveis; a conversão do solo rural em solo urbano; as estratégias dos proprietários de terra e de firmas; valorização das terras periurbanas a partir do seu uso pelo avanço da expansão urbana; a expansão urbana e relação da descentralização com a atração de população e atividades (descentralização do comércio).

Analisando também a problemática de áreas periféricas de transição rural-urbana das grandes cidades brasileiras, diz Miranda (2008) que a abordagem mais abrangente da periferização se refere a intensos e diversificados processos de modificação do uso do solo pela proximidade com os núcleos urbanos, através da especulação fundiária que, aliados a políticas locais, privilegiam as atividades urbanas em detrimento das atividades rurais. Essa abordagem apresenta algumas especificidades a respeito de áreas periféricas de transição rural-urbana, como: as dificuldades quanto ao controle da expansão urbana para além dos limites político-administrativos da cidade; a atração promovida pelas atividades industriais em relação às outras atividades urbanas; as consequências da implantação de grandes conjuntos habitacionais nas periferias; a atuação dos agentes envolvidos com a transformação do solo e com os mecanismos de sua valorização, bem como a periferização da população de baixa renda.

De acordo com Entrena Durán (2003) e Vale (2005), dentre outros, apesar do crescimento nos países em desenvolvimento ter ocorrido, via de regra, periféricamente e associado à pobreza e à precariedade de vida, como anteriormente mencionado, atualmente, já é considerável, principalmente nas metrópoles, a dispersão de população de classe média alta e residente nas áreas centrais das cidades, em direção à periferia urbana, o que reforça a análise sobre tal movimento já apontado por Bezerra et al (1983). Conforme Entrena Durán (2003), o deslocamento de classes mais abastadas para a periferia tem sido favorecido pela mobilidade propiciada pelo uso do automóvel, pela elevação dos preços dos terrenos nas áreas centrais e pela busca por condições ambientais superiores àquelas que estão ocorrendo nos congestionados centros urbanos.

É preciso ressaltar que, mesmo considerando a tendência à periferização nas grandes cidades dos países latino-americanos, inclusive nas brasileiras, tem havido

a ocorrência simultânea dos dois principais processos relacionados à urbanização - concentração populacional e dispersão seletiva -, como informa Vale (2005).

Ajara (2010), discutindo sobre a urbanização brasileira atual, diz que esta incorporou elementos relacionados à globalização, que, além de redefinirem áreas de economia mais avançada, encampam, mesmo que seletivamente, todo o território nacional, como já anunciara Santos (1993), em análise sobre o tema. Por isso, diz também Santos (1993) que, atualmente, no Brasil, metrópoles e partes de áreas urbanas não metropolitanas, refletem as contradições sócio-espaciais do país, abrigando tanto atividades produtivas resultantes de alta tecnologia e associadas a padrões de sociedade do mundo desenvolvido, como também populações em situação de pobreza e miséria, desprovidas de bens essenciais que vivem em favelas nas periferias das cidades.

Analisando as preocupações apontadas por Bezerra et al (1983), nos anos 1980, e as indicadas por Miranda (2008), quase duas décadas depois, observamos que o crescimento urbano continua avançando sobre o espaço rural - ou seja a cidade continua a se perifernizar/dispersar sobre o território ao seu redor - promovendo intensas implicações sócio-espaciais.

Refletindo a complexidade e extensão dessa situação há uma vasta literatura, da qual, a título de exemplo, registramos, a seguir, algumas discussões produzidas no Brasil e em outros países, agora nos anos 2000, que dizem respeito, especialmente, a indefinição de áreas periféricas às cidades; a transformação dessas áreas rurais em espaços urbanos e a ausência de planejamento/regulação das terras situadas nas periferias/subúrbios. São referidos, assim, os estudos de: Coutinho e Vale (2011), que discutem a ausência de regulamentação em área de expansão urbana, exemplificando com o surgimento de bairro, em Pouso Alegre (MG), a partir de loteamentos incentivados pelo regime militar, em 1979, cuja área jamais foi regularizada pelo poder local, apresentando-se, atualmente, com um misto de usos rurais e urbanos; Miranda (2009), informando sobre necessidade de planejamento e aplicação de instrumentos de política urbana para áreas de transição rural-urbana da Região Metropolitana do Recife- PE, e consumo de áreas rurais pela urbanização; Santoro e Bonduki (2009), sobre possibilidade de criação de instrumento para definição do preço e do valor da terra, em área de expansão rural-urbano, e sua distribuição de forma socialmente equitativa, em municípios paulistas; Sánchez (2008), sobre desenvolvimento imobiliário, expulsão de moradores,

destruição e alteração de ecossistemas e paisagens tradicionais de áreas rurais da cidade de Medellín (Colômbia); Guldani et al (2005), relativo a ocorrência de atividades urbanas em detrimento de atividades rurais em áreas de transição rural-urbana em Rio Claro - SP, dinâmica vinculada à proximidade do núcleo urbano e Collantes (2001), relativo ao avanço da cidade de San Sebastián, no País Basco, sobre áreas rurais e preocupações com estabelecimento de planos locais de ordenamento do solo rural, dentre outros.

Lembra Sposito (2009, p. 4) que o espraiamento do tecido urbano “coloca em xeque a distinção que, desde a Antiguidade, quando da origem das cidades, vinha se estabelecendo entre o que se considera campo e o que se considera cidade” bem como a magnitude dos problemas decorrentes desse movimento. Revela também a complexidade dos espaços produzidos nos confins da cidade, realidade até então inexistente, bem como o caráter político que a questão havia assumido, especialmente, em países como o Brasil. Revela, sobretudo, a necessidade de adoção de novos referenciais teóricos e de abordagens que discutam o significado da terra nessas áreas e o papel e estratégias dos agentes sociais envolvidos na transformação de subúrbios/periferias.

Aliás, avaliando os diversos momentos da urbanização brasileira, ao longo da história do País, especialmente sobre o processo de metropolização, diz Santos (1993, p.89) que esses momentos são o reflexo do papel das articulações na organização de territórios, através dos mecanismos de mercado, produzindo um “movimento de concentração-dispersão, próprio da dinâmica territorial em todos os tempos”. Desse modo, periferização e suburbanização constituem etapas/momentos/fases do processo de urbanização que estão intimamente imbricados à relação campo-cidade. Ou ainda, como informa Sposito (2009, p. 4), são “o espraiamento do tecido urbano, seja ele analisado e/ou conceituado pelo seu caráter de dispersão, difusão ou descontinuidade territorial”. Ainda para a citada autora, tal espraiamento reflete a intensificação das relações entre o urbano e o rural, própria do momento atual do modo capitalista de produção, “o que leva a interpenetração entre espaços urbanos e rurais bem como a ampliação dos valores e práticas relacionados ao espaço urbano, sobre a vida e os valores, até então, reconhecidos como rurais”.

2.4 Teresina: Aspectos dos Processos de Urbanização, Suburbanização e Periferização

A partir das referências mencionadas nos itens 1.1 a 1.3 deste capítulo, esboçaremos agora aspectos do crescimento da cidade de Teresina com relação aos processos de suburbanização/periferização, procurando evidenciar a tendência do crescimento da cidade, que cada vez mais tem avançado em direção aos espaços rurais do município teresinense. Por essa razão, descreveremos a seguir, de forma sucinta, aspectos da dinâmica da capital piauiense nos últimos 40 anos que, de uma forma ou de outra, têm a ver com a temática deste trabalho.

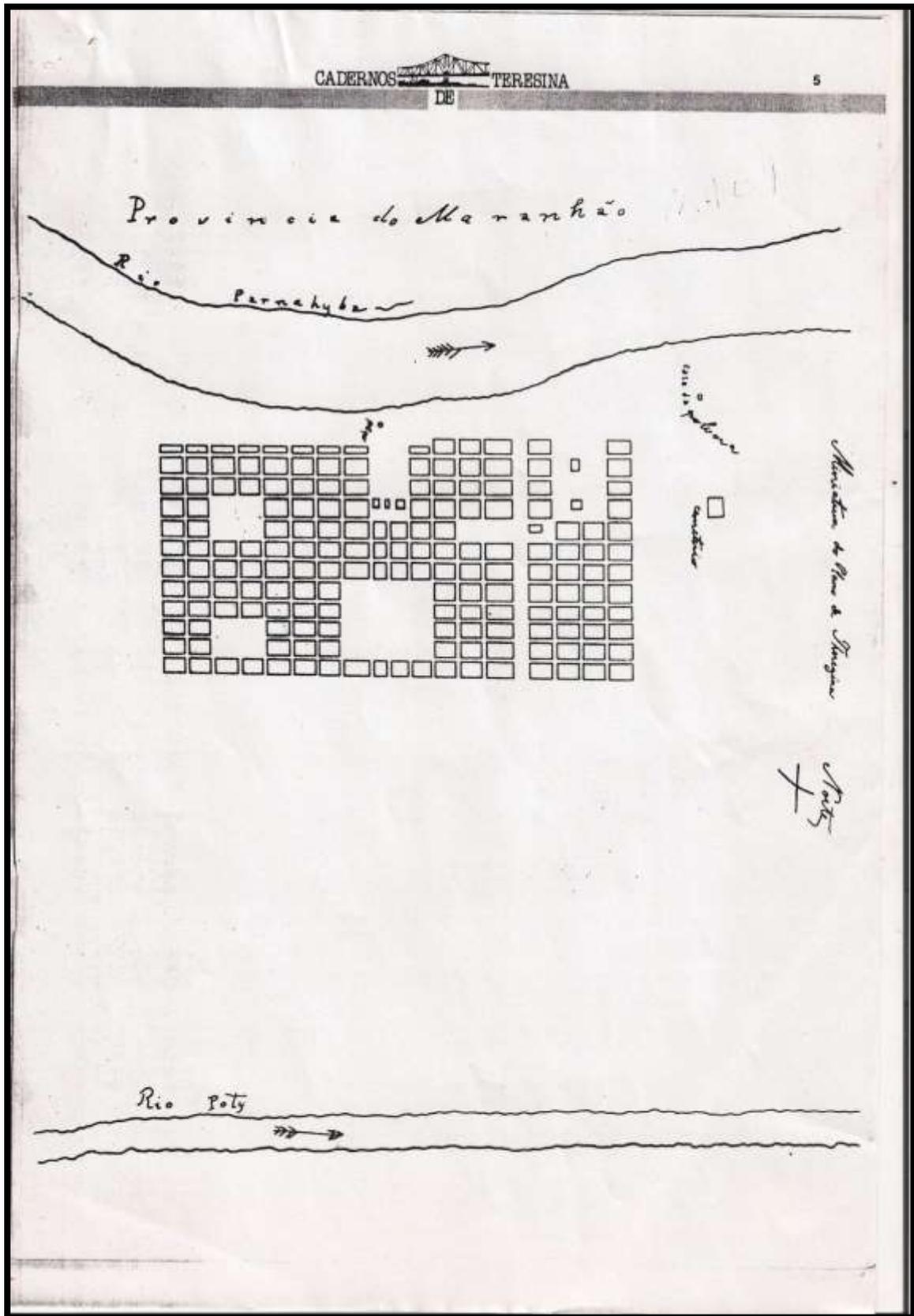
A cidade de Teresina foi planejada e edificada, no fim do século XIX (1852), para abrigar a capital da Província do Piauí. O espaço escolhido para sua instalação foi “um dos patamares do planalto Chapada do Corisco, lugar mais alto, presumidamente, a salvo das cheias”, localizado à margem do rio Parnaíba, a montante da barra do Poti, conforme Lima (2002, p. 182).

A transferência da capital do Piauí de Oeiras, situada no interior do território piauiense, para Teresina, apoiava-se na suposição de que tal acontecimento, conforme as palavras de Bonfim e Santos Junior (1995, p. 48), “abriria espaços para a agricultura de exportação e que hipoteticamente, favoreceria condições de saída da crise” provocada pela derrocada da pecuária, até então o esteio econômico do Piauí, viabilizando, através do navegação pelo rio Parnaíba, novas possibilidades de crescimento para o Estado, e ampliação das comunicações no território piauiense e fora dele.

No espaço onde inicialmente se instalou a nova cidade foram construídos prédios e espaços públicos, residências de mais alto/melhor padrão e se estabeleceram o comércio e outros equipamentos urbanos destinados à dinâmica dos primeiros tempos de Teresina. Por isso, consideramos que as “18 quadras no sentido Norte-Sul e 12 quadras no sentido Leste-Oeste”, segundo Chaves (1987), corresponderiam, à época, ao centro da cidade e à sua área urbana⁴.

Este espaço inicial pode ser observado no croquis 1 traz as primeiras informações sobre o espaço da nova capital do Piauí.

⁴ De acordo com Chaves (1987, p 30), essas quadras foram projetadas em forma de “tabuleiro de xadrez”, a partir da igreja de Nossa Senhora do Amparo - o marco inicial ou marco-zero da cidade.



Fonte⁵: Cadernos de Teresina, 1987, p. 4 a 8

⁵ Esta primeira representação da cidade de Teresina (CROQUIS 1) não indica a existência de "espaço rural". No entanto, é possível observar um "vazio", para além do traçado da malha de quarteirões - o núcleo central da capital piauiense - e para onde, em décadas seguintes a cidade se estenderia, ao qual associamos a posterior formação do espaço rural do município de Teresina.

Rapidamente esse espaço se expandiu, de modo que, em 1860, somente 08 anos após sua instalação, a cidade já avançara, em mais um quilômetro, nas direções Norte-Sul; entretanto, rumo ao Oeste, em direção ao rio Parnaíba, o crescimento foi mais lento. Essa expansão física deveu-se ao razoável aumento populacional de Teresina: na data de sua instalação a cidade contava com 100 residentes e, após dois anos de sua criação, ali já residiam oito mil pessoas, conforme Chaves (1987).

Transformações sócio-espaciais como abertura de novas ruas, instalação de alguns estabelecimentos de ensino, desenvolvimento de uma imprensa bastante ativa e do comércio, com lojas de miudezas, variedades, armazéns de mantimentos, mercearias, logo deram “novos ares” à cidade, refletindo o panorama de Teresina nas primeiras quatro décadas após sua instalação.⁶

Ao contrário do seu crescimento inicial, diversas circunstâncias como a precariedade da economia estadual e o oscilante crescimento da população piauiense, decorrentes de movimentos migratórios campo-cidade em direção ao sul-sudeste do País, contribuíram para que, no período 1940-1950 e em décadas seguintes, a população teresinense crescesse em ritmo menos intenso, conforme aponta Moreira (1972). Apesar desses percalços a cidade de Teresina se estendeu, a partir do centro, em todas as direções, em algumas regiões, incorporando áreas já urbanizadas da região sul; em outras, a urbanização foi menos intensa e descontínua (região norte). Nesta dinâmica, a cidade incorporou áreas fora do traçado original da cidade, como já apontamos na nota 5. Por esta razão entendemos que certos movimentos da população já indicavam o início de um processo de suburbanização. Esse entendimento é compartilhado também por Lima (2002), quando se refere ao aparecimento, a partir dos anos 1940, de *áreas suburbanas* em Teresina, em todas as direções cardeais, para além dos limites da

Vale a pena ressaltar que esta Miniatura de Planta de Therezina está anexada a Documento da Corporação da Câmara Municipal de Theresina. Paço da Comarca Municipal de Theresina, produzido em Sessão Extraordinária de 28 de abril de 1852. Casa Anísio Brito, Livro de registro de Ofícios n.221 (1850-1854)/Chaves 1998. Sua existência foi referida, pela primeira vez, por ABREU, I.G., em O crescimento da Zona Leste de Teresina: um Caso de Segregação?, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, UFRJ, M. Sc. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 1983. Entretanto, tal documento somente veio a público em 1987, através do texto O Papel de Teresina na Organização Espacial do Piauí, da autoria ABREU, I.G, publicado em Cadernos de Teresina, Revista Informativa da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, Teresina, Agosto de 1987, Ano I, nº 2, p. 4 a 8.

⁶ As informações até aqui registradas chamam atenção para o fato de que, desde seu início, Teresina vem se caracterizando como uma cidade voltada para a prestação de serviços e de atividades comerciais, que sempre tiveram preponderância para o seu crescimento ao longo do tempo.

cidade, das quais destacamos os bairros Piçarra, Cabral, Porenquanto, Poti Velho, para o norte; e Vermelha, Macaúba, Tabuleta, em direção ao sul⁷.

É preciso considerar que a suburbanização teresinense difere do que alguns autores concebem por tal processo. É o caso de España (1991), citado por Vale (2005), que entende que há suburbanização quando se dá um decréscimo da cidade central, ao mesmo tempo em que aumenta a população da área suburbana; ou da análise, de Demattêis (em Monclús, 1998), sobre origem desse processo quando informa que nos países anglo-saxões a suburbanização é mais recente porque deriva da expansão urbana decorrente da revolução industrial.

A suburbanização teresinense aproxima-se, no entanto, do que diz Langenbuch (1999), que associa esta transformação espacial à migração pendular e às condições de trabalho no núcleo central da cidade, pois o crescimento e Teresina, ocorrida durante as décadas 1940 -1950, para além da área central da cidade foi, sobretudo, um movimento decorrente da migração campo-cidade. Assim, a ausência de dados mais concretos, conduz a análise dessas primeiras manifestações de suburbanização em Teresina a registros informais, dos quais destacamos que, especialmente na zona sul de Teresina, residia uma população diferenciada da elite que morava no centro da cidade. Era uma elite de origem interiorana e rural, vinda de diversos municípios piauienses e que ali instalava suas famílias para que os filhos estudassem e trabalhassem no centro da capital. Por isso, concordamos com Gonzáles Reverté (2003), que considera os subúrbios como espaços importantes na construção da cidade e que não ficam à margem deste processo.

Apesar desses indícios do processo de suburbanização antes apontados, até a década de 1960, a capital piauiense e o próprio estado do Piauí eram marcados, de modo geral, por uma urbanização pouco expressiva, mesmo se considerarmos alguns efeitos positivos provocados pela aceleração do processo de industrialização brasileira, a partir da segunda metade dos anos 1950. É também por volta do final desta década que populações de mais alto status começaram a se deslocar do centro tradicional, que já se apresentava bastante movimentado, para uma “nova

⁷ Lembramos que, desde os primeiros anos do século XX, o sul sempre foi uma área de expansão da cidade, pois nessa direção se localizava uma das muitas “estradas do gado”, como a “estrada nova”, por onde os animais eram transportados das “quintas”, situadas à margem direita do rio Parnaíba, para os diversos abatedouros existentes na cidade, e por onde as pessoas se deslocavam da periferia sul para o centro de Teresina e vice-versa.

área residencial”, ainda no núcleo central e antigo da cidade - a Av. Frei Serafim -, em palacetes que refletiam o poder político e econômico dos seus residentes, conforme Abreu (1983). Nesse período a suburbanização passou a ocorrer em todas as direções da cidade, movimento que se acentuou com o passar do tempo. Pelas décadas de 1960 - 1970 a dinâmica de Teresina tornou-se mais intensa e complexa, quando ocorreram: *i)* alterações nos limites da cidade, demarcados até então, a leste, pelo rio Poti⁸; ao sul, pela Avenida José dos Santos e Silva; ao norte, pela Avenida Miguel Rosa, com a ultrapassagem do “corte”⁹; *ii)* aumento de áreas com características semelhantes às identificadas na área situada “além do ‘corte’ ” que constituíam, em forma e em conteúdo, a *periferia da cidade*, às quais se costuma associar pobreza e falta de infraestrutura¹⁰; *iii)* aceleração do crescimento da cidade, em decorrência de diversas intervenções urbanas¹¹, especialmente na direção da região sul, onde foi notável a instalação de favelas.¹²

⁸ A zona leste de Teresina, até os anos 1960-1970, era área rural onde predominavam sítios, chácaras, fazendas e povoados, com habitações esparsas e baixa densidade populacional. Sua ocupação foi facilitada pela construção, em 1955, de ponte de concreto (ponte Presidente Juscelino Kubistchek) sobre o rio Poti, ligando a Avenida Frei Serafim, no centro urbano tradicional, à referida área. Sua rápida ocupação deu-se especialmente nos anos 1970 em razão de circunstâncias temporalmente associadas: a construção de residências espaçosas e de alto padrão, juntamente com a instalação ali do campus da Universidade Federal do Piauí e de infraestrutura urbana (avenidas, fornecimento de energia, água e esgotamento sanitário) transformando-a em área que atualmente agrega, de forma predominante, habitações e serviços elitizados.

⁹ O “corte” - desnível por onde passava via férrea da avenida Miguel Rosa - marcava o limite da “urbanidade” de Teresina nos anos 1970: depois dele não se podia dizer que existiam ruas, havia somente vielas estreitas, tortas e sem calçamento, tomadas pelo mato, onde pastavam animais e passavam poucos carros.

¹⁰ Tais áreas corresponderiam a uma das duas formas apontadas por Corrêa (1989), com relação a ocupação periférica, no caso, a ocupação por habitação popular. No entanto, não eram chamadas de periferias, até porque essa expressão não era conhecida: elas eram chamadas de pontas de rua, ou subúrbios de Teresina.

¹¹ Essas intervenções urbanas possibilitaram o crescimento da cidade em todas as direções. Na direção sul este crescimento foi viabilizado pela continuidade das Avenidas Miguel Rosa, Barão de Gurguéia e Henry Wall de Carvalho, e pela abertura das estradas PI 130 e BR 316, estas em direção ao sul do Piauí. No entanto, a formação desse eixo, que também se inicia a leste da cidade, mas ao contrário daquele que ocorreu igualmente nesta direção, nas décadas 1960-1979, este se formou em área urbana (embora à época ainda não reconhecida como tal), à margem direita do rio Poti e à direita da BR 343. Neste espaço foram construídos: terminal de petróleo, pátio de manobras de ferrovia, ponte sobre o rio Poti (Ponte Presidente Tancredo Neves), cemitério e estádio de futebol. Essas intervenções urbanas concorreram para que a grande área da cidade, antes mencionada, que apresentava até então características rurais, se tornasse efetivamente urbana (Lei municipal nº 2109, de 03.02.1992). Este crescimento ocorreu, então, em forma de arco, a leste e à direita da BR 343, que, ao juntar-se ao crescimento em direção ao sul, incorporou grandes conjuntos habitacionais ali construídos (os conjunto habitacionais Dirceu Arcoverde, Parque Piauí e Bela Vista, dentre outros). Esta área, conhecida informalmente como “região do Grande Dirceu” constitui a zona sudeste de Teresina, área de intensa ocupação, onde se localizam cerca de 20 bairros.

¹² Essa e outras circunstâncias levaram a prefeitura de Teresina a instituir, em 1977, conforme comentário de Façanha (1998), o I Plano Estrutural de Teresina, (I PET), na tentativa de disciplinar o intenso crescimento da cidade, através de ações de descentralização de atividades, dotando, ao

Seguindo a trajetória do Nordeste brasileiro, somente na década de 1980 a população urbana do município teresinense ultrapassou o número de moradores do campo. Nessa década, de acordo com Façanha (1998), apesar da crise que atingiu a economia brasileira e, conseqüentemente, setores envolvidos com a questão da habitação, foram construídos diversos conjuntos habitacionais que concorreram para o crescimento populacional da cidade, que ocorreu de modo diferenciado entre as zonas sul-sudeste e norte de Teresina. A zona norte de Teresina, por exemplo, pouco se desenvolveu, apesar da construção de avenidas e pontes interligando seus bairros ao centro da cidade, situação que perdurou até o início dos anos 1980. A zona sul, ao contrário - e conforme já comentamos - , teve crescimento expressivo.

Nos anos 1990, dificuldades enfrentadas pelo Piauí em decorrência da situação econômica do País, inviabilizaram a concretização de vários projetos voltados para o território piauiense e para sua capital. Apesar desses reveses, Teresina manteve e ampliou sua polarização, tanto no território piauiense quanto fora dele, em razão da instalação na cidade de diversas atividades públicas e privadas. Tais condições fizeram com que o crescimento periférico e a favelização da cidade persistissem, localizando-se especialmente nas zonas sul e norte da cidade. Assim, ainda segundo Façanha (1998), o II Plano Estrutural de Teresina (II PET), de 1988, registrou preocupação do poder público municipal com a crescente expansão da cidade para as zonas norte, onde existe concentração de lagoas e áreas alagadiças, e para a zona sul, por ser área de topografia acidentada e de proteção de manancial de abastecimento d'água. Em contrapartida, o mesmo documento sugeriu prioridade para a ocupação da zona leste da cidade, onde deveria ser instalado o maior número de funções urbanas, em detrimento da área central de Teresina. De fato, a zona leste tem-se consolidado como outra área de expansão da capital, onde, atualmente, predomina a verticalização e a instalação de inúmeros serviços, majoritariamente promovidos pela iniciativa privada.

Desde o fim dos anos 1990 e nas décadas do ano 2000, a cidade continuou a crescer periféricamente, sendo possível observar a ocorrência de uma *reorganização espacial* pela formação de novas centralidades, para além pela do centro tradicional, em periferias já consolidadas, especialmente ao norte e ao sul da

cidade.¹³ Esta dinâmica - formação de novas centralidades em áreas periféricas - deu-se com o avanço da cidade para áreas até então rurais.

Desse modo, o conjunto dessas informações nos permitiu sintetizar alguns aspectos relacionados aos processos de urbanização, suburbanização e periferação de Teresina, tais como:

- o crescimento da população urbana piauiense e teresinense seguiu, historicamente, a ocorrência desse processo na região nordeste;
- o processo de suburbanização, fortemente associado ao espaço rural, foi responsável pelo crescimento da cidade, para além do centro tradicional;
- a continuação do crescimento de Teresina ocorreu periféricamente, em forma de eixos, de acordo com o modelo proposto por Hoyt (1939), mencionado por Johnson (1974), seguindo, inicialmente, a direção sul; em seguida atingiu sucessivamente as direções leste, leste/sul (partes das quais constitui atualmente a zona sudeste da cidade) e norte;
- a conotação de periferia em Teresina, especialmente com relação aos eixos de crescimento sul e norte, apresentou as características apontadas por Corrêa (1986 e 1989) e Souza (2010), dentre outros.

Por fim, consideramos que o crescimento periférico de Teresina, que se iniciou desde a década de 1960, tem-se intensificado nos últimos 40 anos, sempre em direção à zona rural, conforme descrição a seguir:

- o **primeiro eixo**, seguindo a **direção leste** da cidade, começou a se constituir, como já comentamos, a partir dos anos 1950/1960, e continuou a crescer de forma intensa até a década 1990.
- o **segundo eixo**, seguiu a **direção leste/sul (sudeste)** teresinense, especialmente na década de 1970, impulsionado por diversas intervenções urbanas já mencionadas (ver nota 12). Seu crescimento continua.

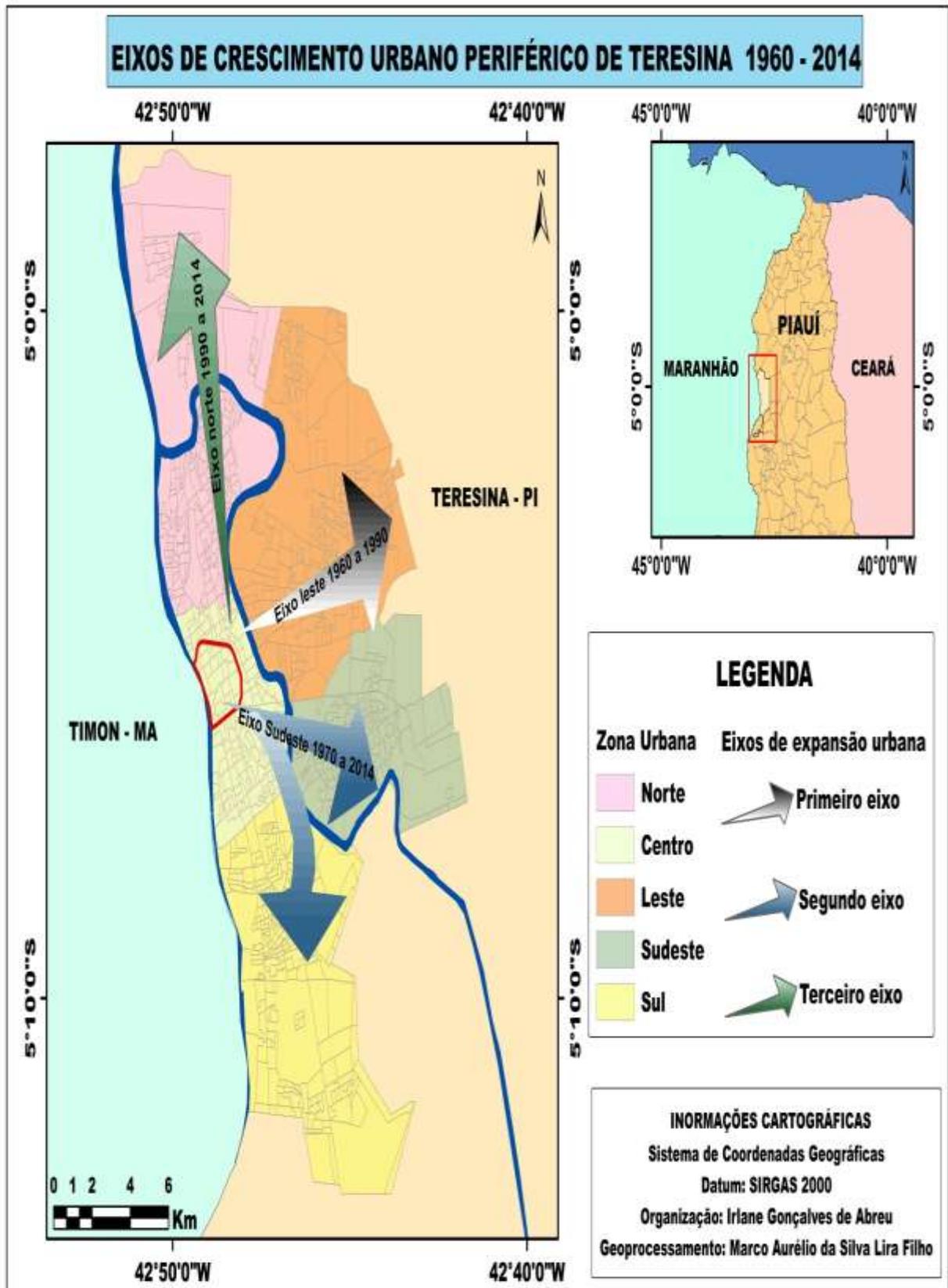
¹³ Neste contexto destaca-se, em Teresina, o surgimento de novas centralidades: i) ao norte, com o expressivo crescimento da chamada “região da Santa Maria da Codipi”, “região” que originalmente foi uma invasão e atualmente é responsável pela forte expansão da cidade em direção à zona rural norte da cidade, agregando inúmeras vilas e comunidades, e, em especial, o grande conjunto habitacional Jacinta Andrade que se limita com a área de realização da pesquisa empírica deste trabalho e onde está sendo implantado o Polo Empresarial Norte; ao norte se destaca também a nova centralidade exercida pelo bairro Mocambinho e inúmeras comunidades ao seu redor; ii) ao sul, pelos bairros Itararé (mais conhecido como Dirceu Arcoverde, atualmente uma das regiões de intenso crescimento de Teresina, que polariza muitos outros bairros, constituindo, atualmente, “a região do Grande Dirceu”) e Parque Piauí.

- o **terceiro eixo** de periferização de Teresina avança em **direção ao rural norte** do município, com a construção da ponte Mariano Castelo Branco¹⁴ sobre o rio Poti, na década de 1990. É eixo que continua em expansão.

Estes eixos de crescimento de Teresina estão expressos no MAPA 1, a seguir.

¹⁴ Tal ponte propiciou rapidez nas ligações entre o bairro Poti Velho (bairro cuja história se associa à criação de Teresina, situado à margem esquerda do rio Poti e que durante muito tempo apresentou crescimento pouco expressivo) e propriedades rurais localizadas à margem direita desse rio. A partir dos anos 1980 - 1990 essa área foi ocupada por assentamentos e logo incorporada ao perímetro da cidade de Teresina, constituindo, atualmente, o bairro de Santa Maria da CODIPI, em torno do qual se estabeleceram diversos núcleos populacionais, quase todos habitados por população de baixa e média renda. Em 2011 foi construída outra ponte (ponte Leonel Brizola, conhecida popularmente como ponte da Pedra Mole), que tem contribuído para facilitar fluxos e ligações entre as zonas urbanas norte e leste e zona rural norte de Teresina.

Mapa 1 - Eixos de Crescimento periférico de Teresina – PI, 1950 a 2014



As referências teóricas sobre processos de suburbanização/periferização, bem como o registro de informações sobre a ocorrência destes processos em Teresina, que sempre têm se dado em direção à zona rural do município teresinense, nos permitem considerar que a forma como a capital piauiense vem crescendo nos últimos anos se aproxima do que os estudiosos chamam processo de periurbanização. Por esta razão discutiremos no capítulo 2, a seguir, diversos aspectos deste processo, procurando estabelecer sua aproximação com a área selecionada para esta pesquisa.

3 PERIURBANIZAÇÃO: OUTRA FORMA DE DISPERSÃO URBANA E SUA OCORRÊNCIA NO MUNICÍPIO DE TERESINA (PI)

No entorno das cidades, nas áreas que ainda não foram incluídas no perímetro urbano, mesclam-se usos do solo rural e urbano e esses espaços são denominados de periurbanos. (ANA RUTE DO VALE, 2005)

3.1 Processo de Periurbanização e de Formação de Áreas Periurbanas: Contexto e Caráter Global

Como já discutido no capítulo 1, a complexidade e a dinamicidade do mundo atual, resultado de transformações de ordens diversas, têm produzido novas articulações entre espaços urbanos e rurais. Como consequência, é possível verificar a ocorrência de novas formas espaciais resultantes dessas articulações, das quais destacamos a dispersão do urbano em direção a áreas rurais, através dos processos conhecidos como suburbanização, periferação, rurbanização¹⁵, e periurbanização.

O conceito de espaço periurbano é bastante estudado em decorrência também da difusão da urbanização, fenômeno ao qual é associado. Desse modo, e considerando as inúmeras análises já realizadas sobre espaços periurbanos que têm viabilizado suas conceituações, contextualizações, delimitações, denominações e tipologias, existiriam ainda outros aspectos do periurbano que mereçam ser investigados? Talvez, se levarmos em conta a possibilidade de compreendê-los como espaços nos quais vêm ocorrendo mudanças expressivas no modo de vida de populações que ali habitam, um dos aspectos privilegiados nesta tese.

Como enfatizamos anteriormente, a literatura sobre processos de periurbanização/formação de espaços periurbanos é considerável, sinalizando para a magnitude da questão, que, no limite, envolve redefinições sobre os espaços urbano e rural e suas relações. Essa literatura reflete também a preocupação de estudiosos a respeito de diversos aspectos e abordagens do *processo de*

¹⁵ VALE (2005, p.39), cita Andrade (1995), para quem a rurbanização não significa somente uma situação intermediária entre a puramente rural e a exclusivamente urbana, mas uma mistura entre os valores representados pelos modos de vida rural e urbano.

periurbanização e da formação de espaços periurbanos, em diferentes instituições, pelo mundo todo, aspectos que procuraremos discutir no decorrer deste capítulo.

É também com base nessa literatura que tentaremos identificar e caracterizar, em seus aspectos mais expressivos, o espaço situado ao norte da cidade de Teresina, que supomos tratar-se de área periurbana, e que é o objeto empírico desta tese.

As formas espaciais resultantes dos processos de suburbanização e periferização se expressam, concretamente, nos subúrbios e nas periferias, conforme já discutimos no capítulo 1. Quanto às especificidades do processo de periurbanização e das áreas perirubanas do qual decorrem, serão discutidos neste capítulo.

Dos muitos pesquisadores preocupados em identificar o contexto e os condicionantes do surgimento do processo de periurbanização e da formação de áreas periurbana, podemos mencionar Entrena Durán (2003, p.69) para quem está ocorrendo uma nova e complexa relação histórica entre sociedade e território, por parte de diferentes grupos sociais. Tal relação seria resultante das mudanças produzidas, em escala global, na mundialização da economia e na transformação dos sistemas produtivos decorrentes da automatização destes para formas de produção mais flexíveis e fragmentadas, cujos impactos podem ser observados nas formas de emprego e no aumento do tempo livre, decorrentes, por sua vez, dos avanços nos sistemas das comunicações e nos meios de transporte. .Mencionamos também as observações de Pereira (2012, p.18), que semelhantemente a Entrena Durán (2003), destaca a mundialização da economia, decorrente das estratégias da globalização, como viabilizadora de contexto favorável ao “surgimento de espaços periurbanos que se adaptam a diferentes contextos”.

Ainda de acordo com Entrena Durán (2003), como consequência da urbanização dispersa e do surgimento de espaços periurbanos, a separação campo-cidade e as diferença entre o rural e o urbano se tornam cada vez mais difusas, provocando uma crescente imbricação na relação entre esses espaços, bem como o espraiamento atividades econômicas e de formas de vida predominantemente urbanas pela quase totalidade dos territórios, especialmente dos países europeus.

Tais circunstâncias levaram ao desenvolvimento, nos últimos dez anos, de muitos projetos envolvendo estudiosos de vários países da Europa para discussão de aspectos referidos a áreas periurbanas. Exemplo de um desses projetos é o

Urban Pressure on Rural Areas: Mutations and Dynamics of Periurban Rural Processes, financiado pelo 5º Programa Marco da Comissão Europeia, conhecido como Projeto NEWRUR, desenvolvido entre 2001 e 2004, que, sob a coordenação de Francisco Entrena Durán, investigou áreas periurbanas na França, Alemanha, Inglaterra e Espanha. Suas conclusões gerais apontam que, embora “la periurbanización ha suscitado diversos problemas socioeconómicos pero, por lo general, sus efectos pueden ser considerados como globalmente positivos” (ENTRENA DURÁN 2004a, p. 29). Enfatiza ainda este autor que as análises do projeto NEWRUR refletem como a crescente periurbanização tem influenciando o mundo desenvolvido e produzido cidades cada vez mais desconcentradas ou dispersas, nas quais, como consequência, a população não está mais funcionalmente vinculada às atividades próprias de áreas rurais.

Outra fonte de investigação sobre áreas periurbanas é o projeto Peri-Urbanisation in Europe Towards European Policies to Sustain Urban-Rural Futures (2011), identificado como Projeto PLUREL, que considera os inúmeros efeitos positivos sobre o contexto urbano e econômico dessas áreas, sem deixar de reconhecer, também, suas consequências negativas. Além do Projeto PLUREL, fazemos menção também a outro estudo sobre áreas periurbana: o Peri-Urban Environmental Change Project (PU-ECH), viabilizado pelo SCOPE – Scientific Committee on Problems of the Environment.

Por sua vez, Asensio (2005) menciona o EUROPEAN COMMISSION (2000): Study Programme on European Spatial Planning Final Report, 2000, sigla SPESP, cuja estratégia geral é “aportar las bases para el debate sobre el sistema de relaciones entre el medio rural y el urbano”, promovendo

[...] un desarrollo armonioso y sostenible que consiga la cohesión social y económica de las regiones con una explotación de los recursos naturales y culturales que no comprometa la libertad de elección de generaciones venideras (ASENSIO, 2005, p.50).

No Brasil há vários trabalhos institucionais que, discutindo questões relacionadas ao rural, abordam aspectos da periurbanização. Destes, lembramos o projeto denominado *Distribuição espacial da população brasileira: concentração versus descontração*, executado pela Diretoria de Estudos Sociais do IPEA. Outro estudo institucional que merece destaque é o Projeto RURBANO: Caracterização do Novo Rural Brasileiro (1981/1999), que analisou transformações em espaços rurais

em 11 estados brasileiros, focando especialmente a diversificação das atividades no meio rural (ABRAMOVAY, 2000). Tais projetos geraram debates e artigos que têm contribuído para a análise da relação campo-cidade e, por consequência, do processo de periurbanização. Também devem ser mencionados trabalhos acadêmicos, dos quais destacamos os de Vale (2005); Brum (2006); Miranda (2008); Conti (2009); Silva (2010) e Pereira (2012).

Entrena Durán (2003) comenta que, apesar da singularidade que o processo de dispersão urbana apresenta em cada país, as generalidades a ele associadas são o reflexo do surgimento de um novo tipo de periferia urbana, diferente de processos ocorridos anteriormente na Europa, a partir da revolução industrial até os anos 1960 do século passado, que vem produzindo novas formas de utilização do território por diferentes grupos sociais e uma nova relação histórica entre sociedade e tal território, como já enfatizara o citado autor.

A origem do processo de dispersão periférica também é referida por autores, como: Pereira (2012), que destaca seu início, na Europa, a partir da segunda guerra mundial; Barsky (2005) e Berger (1989), que também situam seu surgimento temporal entre as décadas de 1950 e 1960, além de Limonad (2007) e Sposito (2009), que igualmente dão destaque ao fenômeno do espraiamento urbano, como já citamos no capítulo 1. Assim, é certo afirmar que, a partir da segunda metade XX, como resultado das transformações que ocorreram a nível mundial pela imbricação de aspectos econômico e técnico-científico, derivados dos processos gerais de globalização, sistemas produtivos foram afetados, comportamentos foram homogeneizados, artefatos mudaram de forma, o que tornou o próprio mundo cada vez mais padronizado. Tais transformações revelaram-se através de diferentes feições sócio-espaciais, com destaque para a urbanização que assumiu um caráter disperso, com forte penetração no campo, como já sintetizamos no capítulo anterior.

Arroyo (2001, p. 94) destaca o processo de contraurbanização como um dos indutores do desenvolvimento de áreas dispersas e identifica o surgimento de tal processo, a partir da década de 1970, quando cidades norte-americanas mais antigas [...] “dejaran de atraer efectivos poblacionales e iniciaron un lento declive em el número de sua habitantes mientras que sus periferias residenciales continaurón creciendo”. Como consequência ocorreu a expansão de redes viárias e a massificação do uso do automóvel possibilitando, ao mesmo tempo, que determinadas populações passassem a viver longe dos grandes centros urbanos

sem que se alterasse, de forma significativa, o tempo de deslocamento entre o lugar de residência e o de trabalho, bem como o uso das mesmas comodidades existentes nos núcleos urbanos (eletricidade, telefonia, acesso à internet etc.). Barsky (2005) também acentua que as transformações periféricas, especialmente a acessibilidade provocada pelos meios de comunicação modernos (trens e automóveis, telégrafo e telefone), permitiu a instalação de indústrias nas periferias sem que essas atividades perdessem contato com as sedes de seus negócios que permaneciam nos centros urbanos, fomentando um novo mercado de trabalho.

Assim, enfatiza este autor que:

Durante la primera mitad del siglo xx, este proceso se consolidó debido a una descentralización mayor de las actividades productivas de la ciudad, la construcción de autopistas y el acceso al crédito hipotecario por parte de diversas clases sociales, las cuales se suburbanizan a gran velocidad, generando el surgimiento de la denominada “ciudad difusa” alrededor de las décadas del '50 y '60. De allí en adelante, los procesos que siguieron a este último período se caracterizan por un notable desembarco de diversos servicios urbanos y tecnologías fuera de la ciudad, redes de autopistas, una revalorización social del “medio natural” por parte de sectores económicamente acomodados y otros fenómenos que intensificaron las transformaciones del periurbano. (BARKSKY, 2005 sp).

Referindo-se aos diversos aspectos que produzem o arcabouço do mundo globalizado e suas consequências sócio-espaciais, diz Pereira (2012, p.13-16) que “a forma como esses elementos têm sido reiteradamente mencionados em estudos sobre cidades europeias, asiáticas, africanas e americanas levanta o pressuposto de que a periurbanização é uma tendência global”, ou seja, encontra-se, em processo de evolução em inúmeros países. Essa ideia é referendada por Ferrás, citado por Entrena Durán (2003, p 72), quando diz que “estamos assistindo à explosão da cidade sobre a região, pela qual as atividades econômicas, a população e a moradia se expandem e fluem para áreas rurais próximas à cidade”, e que essas realidades urbanas emergentes foram associadas às expressões como “cidade difusa”, “metápolis” ou “hipercidade”.

Do ponto de vista das possibilidades de interpretação teórica sobre os espaços periurbanos, comentava Corrêa (1986), ainda nos anos 1980, que tais espaços podiam ser analisados em associação com as concepções de Von Thünen, pois decorreriam de atividades agrícolas praticadas no primeiro círculo thüniano e relacionadas às necessidades do mercado urbano próximo, cujas áreas, com o passar do tempo, da expansão das cidades e do avanço da metropolização, seriam

integradas ao espaço urbano. Por isso, informa Barsky (2005), à medida que a urbanização avança sobre o meio rural provocando mudanças, é necessário um esforço para estabelecer novas conceituações que permitam sua compreensão, pois, “pelo inusitado da forma e dos aspectos sócio-espaciais que apresentam, levantam diversas preocupações, tornando-se, a partir de então, objeto de investigação sistemática”.

Corroborando a constatação do avanço da urbanização sobre o espaço rural, pelo mundo todo, mencionamos, novamente, os projetos “NEWRUR (2004), PLUREL (2011), SPESP (2000), PU-ECH (2006), que investigam o processo de periurbanização em diversos países da Europa (especialmente na França, Alemanha, Inglaterra e Espanha), da América Anglo-Saxônica, do Oriente (Líbano e Jordânia), da América Latina (Argentina), da África (Gana e Zimbábue) e da Ásia (Índia), bem como os estudos sobre a realidade brasileira.

A este respeito, comenta Dematteis sobre as novas periferias periurbanas:

[...] son el resultado de profundos cambios en las estructuras territoriales urbanas (desurbanización, contraurbanización), en las tecnologías de la comunicación y de la información (telemática). En la organización y en la regulación social que han transformado a los países industrializados a partir de finales de la década de 1960 (DEMATTEIS, 1998, p 17, apud ENTRENA DURÁN, 2003, p. 15 - 16).

Apesar da dispersão do processo de periurbanização, a nível mundial, e de haver características semelhantes quanto ao seu surgimento, há peculiaridades, entre países, quanto ao desenvolvimento do processo. Assim, Berger (1989) informa que o conhecimento de políticas nacionais sobre a organização territorial de determinados países, como os do oeste europeu e da América Anglo-Saxônica, são fundamentais para a compreensão do processo de periurbanização que ali vem ocorrendo. Na França, essas políticas têm sido responsáveis, em parte, pelo despovoamento rural e pelo êxodo urbano afetando grande parte das grandes aglomerações do país e revelando, ao mesmo tempo, um movimento social do qual Pereira (2012) destaca o papel do mercado imobiliário francês que constrói, nessas áreas, residências para todas as camadas da população. Referindo-se à cidade de Lisboa, Pereira (2012, p.15), cita as observações de Margarida Pereira (2004), para quem o crescimento de áreas periurbanas na mencionada cidade expressa uma “ ‘organização caótica’ na qual coexistem áreas habitacionais desqualificadas, com

padrões urbanísticos e de habitação muito abaixo do aceitável, ao lado de outros com padrão elevado e às vezes inovadores”.

Fora dos limites do mundo europeu, há também, segundo Buxton e Choy (2007), registros de mudanças rápidas em áreas da interface rural urbana, como na Austrália. Entretanto, a indefinição sobre o significado de paisagens periurbanas, gera dificuldades na compreensão das transformações que ali ocorrem bem com no seu planejamento.

Em síntese, pode-se dizer que as condições necessárias para a formação de áreas periurbanas são, de modo geral, semelhantes em todo o mundo, destacando-se, em primeiro plano, as transformações de ordem global, ao lado das quais vale a pena destacar também condicionantes sócio-espaciais, políticas e temporais locais.

Nesse sentido, lembra Barsky (2005), que a constituição de espaços periurbanos nos países anglo-saxões resulta de planejamento que os torna, preferencialmente, lugares de residência de classes mais abastadas. Nos países latinos, ao contrário, em razão de uma problemática sócio-econômica adversa, e de ausência de um planejamento sistemático que atenuar os problemas socioambientais ali existentes, segundo Demattèis (1998, p.19), “existe suburbanização, mas não há expansão urbana”. A esse respeito, ao comparar o contexto francês com a realidade dos países emergentes, Steinberg (2003), citado por Pereira (2012, p.18), informa que na França não haveria correspondência ao que se chama de periurbanização, porque naqueles países “o crescimento das periferias planejadas ou informais, favelas ou barriadas, incorporariam mais uma extensão sem fim das cidades e metrópoles, do que urbanizações realmente descontínuas”.

Com relação à discussão de áreas periurbanas no Brasil, Corrêa (1986), menciona o trabalho de Juillard (1961), hoje um clássico sobre o tema, que ao comparar os processos imobiliários e produtivos do entorno urbano de Salvador com os das cidades europeias, destaca que na Europa a agricultura periurbana chegou a conviver durante certo tempo com a urbanização, ao passo que no Brasil.

[...] uma tradição especulativa vinculada aos produtos tropicais leva a passagem direta da agricultura especulativa para a especulação da terra, transformando a periferia, logo após o espaço urbano contínuo, em um "deserto agrícola", à espera de loteamentos que podem demorar anos e anos a serem implantados. (CORRÊA, 1986, p.72).

Mais recentemente lembramos as contribuições, antes citadas, de Vale (2005), sobre plurifuncionalidade no espaço periurbano do município de Araraquara

(SP); de Brum (2006), sobre a dinâmica da área perimetropolitana de Maricá, RJ; de Miranda (2008), a respeito do planejamento em áreas de transição rural-urbana na Região Metropolitana do Recife – PE; de Conti (2009), que discute o espaço perimetropolitano de Belo Horizonte através de análise exploratória; de Silva (2010), que analisa franja rural-urbana de Aldeia, Camaragibe, PE, seus dilemas, contradições e implicações políticas e econômicas para a população local; de Pereira (2012), que trata sobre a aplicação do conceito de periurbano à região metropolitana de Curitiba, dentre muitos outros que discutem indiretamente sobre a periurbanização quando tratam da problemática das relações campo-cidade.

3.2 Processos de Periurbanização/Formação de Áreas Periurbanas: Conceituações e Denominações

A complexidade da ocorrência do processo de periurbanização e a consequente formação de áreas periurbanas têm gerado dificuldades em suas conceituações e denominações.

Desse modo, ao tomarmos como ponto de partida a análise de diversas interpretações sobre tais espaços, constatamos que estudiosos tendem a “conceituá-los” levando em conta suas características, tal como o faz Asensio

Los espacios periurbanos son las zonas rurales donde la influencia urbana es más fuerte por su inmediatez física a la ciudad, la cual, en su expansión física y funcional, las invade e integra a través de unos procesos cuyos efectos son de naturaleza diversa: económica, demográfica, social y territorial, de forma que el rasgo más importante de estos espacios periurbanos es la mezcla de usos del suelo, lo cual repercute en un incremento de la complejidad de los flujos de personas, bienes, servicios e información propiciado por la presencia de una red de comunicaciones bien desarrollada. (ASENSIO, 2005, p. 53)

Desta citação, que tem o mérito de registrar alguns dos aspectos mais significativos relacionados aos espaços periurbanos, destacamos *a influência urbana pela proximidade com a cidade*, mencionada por: Adell (1999), citado por Pereira (2012), que acrescenta à condição privilegiada de proximidade das áreas periurbanas com as cidades, a garantia de fluxos diários; Smith (1930) e Pryor (1971), ambos citados por Miranda (2009); Vale e Gerardi (2006); Buxton e Choy (2007).

Outros atributos de áreas periurbanas são mencionados por diversos autores, a seguir citados. Assim, a *integração do rural e do urbano pela mistura de usos do solo* é referida por Adell (1999), citado por Pereira (2012); Buxton e Choy (2007), falam da *dificuldade de caracterização/identificação de espaços periurbanos pela existência/interpenetração/alternância provocada por diferentes usos do solo* (residencial, comercial, agrícola e com grandes rodovias), cuja “desordem” provoca um efeito “borrão”, em razão dessas áreas não serem nem completamente urbanas, nem completamente rurais; Vale (2005) se refere ao periurbano como *espaço que se urbaniza*. Por sua vez, Pereira (2012), discute *aspectos morfológicos e funcionais* do periurbano, *baseados em densidade, mudança do uso da terra e padrões originados a partir do centro urbano*.

O atributo de serem “*espaços em transição*” como possibilidade de conceituação do periurbano é mencionado por: Machado (2010), que desdobra seu pensamento informando que, tanto do ponto de vista paisagístico quanto socioeconômico e ambiental, a “transição” possibilita a *coexistência de lógicas urbana e rural*, o que leva à transformação do rural em urbano, à especulação fundiária, à expansão da cidade, ao mercado livre de terras e a ocorrência de novas articulações em termos de produção e apropriação do solo. Tudo isto revela, segundo o citado autor, aspectos conflitantes, complementares, fragilidades e potencialidades das áreas periurbanas, como por exemplo, quando neles se desenvolve uma agricultura inovadora; Miranda (2008), que os chama de *espaços plurifuncionais*, submetidos a grandes e rápidas transformações, e cujo *dinamismo* Pereira (2012) associa à cidade; Berger (1989), que discutindo a dinâmica das coroas periurbanas, as conceitua como *espaços de transição* onde ocorrem rápidas mudanças do uso do solo; Entrena Durán (2003), os considera como “espécies de zonas em transição” entre a cidade e o campo nas quais se misturam atividades urbanas e agrícolas;

Outros estudiosos, dentre estes Steinberg (2003), citado por Pereira (2012), conceituam espaços periurbanos pelo *hibridismo* de suas paisagens – o que não deixa de ser decorrência da característica de *transição* desses espaços - que apresentam *descontinuidades urbanas* em meio a áreas ruralizadas no entorno das cidades.

Rocha et al (s/d) definem o periurbano associando-o ao êxodo *rural* e à *concentração da população migrante nas imediações da cidade*, em “áreas

marginais”, como decorrência, da forma como a cidade se expande para além dos seus limites, nem sempre em formas de anéis circulares e bem definidos. Essa forma de expansão, aparentemente desorganizada, que avança rapidamente em alguns pontos, praticamente não se movendo em outros, faz com que apenas parte do seu espaço seja assimilado pelo crescimento urbano, possibilitando o surgimento de franjas rural-urbanas com características distintas.

O *crescimento populacional* tomado como referência para conceituar áreas periurbanas leva Santoro e Bonduki (2009) a contradizerem a relação entre a continuidade da expansão física dessas áreas e crescimento populacional, sinalizando que tal processo muitas vezes se dá de forma dissociada. Sob este mesmo aspecto diz Valete (2004, p.9) que “talvez se possa considerar os territórios rurais periurbanos como territórios metropolizados com baixa densidade demográfica, plenamente inseridos nas dinâmicas dos novos territórios urbanos”, mesmo que conservem o essencial de suas características rurais e locais. Nesta perspectiva, áreas periurbanas, para a citada autora, constituiriam “territórios privilegiados para a emergência de inovações econômicas e sociais”.

Outras perspectivas permitem conceituar o processo de periurbanização e a formação de áreas periurbanas. Assim, Demattêis (1998), informa que a *dinâmica* que ocorreu entre os anos de 1980 e 1990 em partes mais desenvolvidas da Europa, como o norte da Itália e parte do centro europeu, deflagrou um processo de “*desconcentración concentrada*”; por sua vez, Miranda (2008) entende que áreas periurbanas podem ser conceituadas pela *presença dispersa* de estrutura urbana *ou por um uso fragmentado desta*; já o projeto PLUREL (2011), trata o periurbano a partir de sua *situação geográfica*. Assim, é considerada área periurbana *a que se situa entre áreas urbanas consolidadas e a sua hinterlândia rural*, ou *o espaço em redor de áreas urbanas que emergem na paisagem rural*.

Se tomarmos como pressuposto para definir periurbanização o seu aspecto gerador predominante, que são as relações campo-cidade e suas transformações, podemos entendê-la como *processo caracterizado pelo avanço da urbanização em direção ao campo que se transforma e cuja forma predominante é a descontinuidade espacial*. Podemos acrescentar ainda a perspectiva de Entrena Durán (2005, p. 63) que, ao definir espaços periurbanos, informa que “*esto hace que la mayoría de los autores que estudian los espacios periurbanos coincidan en concebir éstos como unos espacios multifuncionales que están sometidos a grandes y rápidas*

transformaciones y cuyo dinamismo está, en muy gran medida, determinado desde la ciudad”, esclarece ainda que a tendência de aumento da extensão do periurbano faz com seus limites sejam indefinidos com relação à área rural.

Há, no entanto, referências a espaços periurbanos sem que exista relação destes com os aspectos que usualmente dão suporte à sua conceituação, pois

Ao estudar o impacto para os meios de subsistência dos habitantes que se utilizam dos ejidos – terras comunais instituídas por reforma agrária – no noroeste mexicano ocasionado pela captação de água para abastecimento urbano, e Díaz-Caravantes (2011) considera como áreas periurbanas aquelas afetadas pela captação, sem qualquer relação de proximidade física com uma mancha urbana principal (PEREIRA, 2012, p.23).

A indefinição conceitual, associada ao processo de periurbanização/formação de áreas periurbana, tratada em trechos anteriores, contribui para que lhes sejam atribuídas diversas denominações, por diferentes estudiosos, de diversas formações, bem como por instituições envolvidas em administrações de espaços urbanos e rurais, razão pela qual procuraremos sumarizar, a seguir, o já existe sobre o assunto.

Assim, pesquisadores brasileiros se referem a áreas periurbanas utilizando expressões, como *faixa de transição urbana* (SOUZA, 2010); *espaço periurbano*, *franja rural-urbana*, *franja rurubana*, *franja periurbana*, *periferia rurubana*, de acordo com Miranda (2008) que, citando Corrêa (1986), diz que seria possível, em algumas situações, falar em uma *periferia suburbana*, *subúrbio* ou *periferia rural-urbana*, quando acontece um dinâmico processo de urbanização. Maia (2000) as denomina de *bordas da cidade*, como também há registro de quem as associe ao conceito de *continuum rural urbano*.

Vale (2005), considera que formas espaciais *periurbanas*, *rururbanas* e *rurbanas* decorrem dos processos de *periurbanização* e *rururbanização* ou *rurbanização*, sendo formas e processos termos equivalentes, enquanto Freyre (1982) e Coelho (1999), mencionados por Vale (2005), se referem a tal processo como *rurbanização*.

Entrena Durán (2003) e Silva (2010) chamam tais áreas de *campos urbanizados* e *áreas periurbanas*, o primeiro autor, mencionando Zárate, considera essas denominações equivalentes ao conceito de *áreas metropolitanas*; o segundo lembra que os geógrafos anglo-saxões utilizam a terminologia *franja rural-urbana*, enquanto os franceses a elas se referem como *áreas periurbanas/ périurbanisation*,

e norte-americanos e parte de europeus as conhecem como áreas de *contra-urbanização* ou de *urbanização difusa*. Margarida Pereira (2004), citada por Pereira (2012), usa o termo e a grafia *espaços peri-urbanos*.

Pereira (2012), a partir de McGregor et al (2006a), contribui para a divulgação de outras denominações menos conhecidas de espaços periurbanos, como *halfstedig*, em holandês, significando *semiurbano*; em alemão, como *urban-ländlichen zonen* (zonas urbano-rurais) e em africâner, *buitestedelik* (cidade externa, ou além da cidade). Pereira (2012, p.25) também informa que “Dentre os órgãos oficiais de pesquisa estatística que aplicam o conceito, destaca-se o *Institut National de las Statistiques et des Études Économiques* (INSEE, 2009), na França, adotando em algumas de suas pesquisas o termo *couronnes périurbaines* (coroas periurbanas)”.

Associando processo e forma, Vale (2005) considera que as formas espaciais *periurbanas*, *rururbanas* e *rurbanas* decorrem dos processos de *periurbanização* e *rururbanização* ou *rurbanização*, sendo formas e processos termos equivalentes, ao passo que Freyre (1982) e Coelho (1999), mencionados por Vale (2005), se referem ao processo gerador de tais áreas como *rurbanização*.

Considerando a diversidade de denominações até aqui indicada, ressaltamos que, quando nos referirmos à área de pesquisa desta tese, adotaremos a denominação *área periurbana*.

3.3 Processo de Periurbanização/Formação de Áreas: Características

Entendemos que a área de pesquisa deste trabalho – área rural ao norte da cidade de Teresina – apresenta certas características que nos levam a supor que ali existe uma área periurbana em formação. Assim, para maior clareza na sua identificação, tomamos como referência elementos recorrentemente mencionados por diversos estudiosos relacionados a características funcionais/morfológicas, socioeconômicas, ecológico/ambientais, espaciais/institucionais e demográficas dessas áreas.

As características funcionais/morfológicas dos espaços periurbanos decorrem das diversas funções que estes espaços assumem e suas respectivas formas. Assim, Entrena Durán (2003) comenta que sua formação tem origem na transformação de espaços rurais tradicionais, resultando na aglutinação às cidades,

de áreas rurais do seu entorno, que se apresentam sem limites definidos, com *forma espacial híbrida*, e de *modo descontínuo*.

A característica de *descontinuidade de espaços periurbanos com relação a áreas urbanas próximas* é referida também: por Vale (2005), ao informar, citando Berger (1989), que áreas periurbanas apresentam *formas descontínua e transitória* e são diferentes dos subúrbios clássicos porque apresentam também *descontinuidade* das construções e predominância da agricultura. A autora antes citada menciona Steinberg (2003), que considera a periurbanização como um *crescimento urbano descontínuo*, portanto um processo, geralmente ligado a cidades antigas e vilas rurais da periferia de uma aglomeração principal; Font (1997), se refere à *descontinuidade* espacial de Barcelona, quando avalia o crescimento desta cidade; Sposito (2009), discute sobre o espraiamento do tecido urbano, que pode se apresentar por meio de dispersão, difusão ou *descontinuidade* territorial. Pereira (2012) por sua vez, acrescenta às características morfológicas do periurbano, o seu caráter de *transitoriedade* e as *mudanças aceleradas* a que está submetido.

De Asensio (2005), Miranda também destaca outras importantes funções que os espaços periurbanos desempenham, relacionadas às características funcionais/morfológicas, como as de serem *fronteiras* e *entorno*, pois:

[...] i) podem ser condutores, zonas de passagem que canalizam os movimentos do rural para o urbano e do urbano para o rural; portanto, podem ser entrepostos de distribuição; ii) podem ser filtros que regulam as relações entre o rural e o urbano; portanto, são zonas de preservação de ativos ambientais e produtivos; iii) são zonas recreativas e de lazer frente ao aumento das demandas de solo para esses usos; iv) são receptoras dos excedentes populacionais, tanto urbanos quanto agrícolas; v) são espaços dinâmicos da especulação imobiliária, pelas vantagens locacionais e pela disponibilidade de solo no entorno urbano; vi) são zonas isoladas e autônomas de usos residenciais; vii) podem ser zonas adequadas à implantação de grandes equipamentos industriais e comerciais; viii) correspondem a zonas de influência de uma área urbana policêntrica, cercada por uma zona produtiva; ix) são zonas onde a expansão urbana está fortemente limitada por obstáculos naturais, com zonas onde existem problemas de *exterização* do solo. (MIRANDA, 2008, p.35).

E ainda considerando as funções funcionais/morfológicas que as área periurbana desempenham, Vale (2005) cita que as condições infraestruturais de transportes têm contribuído, de forma expressiva, para a formação de áreas periurbanas ao longo de eixos viários.

Quanto às novas funções que os espaços periurbanos vêm apresentando atualmente, Asensio (2005) acentua que, em países desenvolvidos, condições

infraestruturais de transporte, bem como a difusão da informação e da tecnologia, associadas aos crescentes problemas urbanos, têm contribuído para *uma revalorização dos espaços rurais* que vêm assumindo, atualmente, novas funções associadas à valorização do ambiente, da cultura local, de paisagens específicas, das possibilidades de lazer e de ócio, dentre outras.

.Segundo Roselló e Rodríguez (2010, p. 10), o periurbano é “un espacio singular, desde un punto de vista morfológico como desde el funcional”, cuja base ecológica o caracteriza [...] “como una zona de fricción permanente, con intercambios muy activos que se encuentran regidos por la ciudad” [...] “ lo que provoca un flujo asimétrico de materia y energia”. Por essa razão, o padrão territorial do periurbano se define por seu caráter morfológicamente heterogêneo.

Quanto as características sócio-econômicas dos espaços periurbanos, estas *atendem as aspirações dos diversos grupos sociais*, decorrentes da complexidade da vida urbana atual: tanto dos mais abastados, que desejam qualidade de vida, em ambiente mais tranquilo, quanto dos que auferem menor renda e por isso procuram moradias mais baratas em áreas periféricas. Neste processo, tais áreas são revalorizadas porque têm sua imagem alterada: antes consideradas marginais e degradadas, tornam-se lugar de conforto e tranquilidade.

Do ponto de vista estritamente econômico, informam Oliveira et al (2004), que deve ser considerado o potencial dessas *áreas para exploração de produtos alternativos à atividade principal*, a atividade agrícola, todos passíveis de consumo pela população da cidade próxima.

Para Asensio (2005), a *mistura de usos do solo* repercute no incremento da capacidade de fluxos de pessoas de bens, serviços e informação propiciada pela presença de uma rede de comunicações bem desenvolvida, possibilitando interações campo-cidade e, segundo Vale (2005, p.87), incidindo também sobre a “transformação da economia rural, baseada essencialmente na agricultura, em economia urbana, baseada na indústria e nos serviços”. Ainda a respeito da mistura de usos do solo em áreas periurbanas, Machado (2010) comenta que, a partir dos anos 90, tais áreas passam a ser reconhecidas pelo mosaico de usos com usos do solo conflitantes e complementares que apresentam. Nesse contexto, são analisadas pela economia política, que evidencia o papel dos atores locais na sua transformação, bem como a influência do produtor rural no desenvolvimento de uma agricultura inovadora.

Na realidade, a referência à natureza difusa das áreas periurbanas, já comentada, não se restringe somente ao caráter indefinido de suas fronteiras físicas ou geográficas, mas diz respeito também à sua dimensão sócio-econômica, o que torna

[...] difícil establecer con nitidez una separación clara entre la ciudad y sus zonas periurbanas próximas, o entre éstas y lo que se considera como rural, sino también porque en tales zonas suele haber formas de sociedad cuyas características sociales y económicas se encuentran en proceso de cambio y de redefinición, por lo que no están claramente fijadas, manifestándose como una especie de construcciones híbridas que están a caballo entre lo urbano y lo rural. (Entrena Durán, 2004b, p 9)

A perda progressiva de espaços rurais no entorno das cidades por novos e diversificados usos do solo revela suas características ecológico/ambientais. Assim, diversos autores chamam a atenção para este fato, como Pereira (2012, p.13-16), quando lembra “a probabilidade da ocorrência de riscos socioambientais pela justaposição e interação de elementos urbanos e rurais”; Roselló e Rodríguez (2010, p.2), que apontam para “la producción del riesgo”, enquanto Barsky (2005), lembra suas fragilidades; Entrena Durán (2004, p.11), critica a forma arbitrária de uso de tais espaços que são “sometidos muchas veces a intereses privados escudados en la inercia permisiva de las administraciones, cuando no en la complicidad manifiesta de éstas con tales intereses”. Este argumento justifica a preocupação de Miranda quando afirma que é nas zonas mais periféricas da expansão urbana onde estão [...] “os sistemas de mananciais constituindo preocupação atual e predominante dos planejadores e gestores” [...] e [...] “se concentram os mais significativos recursos naturais, importantes para o equilíbrio ambiental e para os sistemas de infraestrutura urbana.” (MIRANDA, 2009, p. 2)

Por se apresentarem *espacialmente descontínuas*, áreas periurbanas têm, por isto, *fronteiras indefinidas*, como também apresentam indefinição de zonas onde se localizam diversas atividades. Isto permite estabelecer outro nível de análise para essas áreas: suas *características espaciais/institucionais*. Tais características levam Miranda (2008), a enfatizar que, do ponto de vista institucional, essas áreas se situam num “limbo”, questão também comentada por Vale (2005, p 84), associando-a ao fato dessas áreas não serem “nem inteiramente urbanas nem puramente rurais no sentido tradicional”.

Quanto às *características demográficas* de áreas periurbanas, Asencio (2005) aponta para seu *crescimento populacional* e lembra a afirmação de Pryor (1968),

para quem essas áreas apresentam maior densidade residencial, maior crescimento demográfico e, por isso, maior ritmo de transformação de usos do solo do que outras áreas rurais. Por sua vez, Entrena Durán (2003) se refere à característica demográfica do periurbano dizendo que ali são produzidas as transformações demográficas mais rápidas e profundas de todo o espaço urbano, enquanto Buxton e Choy (2007), mencionam a chegada de uma nova população em comunidades tradicionais como responsável por sua transformação, como também comenta Vale (2005) que em tais áreas se instalam, tanto populações de origem urbana, mais abastadas, como também, conforme Pereira (2012), populações com menor poder aquisitivo por conta dos baixos preços dos terrenos ou maior presença de um mercado informal de terras e habitação. Em sua análise quanto à formação da população de áreas periurbana, diz Arroyo (2001) que esta é decorrência do processo de contraurbanização, observado desde a década de 1970 nos Estados Unidos, quando áreas centrais de suas cidades perderam população enquanto ocorria, concomitantemente, o crescimento populacional de áreas periféricas.

As diversas características associadas a espaços periurbanos, da mesma forma que as diversas conceituações e denominações que lhes são atribuídas - que muitas vezes se confundem - não indicam contradições teóricas. Pelo contrário, são reflexo do amplo debate sobre a ocorrência de uma realidade que envolve interfaces rural-urbanas em seus múltiplos aspectos e em contextos diferenciados, típica de onde ocorre o fenômeno da periurbanização.

3.4 Processo de Periurbanização/Formação de Áreas Periurbanas: Algumas Tipologias

Entendemos que tipologias constituem recursos metodológicos para apreensão e compreensão da realidade. Desse modo, tipologias sobre áreas periurbanas têm a intenção de apreender aspectos de uma realidade socioespacial afetada por um processo específico - o processo de periurbanização - cuja expressão constituem as formas periurbanas. São produções complexas cujos pressupostos decorrem das diferentes interfaces da relação rural-urbano associadas a características funcionais/morfológicas, socioeconômicas, espaciais/institucionais, ecológicas e demográficas, antes analisadas, em seus aspectos quantitativos e qualitativos, possibilitando tipologizar as diversas de áreas periurbanas pelo mundo.

A partir da contribuição de Entrena Durán (2003), serão mencionados, a seguir, alguns aspectos que consideramos mais significativos de diferentes tipologias sobre espaços periurbanos, produzidas por diversos autores, tais como:

- Font (1997), que tomou por referência, a proximidade de áreas metropolitanas para analisar o processo de periurbanização, identificando diferentes territórios próximos àquelas, dos quais destacamos os que apresentam: paisagens de baixa densidade, assentamentos dispersos; cenários em rede nos quais se encontram aglomerados, com relativa densidade, mescla de usos do solo e concentração de serviços e atividades identificados com a centralidade; extensões urbanas produzidas pelo prolongamento de malhas viárias, com caráter funcional ou residencial com relativa posição central; formações lineares ao longo das infraestruturas viárias históricas ou de elementos geográficos especiais que, na sua evolução, formaram sistemas conurbados; elementos arteriais; infraestruturas viárias e de transportes e de sistemas de energia e de telecomunicações; enclaves integrados por edifícios ou agrupamento de edifícios e instalações, situados em pontos estratégicos do território de máxima acessibilidade e ou de significação metropolitana, considerados como os novos lugares centrais.

- Castells (2001), que adotou também como ponto de partida para elaboração de sua tipologia sobre áreas periurbanas a proximidade com a metrópole onde o espaço se organiza, por: desenvolvimento descontínuo - a franja rururbana que surge em torno da cidade central de maneira regular origina área de baixa densidade de população; desenvolvimento radial - o crescimento ocorre ao longo das principais vias de acesso e de forma segmentada; desenvolvimento em saltos - a franja rururbana se compõe de núcleos de usos de solo urbano em meio a territórios cuja função é exclusivamente rural.

- Francisco Pellicer (1998), que aponta a natureza híbrida das áreas periurbanas onde se justapõe e coparticipa um complexo sistema de interações responsável pela produção dos seguintes tipos espaços: *i) espaços naturais* com elevada produtividade e potencial para recreação e contato com a natureza; *ii) espaços rurais*, com destaque para a horta; *iii) espaços urbanos*: bairros periféricos, novas urbanizações de primeira ou segunda residência, instalações turísticas, grandes infraestruturas urbanas e polos industriais;

- Zárate (1984), que comenta sobre formação de áreas periurbanas conforme um ou a combinação dos três modelos seguintes: *i) de desenvolvimento descontínuo*: a

franja urbana surge em torno da cidade central de maneira regular dando origem a uma área de baixa densidade de população; *ii*) de *desenvolvimento radial*: o crescimento ocorre ao longo das principais vias de acesso e de forma segmentada; *iii*) de *desenvolvimento aos saltos*, já referidos por a franja urbana é composta de núcleos de uso de solo urbano em meio a territórios cuja função é exclusivamente rural.

Asencio, ao analisar a diversidade de espaços rurais submetidos ao processo de periurbanização e das formas espaciais decorrentes, informa, que

Las transformaciones que han sufrido los espacios rurales de los países industrializados en las tres últimas décadas han restado homogeneidad al conjunto. La diversidad de los modos y tiempos de evolución y del grado de descomposición de las antiguas estructuras sugiere y hace necesaria una clasificación de los espacios rurales resultantes. (ASENSIO, 2005, p. 11).

Ao enfatizar, na citação acima, a existência de espaços rurais submetidos a mudanças, Asencio (2005) elabora uma tipologia sobre tais espaços tomando como referência tipologia já produzida por Bernard Kayser (1990) e mencionada pelo próprio Asencio (2005). Descreve então, este autor quatro tipos de espaços rurais afetados pelo proceso de periurbanização por se situarem nas proximidades de centros urbanos, dos quais destacamos a *3ª coroa periurbana* por entendermos, a priori, que é deste tipo de espaço que a área de pesquisa deste trabalho mais se aproxima.

Este espaço é assim descrito por pelo autor em questão:

Tercera Corona Periurbana: Denominación acuñada [...] para definir el espacio «donde los procesos de urbanización se enfrentan a una agricultura y a una sociedad rural en pleno funcionamiento» donde «la edificación urbana está localizada y limitada... La cual no ocupa todo el espacio ni progresa como un frente de urbanización». (ASENSIO, 2005, p. 11).

Miranda (2008, p. 32), também faz referência à tipologia de Kayser (1990), sintetizando-a, como a seguir: 1ª Coroa Periurbana - onde há o domínio dos usos e funções urbanas. Está relacionada com a suburbanização e, física e funcionalmente, vinculada à cidade; 2ª Coroa Periurbana - espaços em processos de urbanização e de transformação iniciais a partir do parcelamento do solo rural. Não têm delimitação precisa e é onde a transformação do solo rural em urbano pode se confundir com a 3ª Coroa Periurbana; 3ª Coroa Periurbana - corresponde aos processos de periurbanização recentes, tem caráter predominantemente rural, mas

os processos de urbanização competem com a sociedade e as atividades rurais que, contudo, apresentam resistências às transformações.

Classificar espaços rurais, conforme Ascencio (2005, s/p), é uma necessidade em decorrência das transformações ali ocorridas nos últimos trinta anos. O autor chama atenção para a construção de tipologias que envolvem, além de aspectos meramente físicos, as funções econômicas e as estruturas sociais. Neste caso pode ser mencionada a tipologia proposta por Mathieu (1998), (citada pelo próprio Ascencio), que introduz a dimensão histórica na identificação de espaços periurbanos, valorizando as dinâmicas dos usos do solo que ocorrem em diferentes espaços rurais, tais como: espaços de integração antiga; espaços de integração recente por substituição de funções; espaços produtivos dependentes do mercado onde as estruturas produtivas ainda não são capitalistas; espaços marginais, esquecidos de investimentos públicos ou privados.

Machado (2010) é outro autor que se preocupa com a produção de tipologias sobre espaços periurbanos, a partir da década de 80, levando em conta as diversas forças que ali atuam: *forças urbanas*, representadas pela demanda da terra, trabalho e oportunidade de mercado; *forças não-urbanas*, provenientes de mudanças tecnológicas, competição inter-regional e decisões políticas; e por *forças do próprio contexto agrário*, oriundas da estrutura agrária e do sistema produtivo, que atuam num contexto regional de forma consonante ou dissonante.

Abramovay (2000, p.22), por sua vez, lembra que “a dimensão territorial do desenvolvimento vem despertando cada vez mais o interesse dos cientistas sociais”, de modo que “instituições de caráter internacional voltadas para as questões do desenvolvimento têm produzido estudos procurando estabelecer diferenciações entre espaços rurais e urbanos”, cujos limites estão hoje cada vez mais difusos. É o caso da OECD (1994), citado por Iaquina e Drescher (2002), que elaborou uma nova delimitação das fronteiras entre rural e urbano. O fundamento dessa delimitação é o conceito de território entendido como “uma trama de relações com raízes históricas, configurações políticas e identidades que desempenham um papel ainda pouco conhecido no próprio desenvolvimento econômico” (OECD, 1994, apud ABRAMOVAY, 2000, p 22).

A proposta da OECD (1994) abrange extensa área tendo um cunho essencialmente quantitativo; a partir dos dados coletados foram definidos dois níveis

hierárquicos de organização - o *nível local* e o *nível regional* - e uma tipologia com três categorias de regiões, considerando essencialmente seus aspectos demográficos: *i) regiões essencialmente rurais*: aquelas em que *mais de 50%* da população regional habita em unidades de base rurais; *ii) regiões - relativamente rurais*: onde entre 15% e 50% da população regional habita em unidades de base rurais; *iii) regiões essencialmente urbanizadas*: onde menos de 15% da população regional habita em unidades de base rurais.

A Comissão Europeia (EUROPA 2000), citada por Entrena Durán (2003), estabeleceu cinco tipos de espaços rurais, a partir do núcleo urbano: *i) espaços situados junto a zonas urbanizáveis* (empreendimentos residenciais, atividades industriais e de lazer, agricultura intensiva); *ii) espaços rurais de alto atrativo turístico*; *iii) espaços rurais com atividades diversificadas*; *iv) espaços rurais com atividades predominantemente agrícolas*; *v) espaços rurais de difícil acesso*.

A diversidade de tipologias sobre áreas periurbana, tanto quanto as muitas conceituações e denominações que lhes são atribuídas, não indicam contradições teóricas a respeito do assunto. São, na verdade, expressão da dinâmica do avanço do urbano sobre áreas rurais, principalmente no entorno das grandes cidades, e da complexidade de relações daí decorrentes, como já comentamos neste trabalho.

Comentamos igualmente que tipologias são recursos metodológicos para apreensão e compreensão de diversos aspectos da realidade. Considerando que um dos propósitos deste trabalho é apreender *como* e *se* a realidade sócio-espacial de área situada ao norte do município teresinense está afetada por um processo específico - o processo de periurbanização - as tipologias nos ajudarão a identificar a que tipo de espaço periurbano a área em questão mais se assemelha. Nesse sentido, procuramos sintetizar alguns aspectos relativos a essas áreas, tomando por base produções de estudiosos e instituições que tratam do assunto, e já referidas nesta tese. Assim, priorizamos: *elemento(s) indutor(es) de formação de espaços periurbanos, tipos periurbanos decorrentes destes elementos e suas características*, que estão expressos no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Áreas Periurbanas: síntese de elementos significativos e características para definição de tipos de espaços periurbanos

AUTOR	ELEMENTOS SIGNIFICATIVOS/INDICATIVOS DE FORMAÇÃO DE ÁREAS PERIURBANAS	CARACTERÍSTICAS DE ÁREAS PERIURBANAS	TIPOS DE ESPAÇOS PERIURBANOS
*Zárate (1984),	Combinação de um ou de três modelos de desenvolvimento, destacando-se o de desenvolvimento radial	Desenvolvimento radial, seguindo principais vias de transporte e comunicação.	Áreas que se desenvolvem de forma radial, ao longo das principais vias de acesso e de forma segmentada.
*Font (1997)	Proximidade de áreas metropolitanas	Diferentes paisagens; baixas densidades	Diferentes territórios com paisagens de baixas densidades
*Pellicer (1998)	Complexo sistema de interações que produz diversos tipos de espaços	Hibridez e interação entre diferentes espaços	Áreas de natureza híbrida onde se justapõem/coparticipam complexo sistema de interações, produzindo diversos tipos de espaços <i>urbanos</i> : bairros periféricos, novas urbanizações de primeira ou segunda residência.
Abramovay (2000, p 22),	Fundamentado no conceito de território como: "uma trama de relações com raízes históricas, configurações políticas e identidades que desempenham um papel ainda pouco conhecido no próprio desenvolvimento econômico".	Estabelecimento de diferenciações entre espaços rurais e urbanos", cujos limites estão hoje cada vez mais difusos.	Dimensão territorial, diferentes territórios
OECD (1994, apud ABRAMOVA Y 2000, p 22).	Também fundamentado no conceito de território e uso de dados quantitativos		Definição de dois níveis hierárquicos de organização - o local e o regional - e uma tipologia com três categorias de regiões, a partir de seus aspectos demográficos: i) regiões essencialmente rurais; ii) regiões relativamente rurais; iii) regiões essencialmente urbanizadas.
**Comissão Europeia (EUROPA 2000),	A partir do núcleo urbano.		Identificação de cinco tipos de espaços rurais: i) espaços situados junto a zonas urbanizáveis (empreendimentos residenciais, atividades industriais e de lazer, agricultura intensiva); ii) espaços rurais de alto atrativo turístico (áreas costeiras ou montanhas com infraestruturas de lazer e alojamento); iii) espaços

			<p>rurais com atividades diversificadas (agricultura e turismo local, pequena indústria e artesanato); iv) espaços rurais com atividades predominantemente agrícolas (capacidade de produção associada ao setor de transformação e comercialização agrícola ou agricultura tradicional); v) espaços rurais de difícil acesso (áreas montanhosas com bosque e atividades agrícolas sujeitas ao despovoamento rural e agrícola).</p>
*Castells (2001)	Proximidade com a metrópole	Desenvolvimento que se dá de forma radial longo das principais vias de acesso	Espaço organizado descontinuamente em relação à metrópole
Asensio (2005)	Processo de urbanização em início	Sociedade e atividades produtivas predominantemente rurais; edificações urbanas localizada e limitada	Espacio «donde los procesos de urbanización se enfrentan a una agricultura y a una sociedad rural en pleno funcionamiento» donde «la edificación urbana está localizada y limitada... La cual no ocupa todo el espacio ni progresa como un frente de urbanización»; (Tercera Corona Periurbana)
Miranda (2008), a partir da contribuição de Kayser (1990)	Influência de Grandes Centros Urbanos sobre espaços rurais	Formação de Coroas periurbanas de Kayser (1990)	3ª Coroa periurbana Corresponde aos processos de periurbanização recentes. Tem caráter predominantemente rural, mas os processos de urbanização competem com a sociedade e com as atividades rurais que, contudo, apresentam resistências às transformações
Machado (2010)	Atuação de forças diversas: atuantes 1) <i>forças urbanas</i> , representadas pela demanda da terra, trabalho e oportunidade de mercado; 2) <i>forças não-urbanas</i> , decorrentes de mudanças tecnológicas, competição inter-	Novas dimensões da produção agrícola ganham novas dimensões por sua nova dimensão. (modelo Bryant apud	Heterogeneidade de ambientes agrícolas em intenso processo de industrialização/urbanização: i) <i>ambiente</i> , onde as forças urbanas suplantam as demais e a agricultura declina; ii) <i>ambiente de</i>

	regional e decisões políticas; 3) <i>forças do próprio contexto agrário</i> , oriundas da estrutura agrária e do sistema produtivo, que atuam regionalmente de forma consonante ou dissonante.	Lawrence (1988)).	<i>adaptação agrícola</i> , marcado por incertezas e grande variação na atuação das forças urbanas e não-urbanas, e <i>iii) ambiente de desenvolvimento agrícola</i> , onde existem condições para a realização da prática agrícola, em função da existência do próprio mercado urbano regional.
--	--	-------------------	--

* Entrena Durán (2003)

** Entrena Durán (2004b)

3.5 Periurbanização: Tendências/Possibilidades, Consequências

Como já apontamos no item 2.1 deste trabalho, a globalização contribuiu para a ocorrência do processo de periurbanização e a conseqüente formação de espaços periurbanos (ENTRENA DURÁN, 2003; AJARA, 2010; PEREIRA 2012).

Uma vez que os eventos citados ocorrem, por todo o mundo, quais seriam as tendências futuras, as possibilidades e as conseqüências do processo de periurbanização e da formação de áreas periurbanas?

Como já discutimos antes, trabalhos acadêmicos bem como relatórios de diversas instituições internacionais e brasileiras têm produzido considerável conhecimento sobre as transformações sócio-espaciais de áreas periurbana, , indicando que se persistir a atual tendência de crescimento das cidades em direção ao campo, o processo de periurbanização também deverá ter continuidade, revelando mudanças sócio-espaciais significativas dentre as quais podemos citar a ocorrência de novas atividades e de novas formas de viver (MONTE-MÓR 1994, LIMONAD 2007, SPOSITO , 2009). Das principais conseqüências deste contexto podemos destacar, em primeiro lugar, e do ponto de vista teórico, a necessidade da produção de novos referenciais, que permitam a compreensão das mudanças implicadas nos processos aqui mencionados.

Considerando a complexidade sócio-espacial de áreas periurbanas, destacamos que o planejamento¹⁶, através de suas ações, poderia contribuir para a

¹⁶ Planejamento é aqui entendido como o conjunto de atividades de orientação, regulação e gerenciamento da organização do espaço, e que deve contemplar, conforme Souza (2002 p. 34), elementos como: pensamento orientado para o futuro; escolhas entre alternativas; considerações de limites, prejuízos e benefícios; restrições de potencialidades; possibilidades de diferentes cursos de

produção de novas referências teóricas sobre esta realidade de modo que suas organização e seu uso fossem menos predatórios. No entanto, como o planejamento não é uma atividade neutra, porque resulta da concepção/ação de diversos agentes sociais, cada qual imbuído de desejos, expectativas diferentes e contraditórias, essa atividade relacionada a áreas periurbanas ainda é bastante limitada.

Nesse sentido, Miranda, referindo-se ao planejamento no Brasil, e em especial, às áreas de transição rural-urbana, diz que:

[...] o planejamento urbano-metropolitano constitui-se em ações que atingiram as cidades /metrópoles de modo parcial, privilegiando as áreas centrais, e com omissão em relação à maior parte dos territórios, dentre eles as áreas de transição rural-urbana. Essas, historicamente, foram transformadas principalmente em função dos interesses dos proprietários fundiários e dos agentes imobiliários. Houve pouquíssima regulação estatal, quadro que só se alterou mais recentemente, em função da emergência da questão ambiental. (MIRANDA, 2008, p. 53)

As palavras da autora reforçam o papel das áreas periurbanas que concentrando “grande estoques de terras, mananciais, matas, produção rural” [...] “além de serem áreas de reserva da expansão urbana, se tornam, mais que antes, objeto de disputas e, portanto, ganham importância enquanto objeto do planejamento” (MIRANDA, 2008, p. 2), aspecto pouco considerado por planejadores e gestores.

Ainda com relação ao planejamento de áreas periurbanas, Pereira (2012), ao estudar a Região Metropolitana de Curitiba, alerta que, apesar do crescente interesse por estudos sobre tais áreas e suas características peculiares,

[...] é preciso que o planejamento metropolitano extrapole a relação entre a metropolização e a urbanização para tratar também da institucionalidade e a sua capacidade na articulação de um entorno metropolitano que não agregue somente espaços urbanos, mas também amplas áreas rurais, bem como áreas transicionais, como as áreas periurbanas, cada qual demandando respostas diversas para suas questões. (PEREIRA, 2012, p.45)

Quanto às consequências decorrentes da periurbanização, é inegável que ela provoca alterações pelos territórios por onde avança, aspecto já bastante discutido por diversos estudiosos, inclusive neste texto.

Lembra Entrena Durán (2004b), que as análises do projeto NEWRUR refletem como a crescente periurbanização tem influenciando o mundo desenvolvido, produzindo cidades cada vez mais desconcentradas ou dispersas, nas quais, como consequência, a população não está mais funcionalmente vinculada às atividades próprias das áreas rurais.

O mesmo autor chama a atenção, também, para os efeitos negativos da periurbanização, como: o choque entre usos urbanos e rurais do solo; as fortes transformações da paisagem; os impactos ambientais; as dificuldades na gestão desses territórios pelo aumento do custo de infraestruturas (especialmente a implementação de serviços públicos) a ser disponibilizada para uma população que passa a habitar longe dos grandes centros urbanos, o que contribui, de forma expressiva, para agravar problemas relativos ao trânsito.

Silva (2010), cita ainda como um dos aspectos negativos da periurbanização, situações de constrangimento de moradores por conta da dificuldade de percepção da identidade de tais áreas sob o ponto de vista legal ou administrativo. O autor comenta também que o avanço do urbano sobre áreas tipicamente rurais, principalmente no entorno das grandes metrópoles, como em Recife (PE), vem provocando cada vez mais uma fuga da classe média em direção às suas bordas/áreas rurais, revalorizando o rural e o contato com a natureza. Esse movimento, por outro lado, produz problemas como a deterioração do meio ambiente, a redução do solo verde em função das construções urbanas, a elevação da demanda de serviços e problemas de convivência entre os residentes tipicamente urbanos e os tipicamente rurais. SILVA (2010, p.152), finaliza alertando que “desconsiderar a existência destes territórios periurbanos e de suas peculiaridades vem produzindo uma série de consequências e problemáticas econômicas, sociais e políticas”.

Levando em conta ainda situações negativas provocadas pela periurbanização, Rosellós e Rodríguez (2010, p.12), alertam, do ponto de vista físico-geológico ou ecológico/ambiental, para “la desvinculación de los procesos constructivos respecto al lugar y su naturaleza territorial, y la carencia de organización que propicia construir en actuaciones inconexas espacialmente” como elementos que incidem diretamente sobre o perigo e a vulnerabilidade dos espaços periurbanos. Concretamente, os autores lembram que alguns aspectos territoriais, mais que outros, são capazes de produzir riscos ou vulnerabilidade às áreas

periurbanas, como o padrão morfológico ou a dinâmica funcional da área, nas quais se pode estabelecer uma relação direta entre a complexidade de risco do periurbano e seu caráter de ser “área de borda”. Da mesma forma, lembramos o projeto PLUREL (2011), que, ao discutir a realidade europeia, também aponta dentre outros efeitos negativos da periurbanização, a forte alteração no uso da terra agrícola para outros fins que estão associados a mudanças de estilo de vida e de padrões de consumo.

Quanto aos efeitos positivos da periurbanização Entrena Durán (2004a), cita, como a maioria dos estudiosos, a melhoria das condições de vida e de habitação, a recuperação de determinadas zonas rurais ou a utilização de algumas que não tinham uso aparente, bem como a redistribuição de atividades econômicas e de população no território, ao passo que Vale (2005) menciona as transformações ocorridas na economia rural tradicional - baseada essencialmente na agricultura - em uma economia urbana baseada na indústria e nos serviços.

A constatação da complexidade dos espaços periurbanos, demonstrada através dos diversos vieses que lhes são próprios e antes mencionados, reforçam a necessidade de elaboração de novas referências que orientem e promovam ações para a compreensão de suas peculiaridades e para seu planejamento.

3.6 Área Periurbana Norte de Teresina: Características e Identificação Tipológica

O propósito deste item é associar à área desta pesquisa características e tipos de espaços periurbanos.

Assim, considerando a frequência com que certas características do processo de periurbanização são apontadas em análises de inúmeros países e em diferentes estágios de desenvolvimento sócio-econômico, dando-lhes uma dimensão de processo global, diz Pereira (2012), que há também *particularidades regionais* capazes de induzir esse mesmo processo.

Entendemos que no Piauí essas particularidades regionais se revelam através do caráter predominantemente agropecuarista de suas sociedade/economia, responsável pela instabilidade e pelo baixo desempenho de sua econômica ao longo

dos anos.¹⁷ No entanto, a partir dos anos 1980, a produção de grãos no sudoeste do estado, em moderno sistema produtivo, quase toda destinada ao mercado externo, vem produzindo fluxos de naturezas diversas, com reflexos que se fazem sentir, especialmente, em cidades próximas às sedes dos municípios produtores de grãos¹⁸. Esta atividade, associada a outras ações de caráter público e privado, vêm dando novas possibilidades à economia estadual, cujo rebatimento se faz sentir também na capital do Estado - Teresina.

Desse modo, por ser a capital e o principal centro da rede urbana piauiense, Teresina concentra 26,19% da população total do Estado (que hoje é de 3,14 milhões de habitantes). A capital piauiense concentra também 46,34% das riquezas do Estado, conforme divulgou, em 2012, a Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí (CEPRO), com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2012. Tais dados destacam ainda que “ao longo dos anos, Teresina tem se consolidado economicamente, ficando, inclusive, em uma posição de destaque em relação a algumas capitais”.

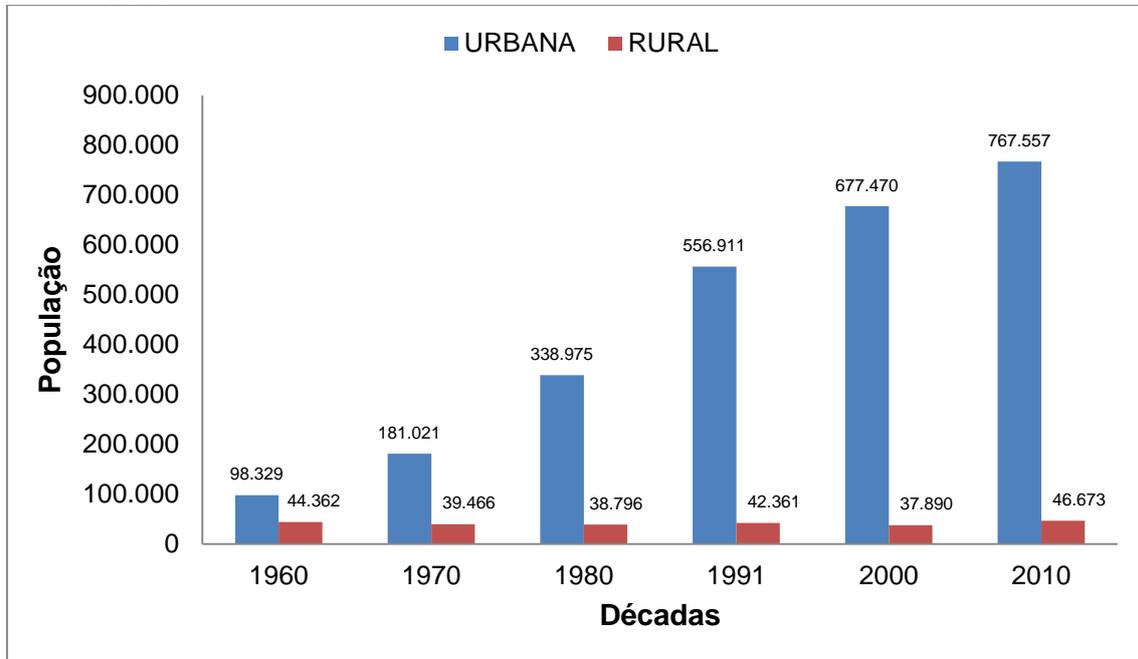
Refletindo as bases econômicas do Estado, a economia do município de Teresina, segundo dados da Fundação CEPRO, antes citada, é fortemente marcada pelo setor de serviços (77,7% do PIB municipal, destacando-se especialmente os serviços de saúde e os de educação), seguidos das atividades industrial (21,7%, com realce para a construção civil e a ela associada, a produção de telhas e tijolos) e agropecuária (0,6%), onde se destaca a produção de aves (primeiro produtor do Estado), de segundo o documento antes mencionado. Por isso, consideramos que o processo de periurbanização que entendemos está ocorrendo ao norte da cidade de Teresina, resulta do conjunto dessas circunstâncias associadas à mudanças globais que incidem nos território piauiense e teresinense. Dentre estas circunstâncias locais destacamos o aumento da população urbana teresinense, entre os anos de 1960 e 2000, de forma contínua, correspondendo a um aumento de quase oito vezes se compararmos a população no intervalo desses 40 anos. Ao contrário, a população rural cresceu somente em torno de 1,05 vez. Assim, o aumento da população urbana teresinense tem contribuído para o

¹⁷ Referências a este aspecto da realidade piauiense têm sido alvo de discussões de diversos autores, dos quais mencionamos Oliveira (2003), Santana (2001) e Chaves (1998).

¹⁸ Sobre a questão, citamos, dentre outros, os estudos, de Araújo (2006) e de Monteiro (2002).

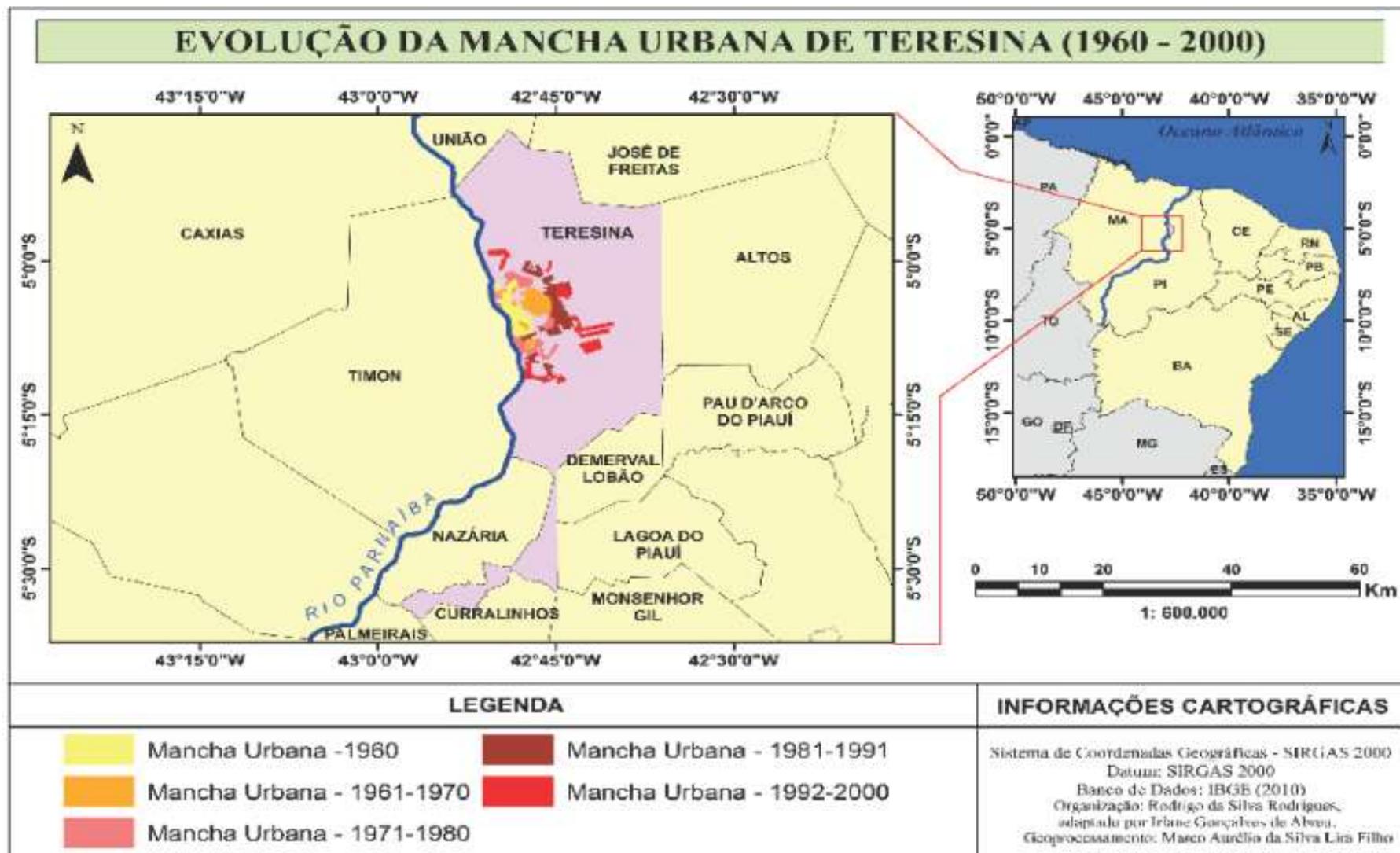
crescimento da cidade e ampliação da zona urbana do município em direção a sua zona rural.

Gráfico 1 - Município de Teresina – PI: Variação da População Urbana e Rural, 1960 a 2010



Fonte: Censos Demográficos – IBGE, anos 1960-2010.

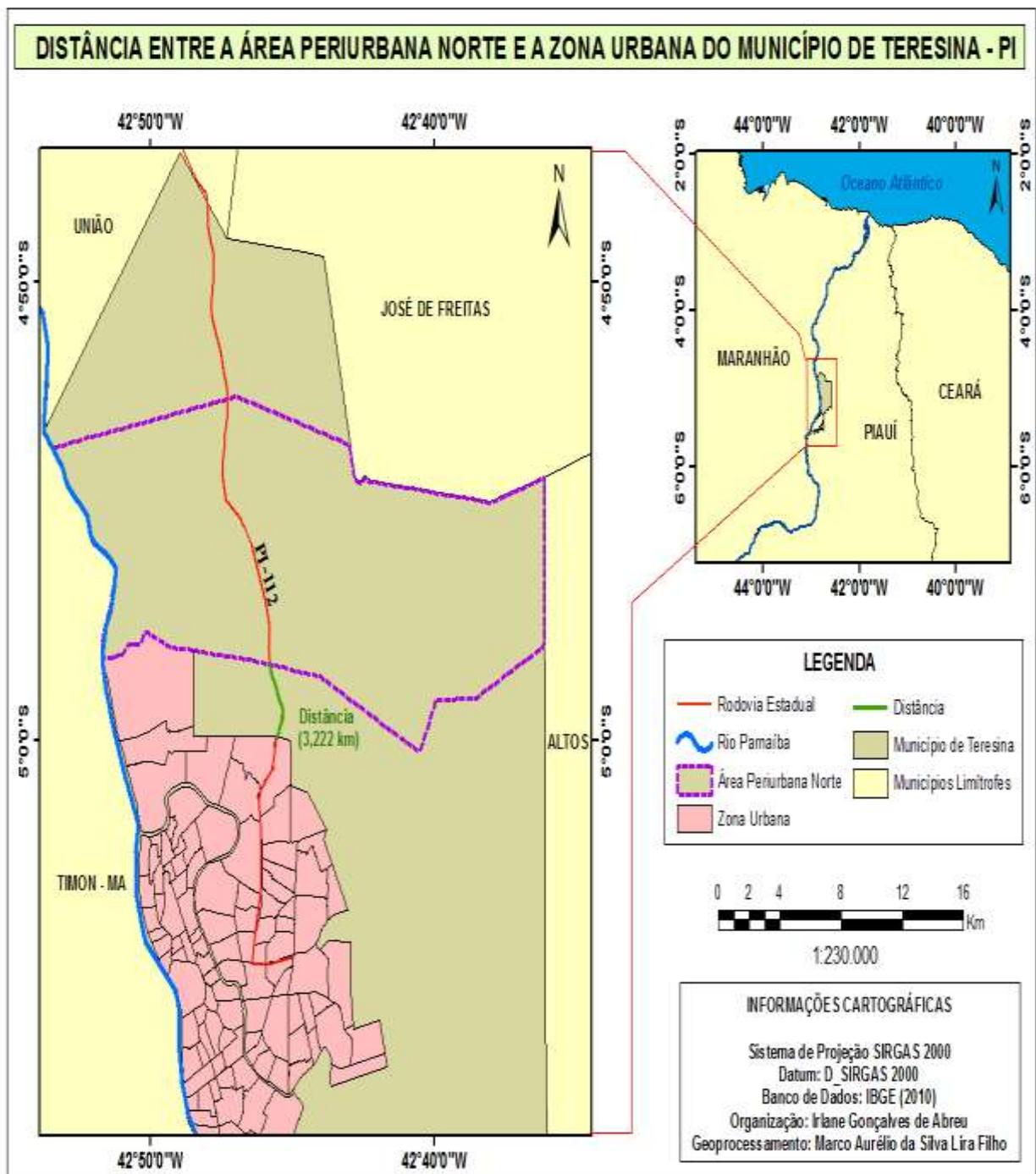
Mapa 2 - Evolução da Mancha Urbana do Município de Teresina de 1960 - 2000



Traduzido em mancha urbana (Mapa 2), o aumento populacional teresinense, juntamente com o crescimento estrutural da cidade em direção aos eixos de crescimento, já mencionados (capítulo 1, item 1.4, Mapa 1), revela considerável espraiamento da cidade, entre os anos de 1960 e 2000.

Avançando na análise, e considerando os aspectos antes citados, destacamos, nos Mapas 3, 4 e 5, a seguir, alguns “elementos significativos” da área pesquisada:

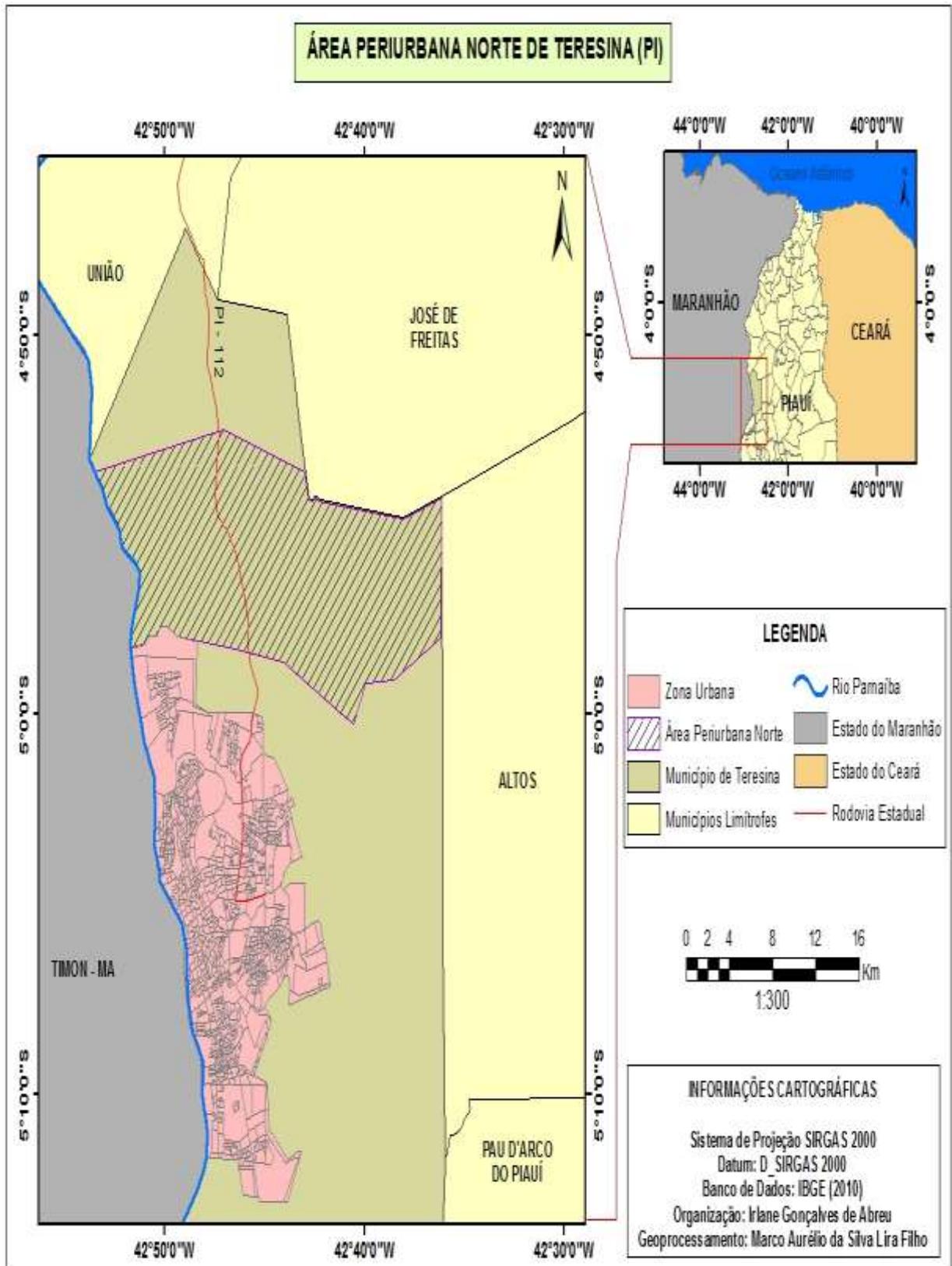
Mapa 3 - Área Periurbana Norte de Teresina - PI: distância entre a área periurbana e a zona urbana do município de Teresina - PI.



- estar situada na zona rural norte do município teresinense;
- ter extensão de 271,1 km², circunscrita por um perímetro de 82,96 km;
- localizar-se apenas a 3,22 km dos limites da zona rural-urbana do município teresinense¹⁹;

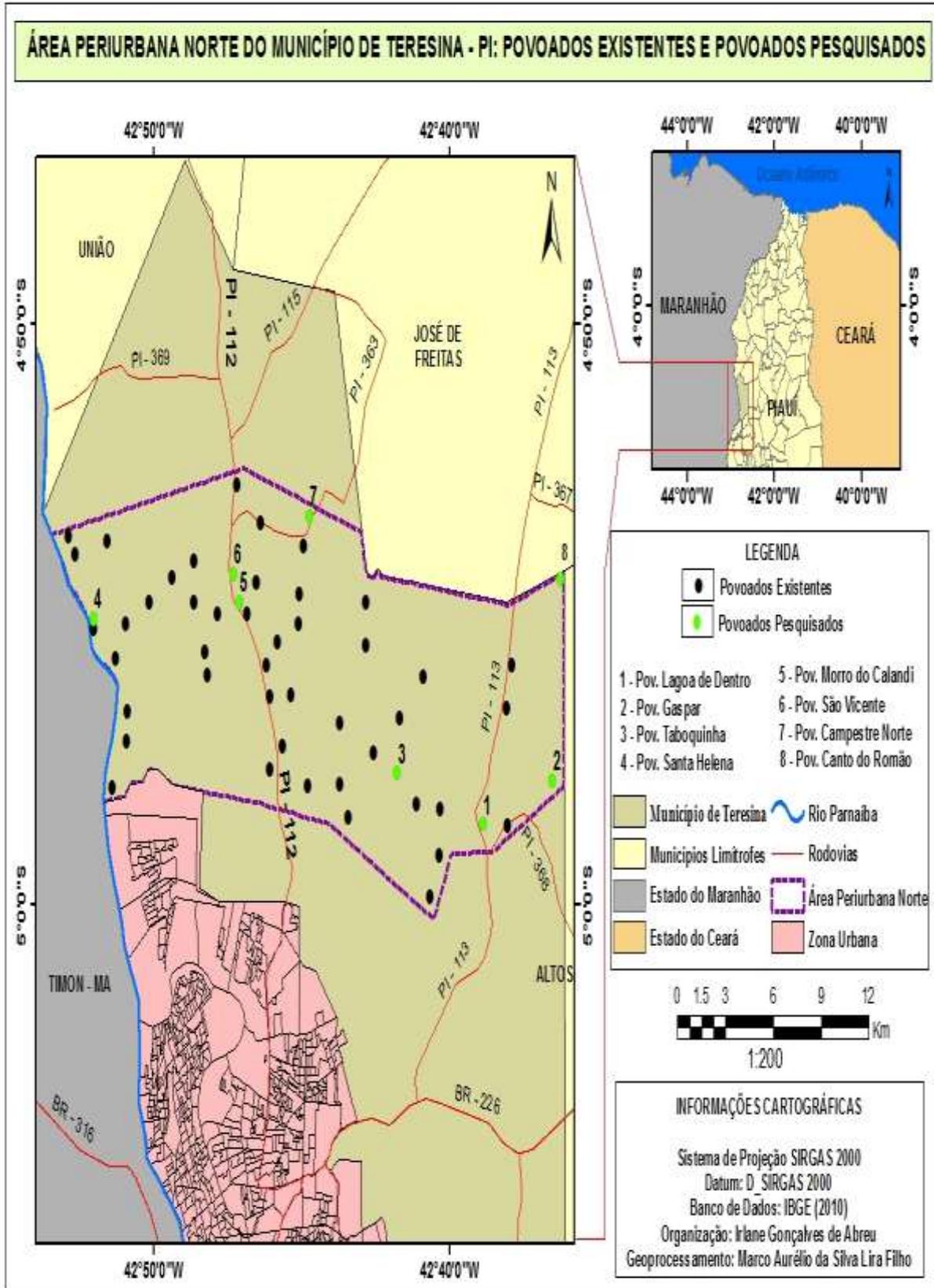
¹⁹ A extensão, o perímetro da área periurbana, bem como a distância desta dos limites da zona rural-urbana do município teresinense foram calculados por Marco Aurélio da Silva Lira Filho, Licenciado em Geografia (UFPI) e Graduando em Tecnologia em Geoprocessamento pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI).

Mapa 4 - Área Periurbana Norte de Teresina PI, Limites



- ter por limites: ao norte, parte da zona rural do município teresinense até seu limite com o município de União; a *leste*, parte da zona rural do município de Teresina até o limite com o município de José de Freitas; a oeste, parte da zona rural do município teresinense, até a margem direita do rio Parnaíba, chamando atenção que a referência para a divisão leste-oeste da área periurbana é a estrada PI-112, que é prosseguimento da Avenida Presidente Kennedy, que, por sua vez, vem da zona do leste da zona urbana de Teresina; ao sul, limite das zonas rural/urbana de Teresina;

Mapa 5 - Área Periurbana Norte de Teresina-Pi: Povoados Existentes e Povoados Pesquisados



- existirem ali 53 povoados, dentre os quais os de São Vicente, Santa Helena, Morro do Calandi, Campestre Norte, Lagoa de Dentro, Taboquinha, Gaspar e Canto do Romão, que foram selecionados como objeto desta pesquisa.

Quanto ao efetivo populacional desses povoados, informações da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura Municipal de Teresina registraram que viviam na área periurbana - e nos povoados selecionados - 5.978 habitantes, em 1991, 7.548, em 2000. Com relação ao ano de 2010, a mencionada Secretaria não informou dados a respeito. Já o IBGE aponta que, naquele ano, ali viviam 13.069 habitantes, aumento considerável entre 1991 e 2010. Isto não faz ressaltar que o registro do IBGE considerou, como base de informações, os setores censitários da área, como um todo, sem identificação de povoados, o que impossibilitou a identificação da população da área pesquisada no último recenseamento geral brasileiro e, por conseguinte, uma análise comparativa de populacional da área em questão nos últimos anos.

Relacionando essas informações específicas sobre a área pesquisada com os “Elementos Significativos/Indicativos para Formação de Áreas Periurbanas” (Quadro 1), é possível realizar uma primeira aproximação entre as características da área de estudo e as diversas características de áreas periurbanas discutidas por diferentes autores.

Nesse sentido, destacamos, a seguir, características da área pesquisada dentre aquelas mais representativas de áreas periurbanas, tais como:

- a *proximidade com/influência do urbano*, pois a área em questão não é nem contígua aos limites municipais das zonas urbana e rural, nem tão distante de Teresina, situando-se a somente 2,22 km do limite do perímetro rural-urbano do município teresinense (ver Mapa 3), característica mencionada por Font (1997) e Castells (2001), citados por Entrena Durán (2003); por Miranda (2008); pela Comissão Europeia (EUROPA, 2000) citada por Pereira (2012), dentre outros.

A característica antes mencionada contribui para a formação de uma paisagem ainda predominantemente rural onde, no entanto, se misturam traços de ruralidade e de urbanidade revelada pela ocorrência de “Elementos Específicos” da área (Quadro -1), na sequência mencionados:

- ✓ “razoável” infraestrutura nos povoados (escolas, ruas com calçamento, postos de saúde, atuação de profissionais do Programa de Saúde da Família (PSF),

abastecimento de água e de energia elétrica, sinais de telefonia fixa e de televisão);

- ✓ inúmeros sítios (a denominação mais frequente do habitat local, que se configuram também como 2ª residências), indicando posse da terra e onde se pratica atividade de baixa produtividade/ou para subsistência;
- ✓ grande extensão de terra sem propriedade/destinação aparentes, configurando-se como área de mata nativa;
- ✓ assentamentos rurais;
- ✓ loteamentos;
- ✓ estradas, muitas delas sem pavimentação, e duas rodovias estaduais pavimentadas;
- ✓ serviço de transporte intermunicipal prestado pelo setor público;
- ✓ predomínio de uso do solo, para: produção de subsistência e criação de pequenos animais; atividade industrial, destacando-se, nas proximidades, uma grande indústria produtora de cana (desta, existe um conjunto de casas para os operários); instalações de granjas avícolas; instalação de criatório de peixes (venda) e atividade tipo “pesque-pague”; extensas plantações de banana; pequenos comércios; locais para atividades de lazer (galpões para festas) e atividades comunitárias (templos religiosos, praças) cemitérios; produção/venda de ovos, de farinha de goma, de frutas típicas (caju, manga etc), o que configura prática de outras atividades geradoras da renda familiar, diferentes da atividade rural, mas a ela associada; existência de mananciais: especialmente riachos (destacando-se o riacho São Vicente), lagoas etc pertencentes à bacia hidrográfica do rio Parnaíba, cujo uso abastece a população (no trato doméstico, na rega de plantações e no abastecimento de piscinas e em projetos de irrigação).

É importante ressaltar ainda a existência, nas proximidades da área, de uma estação de transmissão de energia (Estação da Marambaia) da Empresa Eletrobrás Distribuição do Piauí, e a construção um polo de negócios (Polo Empresarial Norte), cuja conclusão está prevista para o final deste ano de 2014.

Numa segunda aproximação entre os “Elementos Específicos” da área em estudo, as diversas características de áreas periurbanas, referidas no item 2.3, além dos “Elementos Significativos/Indicativos para Formação de Áreas Periurbanas”

(Quadro 1), destacamos ainda que, a referida área apresenta também características relacionados a:

- *transformação/transitoriedade*, uma das características mais significativas de áreas periurbanas (MACHADO, 2010; ENTRENA DURÁN, 2003; PEREIRA, 2012, dentre outros), aspecto que pode ser observado na área pesquisada uma vez que esta situa-se entre duas outras áreas de crescimento e transformações, a primeira delas constituída por trecho de área rural, após o limite urbano-rural até o limite com a área de pesquisa, em direção no norte²⁰ (Mapa 4); a segunda, igualmente área rural e também em direção ao norte, é limitada nessa direção pelo bairro Chapadinha (recentemente incorporado à zona urbana), e a leste, por estrada municipal que margeia o rio Parnaíba²¹. Assim, a área considerada por nós, *a priori*, como periurbana pode ser vista como um “enclave” situado entre duas áreas que apresentam grandes transformações e movimento, e que certamente será por elas afetada, com alta probabilidade de ser incorporada ao perímetro urbano da capital. Tal aspecto leva:

- à *perda gradual da atividade agrícola*, o que concorre para a prática da pluriatividade.

Outras características são ainda observadas na área periurbana norte de Teresina, tais como:

- *predominância de características rurais*, característica associada à 3ª Coroa de Bernard Kaiser (1990), é mencionada por MIRANDA (2008), que se refere à ocorrência de *processos de periurbanização recentes com caráter rural que competem com atividades rurais*, como também por Asensio (2005, p.9), ao associar tais áreas a espaço «*donde los procesos de urbanización se enfrentan a una agricultura y a una sociedad rural en pleno funcionamiento*”.
- apresentar *paisagem rural*, identificada por aspectos como habitação dispersa, forte presença de mata nativa, ocorrência de poucos elementos estruturais definidores de espaços urbanos como escolas, postos de saúde, templos religiosos, praças.

²⁰ No trecho imediatamente anterior ao limite urbano-rural da área de pesquisa existem condomínios fechados, clubes e escola de ensino superior. Há também projeto de construção, ali, de maternidade pública, o que revela um avanço cada vez mais acentuado da instalação de equipamentos urbanos em direção ao rural.

²¹ Essa estrada municipal, ainda sem identificação, chega até o povoado Boa Hora, um dos pontos-limite da área desta pesquisa, onde está se instalando o Polo Empresarial Norte de Teresina.

- *mistura de usos de solos*, resultante dos aspectos observados no item 4 (ADELL 1999, citado por PEREIRA 2012; VALE 2005).. Assim quando chegamos à área periurbana norte de Teresina a primeira impressão que temos é que estamos em área tipicamente rural, representada por uma paisagem onde predomina o uso rural do solo. No entanto, ali podem ser observados, embora de modo pouco recorrente, outros usos do solo, como construções que abrigam templos religiosos, escolas, postos de saúde, galpões onde se realizam festas, negócios diversos, dentre outros usos do solo já descritos anteriormente e que viabilizam a vida cotidiana das pessoas, incidindo em reconfigurações espaciais e impactando diretamente o modo de vida de seus moradores da área, aspectos que serão abordados no capítulo 3.

- *baixa densidade*, aspecto mencionado por Entrena Durán (2003), citando Castells (2001). A predominância ali de atividade agrícola reforça a característica em questão, pois pesquisa realizada para este trabalho indica que cerca de 80,00% dos que ali vivem, praticam a atividade agrícola, tradicionalmente associada a áreas com poucos moradores. A esse aspecto se soma a ocorrência, de forma dispersa, de grandes extensões de mata nativa que pode ser associada ao que Font (1997) chama, ainda de acordo com Entrena Durán (2003), de *paisagens de baixa densidade*. Essas argumentações encontram reforço no fato da área em questão ser bastante antiga, com registro de moradores há pelo menos 50 anos (ressaltamos especialmente o caso de um morador do povoado Canto do Romão que diz ter nascido ali por volta de 80 anos), podendo ser hoje associada ao conceito de *rural profundo* e onde prevalecia um *modo de vida rural*, conforme mencionam Sorokin, Zimmerman e Galpin (1981). No entanto, nos últimos 15 anos, sua ocupação se tornou expressiva quando as ligações com a zona urbana teresinense se intensificaram, especialmente pela construção de estradas, o que levou à já mencionada característica de *crescimento em forma de eixos*, descrito na item 1.4 do capítulo 1 deste trabalho;

- *descontinuidade com relação ao espaço urbano com o qual se relaciona*. Esta característica é referida por Vale (2005) que, a respeito, menciona autores como Berger (1989) e Steinberg (2003); por Entrena Durán (2003), para quem a *tendência de aumento de extensão do periurbano faz com seus limites sejam cada vez mais indefinidos com relação à área rural*. Tal argumento dá suporte à ideia de que, desde as décadas de 1950 - 1960, a cidade de Teresina assumiu um crescimento de caráter periférico e em eixos. Estes, além de ampliarem as conexões intraurbanas

permitiram também o estabelecimento de ligações com rodovias fora da cidade, ampliando a comunicação de Teresina com seu espaço rural (Mapa 1), possibilitando, ao mesmo tempo, o avanço do urbano sobre áreas rurais do município teresinense e, por conseguinte, sobre a área objeto desta tese. Assim, a influência e a proximidade com a capital teresinense tem levado a formação de um tecido urbano, nos 3,222 km situados entre o fim da zona urbana de Teresina e o início da área periurbana norte de Teresina, aqui estudada (Mapa 3), constituído por condomínios fechados de alto padrão, clubes, motéis, salões para festa, o que contribui para a ocorrência ali de um intenso tráfego. Como já comentamos, concorre para a formação desse movimentado trecho a existência da Avenida Pres. Kennedy que, no limite zona urbana-zona rural do município de Teresina, se transforma em estrada estadual, a PI 112, dando acesso ao município de União e ao interior da própria área de pesquisa através de estradas municipais.

- desenvolver-se *radialmente ao longo de principais vias de acesso*. Castells (2001) e Zárate (1984), citados por Entrena Durán (2003), chamam este modelo de *periurbanização de desenvolvimento radial* porque ocorre ao longo das principais vias de acesso e de forma segmentada. Novamente nos referimos à rodovia PI 112, que permite conexões de Teresina com a área de pesquisa, como também da PI 113, que conecta a área com outros municípios piauienses limítrofes. O Mapa 5 - Povoados Existentes e Povoados Pesquisados - nos permite observar que 29 (ou 54,71%) dos 53 povoados existentes na área de pesquisa situam-se entre as citadas rodovias.

Outros aspectos teóricos apontados por estudiosos, além dos que estão registrados no Quadro 1, podem ser observados na área periurbana norte de Teresina, e que a eles se somam reforçando assim sua identificação como *área periurbana*. Dentre estes, citamos:

- presença de *novas funções*, destacando as *de lazer e de ócio*, conforme lembra Asensio (2005), decorrentes de condições infraestruturais de transporte/de difusão da informação e tecnologia, associadas aos crescentes problemas urbanos verificados nos últimos anos. Estas características/funções podem ser observadas nos povoados da área pesquisada. Assim, em chácaras²², sítios (quando da

²² José Graziano da Silva (1997, p.12-13) destaca, na caracterização no rol das atividades não agrícolas que vem se desenvolvendo no meio rural nos dias atuais, a proliferação de sítios de recreio, ou simplesmente chácaras. Assim são chamadas no interior do estado de São Paulo, pequenas

realização da pesquisa direta foram identificados cerca de 200 propriedades com esta denominação, e somente nas estradas mais acessíveis), e fazendas ali existentes, o *lazer* é praticado sob a forma de ócio ou de diversas atividades como “pesque-pague”, participação em festas e shows que ocorrem em grandes galpões, em haras e ou em espaço cultural e outros.

- *abrigar segundas residências*, especialmente nos sítios, chácaras e fazendas, geralmente habitações espaçosas, com pátios arborizados e área com piscinas, utilizadas em finais de semana, feriados e férias. As referências a estes aspectos funcionais/características estão em Entrena Durán (2003, 2004a), Vale (2005), Gualdani et al (2005) e Asensio (2005).

- *ser zona de passagem*, aspecto que Miranda (2008, p. 36), menciona citando Asensio (2005), pois pela proximidade com o urbano, áreas periurbanas podem canalizar movimentos do rural para o urbano e vice-versa. É o caso da área em questão que, por sua localização, a apenas 3,22 km (Mapa 3) do limite urbano-rural Teresina, possibilita o deslocamento dos moradores dos seus 53 povoados para esta cidade e vice-versa, com relativa facilidade, uma vez que ficam situados a uma distância média de 18 km do centro da capital teresinense (Prefeitura Municipal de Teresina, 1995). Tal característica de ser *zona de passagem/comunicação* ganha reforço pela existência da rodovia PI 112, já mencionada diversas vezes neste trabalho, cuja importância decorre de ser é continuidade das Avenidas Pres. Kennedy e Frei Serafim, ambas situadas no centro urbano. Ao vir do centro urbano e passar no interior da área em questão, a PI 112 segue em direção ao norte ligando Teresina ao município de União, promovendo ligações urbano-rural como também em sentido contrário. Assim, o fluxo de veículos e pessoas, em ambos os sentidos, facilita as comunicações entre a *área periurbana*, diversos bairros e o centro da capital, incrementando fluxos de bens, serviços e informação, aspecto mencionado por Buxton e Choy (2007). Na área periurbana tal aspecto é reforçado pela existência de linha regular de ônibus que faz a ligação dos povoados com Teresina, em horários pré-determinados, além de outras linhas de transporte intermunicipal

áreas destinadas ao lazer das famílias de classe média urbana, geralmente inferiores a 2 hectares, localizadas nas periferias dos grandes centros urbanos, como também em orla marítima ainda pouco habitada, ou nas proximidades de rios, lagos, represas e reservas florestais, e com fácil acesso através das principais rodovias asfaltadas do país. Seus donos dedicam-se à produção de plantas ornamentais, frutas, hortaliças, atividades de recreação (como pesque-pagues e outros) e turismo (hotel fazenda e semelhantes). O autor antes citado destaca também o papel das chácaras com relação ao emprego, sendo considerável o número de caseiros como segmento expressivo dos trabalhadores domésticos.

que por ali passam em direção aos municípios situados ao norte da área. Mencionamos também a grande movimentação de carros e motocicletas que também cumprem papel de agentes de comunicação entre a área periurbana norte e outros espaços teresinenses.

Além das características antes mencionadas, a área periurbana norte de Teresina (PI), tem sua caracterização reforçada por aspectos tais, como:

- *não ter reconhecimento oficial de sua condição de área periurbana*, pois como aponta Miranda

[...] na prática, existem vários constrangimentos institucionais para o planejamento e gestão das áreas de transição rural-urbana, todos intimamente relacionados: i) de ordem política (reconhecimento do território do ponto de vista administrativo e como objeto de interesse para o planejamento); ii) de ordem legal (definição de perímetros legais, competências administrativas, marcos regulatórios, sobreposições); iii) de ordem técnica (recortes e escalas de organização das informações. (MIRANDA, 2008, p. 26).

- *não ter definições legais/institucionais*, aspecto discutido por Silva (2010), Miranda (2008) e Vale (2005), dentre outros. No Brasil, concorre para a situação o fato de que o espaço rural é definido por oposição ao espaço urbano ou por sua externalidade ao urbano (ver nota 1), definição que, apesar de usual é, atualmente, alvo de discussões, inclusive pela própria ocorrência do processo de periurbanização/formação de áreas periurbanas. Esta situação se verifica também com relação ao município de Teresina, cuja administração não reconhece a existência da condição de periurbanização da área estudada, que é tida como área rural. Agravando a questão da indefinição conceitual no Brasil entre espaços rurais e urbanos, o conceito de *cidade* foi instituído por legislação federal de 1938, de modo que ao longo de quase oito décadas o *espaço cidade* passou por diversas transformações (como criação de Regiões Metropolitanas, de Regiões Integradas de Desenvolvimento e outras expressões dessas transformações). Além do mais, a cidade, nas últimas décadas, ao romper com formas e funções que, por definição, seriam exclusivas e restritas a seu perímetro urbano tem-se espalhado em direção às suas bordas e ao campo. Esse movimento produziu processos/formas (surbubunização/formação de subúrbios, periferização/formação de áreas periféricas e periurbanização/formação de áreas periurbanas) não institucionalizados, mas reconhecidos pela prática social e referendados pela academia. Desse modo, sem uma definição instituída para o *rural que se transforma* nem para as *mudanças que ocorrem no limiar urbano-rural*, as áreas periurbanas brasileiras permanecem num

“limbo” institucional, de acordo com Miranda (2008). São áreas que se formam aleatoriamente, sem planejamento, o que pode contribuir positivamente ou para criar graves problemas no futuro, ressaltando-se que as reconfigurações espaciais atingem a vida das pessoas, cujas práticas sociais têm-se alterado, especialmente no que diz respeito ao trabalho e aos modos de viver. Entrena Durán (2003), também alerta que a indefinição institucional influi na dimensão sócio-econômica das áreas periurbanas porque ali vive uma *sociedade em transformação*, aspecto que é objeto do capítulo 3 desta tese. Essa característica, juntamente com a de ausência de reconhecimento oficial de sua condição de ser área periurbana estão intimamente associadas.

- seu *aspecto ecológico*, mencionado por diversos estudiosos, deve ser acrescentado à caracterização/identificação da área estudada, pois, mesmo ao apresentar perda progressiva de áreas naturais pelas transformações que está enfrentando, a área periurbana norte de Teresina ainda pode ser considerada como espaço preservado, onde é baixa a ocorrência de *riscos ecológicos*. No entanto, é pertinente observar o que afirma Miranda (2009), sobre tais áreas, pois é ali que se concentram os sistemas de mananciais, grande estoques de terras e áreas de reserva da expansão urbana, o que pode torná-las objeto de especulação imobiliária desencadeando ocorrência de problemas ambientais. Essa possibilidade foi mencionada antes pela situação peculiar da área pesquisada de estar localizada entre áreas submetidas a transformações. Lembramos também que na área situa-se parte da densa malha hidrográfica da bacia do Parnaíba (destaque para o riacho São Vicente) que é utilizada para abastecer piscinas e irrigar plantações, o poderá contribuir, a longo prazo, para a produção de efeitos ambientais negativos, que são referidos, além de Miranda (2008 e 2009), por Rosselló e Rodríguez (2010), Pereira (2012), Barsky (2005).

A ocorrência das características antes analisadas, e próprias de áreas periurbanas, foi observada na área pesquisada, o que nos permite afirmar que a área, objeto desta tese, é *área periurbana* que, de agora em diante, será denominada de *área periurbana norte de Teresina (PI)*, por estar situada ao norte do município teresinense.

Uma vez caracterizada a área de estudo como periurbana, avançamos na tentativa de identificá-la, de acordo com referências produzidas por estudiosos

reiteradamente mencionados neste trabalho, a que tipo de espaço periurbano a área periurbana norte de Teresina mais se aproximava.

Neste sentido, e tomando como referência o Quadro 1, foi possível associar à área periurbana norte de Teresina aspectos de diferentes tipos de espaços periurbanos, dos quais destacamos sua origem rural, sua condição de estruturação recente e ainda em formação, o que não a faz avançar como frente de urbanização, pois ali predomina uma agricultura e uma sociedade rurais (ASENSIO, 2005).

É desta área - caracterizada como periurbana e tipificada conforme elementos antes mencionados - que pretendemos discutir, no capítulo 3, a seguir, as reconfigurações espaciais e as mudanças no modo de vida dos moradores dos povoados São Vicente, Santa Helena, Morro do Calandi, Campestre Norte, Lagoa de Dentro, Taboquinha, Gaspar e Canto do Romão, ali situados.

4 ÁREA PERIURBANA NORTE DE TERESINA: RECONFIGURAÇÕES ESPACIAIS E MUDANÇAS NA VIDA DE SEUS MORADORES

“As pessoas não trabalham mais na roça, só os mais velhos porque é o que sabem fazer, ou por precisão. Os mais novos trabalham na cidade, no comércio e em outras coisas”... “Aqui é bom, é uma mistura de área rural com a cidade”... “Como estou aposentado, só saio para Teresina quando não posso deixar de ir. Aqui tenho tudo, é o que é melhor, tenho sossego e menos calor”.

(Falas de três moradores da área periurbana norte de Teresina, a primeira referindo-se à mudança de hábitos entre jovens e idosos, as outras duas, fazendo menção ao modo de vida da área pesquisada)

A busca de explicação para a ocorrência de formas sócio-espaciais contemporâneas envolve discussões relacionadas a mudanças que vêm ocorrendo na relação campo-cidade que, ao se estreitarem cada vez mais, levam a reconfigurações espaciais, como já analisamos, especialmente, no capítulo 2 deste trabalho. Tal premissa é uma das referências deste trabalho e do seu objetivo, já por diversas vezes aqui referido, que é a compreensão das reconfigurações espaciais que estão ocorrendo em povoados de área rural, situada ao norte e nas proximidades da cidade de Teresina (PI), nos últimos 15 anos. Ao mesmo tempo, procuramos discutir também um aspecto associado a essas reconfigurações, porém pouco explorado no conjunto das ideias aqui discutidas, que são os reflexos dessas mudanças no modo de vida de moradores de áreas periurbanas.

Embora a administração municipal de Teresina (PI) considere a área objeto desta pesquisa como rural, sua proximidade com a capital piauiense, vem fazendo com que ali se mesquem aspectos de espaços rurais e urbanos, o que no nosso entendimento está produzindo uma *área periurbana* e um *modo de vida periurbano*. Por esta razão, tentaremos neste terceiro capítulo aproximar a realidade da área já identificada como periurbana e tipificada por seu aspecto ainda predominantemente rural, das referências relacionadas a tais áreas explicitadas ao longo dos capítulos 1 e 2 deste trabalho, com ênfase especial na transformação modo de vida de seus moradores. Neste sentido entendemos que os conceitos de *modo de vida*, *ruralidade*, *urbanidade*, *urbanidades no rural*, em conjunto com outros conceitos já discutidos, contribuirão para a compreensão dessas mudanças. Com o mesmo propósito elegemos como sujeitos da pesquisa empírica deste trabalho **os moradores dos povoados** São Vicente, Santa Helena, Campestre Norte, Lagoa de

Dentro, Taboquinha, Gaspar, Canto do Romão e Morro do Calandi, e **outros moradores da área**, já devidamente qualificados na Introdução desta tese.

Iniciando este capítulo discutiremos, de forma breve, sobre os conceitos antes citados que dão suporte à ideia da ocorrência de um modo de vida periurbano na área pesquisada e, a seguir, procederemos a análise dos dados obtidos na pesquisa empírica realizada na referida área, tendo por base os referenciais mencionados ao longo deste trabalho de modo a corroborar o seu objetivo.

4.1 Modo de Vida, Modo de Vida Rural, Modo de Vida Urbano, Ruralidades, Urbanidades, Urbanidades no Rural: Breves Discussões

4.1.1 Modo de Vida, Modo de Vida Rural, Modo de Vida Urbano

O conceito de modo de vida, no nosso entendimento - e de forma bastante genérica - refere-se às interações que os sujeitos estabelecem, num determinado lugar e num determinado tempo, com seu grupo familiar, com outros sujeitos que por ali vivem ou transitam, como também com o meio ambiente, envolvendo inclusive as que se relacionam à produção. Tais interações expressam “modos de ver o mundo”, de acordo com Laraia (2001, p.72) e, conforme essas interações se deem no campo ou na cidade, teremos a ocorrência de *modo de vida rural* ou de *modo de vida urbano*.

A simplicidade desta afirmação esconde, no entanto, a complexidade do conceito de *modo de vida* que, para Guerra (1993), não tem conteúdo preciso, tanto por sua abrangência como pelos questionamentos que lhe dão respaldo e que envolvem conhecimentos de Sociologia, Antropologia, Psicologia Social e Geografia Humana.

Historicamente, o arcabouço para a elaboração do conceito de modo de vida decorreu de dois aspectos predominantes na sociedade mundial das primeiras décadas do século XX: no plano das ideias, o predomínio dos postulados do Positivismo²³ e, no plano material, a ocorrência da industrialização, processo produtivo cuja influência foi marcante, especialmente na organização das cidades.

²³ Positivismo é aqui considerado, de acordo com Moraes (1981, p.21), como uma das correntes do pensamento ocidental, cujos principais postulados, são: redução da realidade ao mundo dos sentidos; existência de um único método de interpretação para todas as ciências e a síntese como culminância do conhecimento.

Tal arcabouço foi decisivo para que os sociólogos Louis Wirth (1987), e Pitirin Sorokin, Carlo Zimmerman e Charles J. Galpin (1981) escrevessem *O Urbanismo como Modo de Vida, o primeiro*, e os três últimos, *Diferenças Fundamentais entre o Mundo Rural e o Mundo Urbano*, textos que se tornaram referências para a compreensão das sociedades urbana e rural da época e de seus respectivos modos de vida.

No texto antes mencionado Wirth (1987, p.90 e 92) definia as *ciudades* como “agregados gigantescos [...] de onde irradiam as ideias e as práticas que chamamos civilização”, ou ainda como [...] “uma determinada forma de associação humana”. Por sua vez, Sorokin, Zimmerman e Galpin (1981), preocuparam-se em caracterizar o espaço rural e a identificar a estruturação da sociedade que vivia no campo. Desse modo, Wirth e Sorokin, Zimmerman e Galpin, ao identificarem duas sociedades - a urbana e a rural, com características contrastantes relacionadas às suas dimensões espaciais, atividades produtivas predominantes e organizações sociais -, contribuíram para a elaboração dos conceitos de modo de vida urbano e modo de vida rural, aos quais foram associados às noções de *ruralidade* e de *urbanidade*, inerentes a tais sociedades. Portanto, a ideia de *ruralidade* estaria intimamente ligada ao modo de vida rural, no qual se destacavam do ponto de vista da produção, a atividade agrícola praticada ao ar livre, pela quase totalidade dos moradores do campo, e com relação à estrutura social, a homogeneização dos indivíduos quanto à linguagem, crenças, opiniões, tradições, padrões de comportamento, além de menor complexidade, diferenciação e estratificação sociais, o que levaria a menos mobilidade e dinâmica da sociedade em questão. Da mesma forma, conforme Wirth (1987, p. 93), a *urbanidade* decorreria de características inerentes ao modo de vida urbano ou ao “modo de vida do homem da idade moderna”, dentre as quais destacava: segmentação e anonimato; superficialidade e transitoriedade das relações; diversificação e especialização social; contraste entre contato físico próximo e relações sociais distantes; mobilidade social e segregação por diferenças de raça, língua, renda e status social.

As sociedades identificadas a partir dessas características como sociedade rural e sociedade urbana, bem como as noções de ruralidade e de urbanidade delas decorrentes, tornaram-se parâmetros para a compreensão do mundo até meados do século XX.

Como já comentamos em diversos momentos deste trabalho, as mudanças que o mundo vem enfrentando nos últimos cinquenta anos têm afetado as relações entre espaços campo e cidade, que se tornaram cada vez mais articulados e perderem seu caráter dicotômico, passaram a apresentar formas espaciais contemporâneas. No âmbito dessas novas relações estão se constituindo *novos modos de vida* associados ao rural e ao urbano, que expressam *novas ruralidades* e *novas urbanidades*. Refletindo tais mudanças, o conceito de modo de vida também sofreu alterações e, segundo Guerra (1993), isto ocorreu especialmente devido ao afastamento da Sociologia, de uma abordagem estrutural, cuja base estaria assentada nas atividades produtivas - a produção agrícola, ao campo, e as atividades industrial e de prestação de serviços, à cidade - e adoção, em suas análises, de uma abordagem histórica com abordagens mais complexas.

A esse respeito, diz a autora antes citada:

As pesquisas mais recentes sobre os modos de vida centram-se em dois aspectos fundamentais. Por um lado, a análise da relação entre as diferentes práticas quotidianas (de trabalho, de vida familiar, de consumo, de lazer, etc.) e, por outro lado, as relações que o conjunto destas práticas quotidianas estabelecem com as relações sociais mais gerais. (GUERRA,1993, p. 65).

Desta forma, a compreensão sobre a cotidianidade dos sujeitos - suas vidas privadas, atividades de lazer de trabalho e práticas de consumo nas quais estão envolvidas as relações sociais mais gerais - vem produzindo novas diretrizes para o entendimento do conceito de modo de vida, e, especialmente, dos modos de vida urbano e rural, estes, atualmente, muito distantes dos modos de vida identificados, no início do século XX, por Wirth, e Sorokin, Zimmerman e Galpin.

Do ponto de vista da organização do espaço - ou da Geografia - o conceito de modo de vida, envolve a *espacialidade*. Esta foi incorporada ao conceito quando o desenvolvimento do processo produtivo deixou de ser associado somente à produção *strictu sensu*, passando a ser entendido de forma mais ampla, ao contemplar um conjunto de determinações sociais, políticas, ideológicas e jurídicas articuladas na totalidade de uma formação econômica e social, que incidiam em espaços urbano e/ou rural.

Essas ideias aproximam-se do que dizem, a seguir, Marandola Júnior e Arruda (2005)

[...] o urbano e o rural são mais do que um modo de produzir, eles são também um modo de consumir, de pensar, sentir, enfim, são modos de

vida. Mais que modo de vida, precisamos refletir sobre o que poderíamos talvez denominar de modos espaciais, que implica uma forma distinta de relação homem-homem, homem-sociedade, homem-meio e meio-meio. Não se trata somente de feições espaciais específicas (a morfologia da paisagem), mas a própria essência da espacialidade, fundada na dinâmica destas relações. (MARANDOLA JÚNIOR; ARRUDA, 2005, p 25).

Para Marandola Júnior e Arruda (2005), portanto, é por intermédio da dimensão espacial - a geograficidade do conceito - que os relacionamentos e as vivências entre o homem e seu meio se exteriorizam em *modos espaciais*, ampliando assim a ideia de *modo de vida*. Assim, *modos espaciais* seriam as diversas maneiras de relacionamento dos homens com o espaço, produzindo realidades e vivências distintas; ou ainda, as diversas e diferentes maneiras como as pessoas vêm cidade e campo a partir de suas experiências de *urbanidade* e *ruralidade*. Por isso, concluem os autores aqui mencionados, os conceitos de *modos espaciais* tanto quanto o de *modo de vida sócio-espacial* são fundamentais para a produção e compreensão dos conceitos de ruralidade e urbanidade.

A mesma ideia de espacialidade referida por Marandola Júnior e Arruda (2005), foi antecipada nas palavras de Santos (1985, p.49), quando disse que “o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe sua própria realidade; por isso a sociedade não pode operar fora dela”.

Retornando à abordagem cujo pressuposto é o de que a relação cada vez mais intensa entre campo-cidade, própria das sociedades contemporâneas, produz transformações sócio-espaciais em campos e cidades, refletiremos brevemente sobre os conceitos de *ruralidade* e *urbanidade* tomando como referência autores cujas ideias estão sintonizadas com tal abordagem.

4.1.2 Ruralidades

Neste sentido, o que diferenciaria o conceito de ruralidade derivado das proposições de Sorokin, Zimmerman e Galpin (1981), de sua abordagem atual? Em primeiro lugar, merecem referências as transformações estruturais que afetaram globalmente a sociedade: o campo já não está mais relacionado somente ao agrícola, onde o trato com a terra e com os animais e as relações sociais ficavam restritas ao núcleo familiar. O rural reflete, atualmente, articulações do capital que transferiram/deslocaram parte da engrenagem da produção, antes centrada nas

fábricas urbanas, para espaços além da cidade, atingindo o campo. Como decorrência, a este espaço se associam, hoje, novos atributos, percepções e atividades. Assim, a ruralidade, atualmente, é entendida como uma *representação*, conforme o pensamento: de Wanderley (2000, p.131), por constituir para a maioria da população urbana uma imagem do rural próxima à natureza e oposta ao artificialismo da vida urbana; de Biazzo (2008, p.134), por refletir um conjunto de valores decorrentes dos diversos significados que campo e cidade adquiriram ao longo do tempo em sua relação mútua, e de Marafon (2010, p.4), para quem essa representação, envolve símbolos (sinais e imagens) pessoais surgidos quando os indivíduos pensam sobre o rural, aparecendo como um estado de espírito e uma identificação com o espaço rural. Assim, o rural não está associado apenas às estatísticas que o representa: ele é caracterizado pelas pessoas que nele vivem e pelo modo como elas se sentem habitando nesse espaço.

Nessa mesma linha de raciocínio a ruralidade também é concebida como uma *idealização*, pela qual o campo é visto como um espaço ideal onde é possível usufruir de valores perdidos na deterioração da vida na cidade, valores estes veiculados especialmente pela mídia, conforme Candiotto e Corrêa (2008, p.234); ou como uma *ressignificação* do mundo rural onde a ideia de “rural construído” substitui as antigas oposições sociedades tradicionais-modernas, rural-urbano, campo-cidade e agricultura-indústria, segundo Moreira (2003, p.117).

As concepções sobre ruralidade antes mencionadas, que estão atualmente entre as mais significativas sobre a temática, levam ao entendimento de que, tal como o conceito de modo de vida, a ideia de ruralidade somente pode ser apreendida na sua dimensão histórica, considerando-se tanto o plano das ideias quanto sua concretude sócio-temporal.

4.1.3 Urbanidades

Ao lado de discussões relacionadas à redefinição de *ruralidade*, o significado de *urbanidade* também foi submetido a críticas por envolver igualmente questões de grande amplitude, como mudanças econômicas e sócio-espaciais que influenciaram a reorganização das cidades (já mencionados, especialmente no capítulo 1 deste trabalho) e que contribuíram para a produção das novas relações campo-cidade (igualmente comentadas por diversas vezes nesta tese).

A complexidade do conceito de urbanidade leva Netto (2013, p 234), a afirmar que “poucos conceitos em urbanismo aspiram tocar a condição urbana e a experiência da cidade como o de ‘urbanidade’ - e talvez nenhum outro tenha encontrado uma definição tão pouco sistemática”.

Dentre as muitas concepções associadas ao conceito em questão, há algumas que relacionam urbanidade à existência de espaços públicos e ao convívio, entendidos como dimensão física do urbano, e à maneira como os espaços da cidade acolhem as pessoas, conforme Aguiar (2012); ou como “o convívio que possibilita a relação dinâmica entre as ‘atividades urbanas’ - morar, trabalhar, passear, comprar, conviver, circular - e o espaço (público) adequado a sua realização, dando-lhe vitalidade”, de acordo com Meyer, (2002, s/p). Por sua vez, Netto (2013) procura compreender a experiência da urbanidade por meio da Filosofia, questionando se seria possível atingir a condição urbana, ou se tal experiência se diferencia da experiência de outras espacialidades ou ambientes não urbanos, e como as cidades fazem a mediação da experiência de mundo dos sujeitos em suas relações. Nesse sentido, o autor antes mencionado considera que o modo de vida urbano dá suporte e relaciona diferentes experiências individuais dos sujeitos sobre as coisas e sobre o mundo, em modos de experiência em comum, sob a forma da vida urbana. Esses argumentos levam Netto (2013) a conceituar *urbanidade* como um *encontro* de condições sociais e materiais para o qual a cidade tem um papel estruturante.

Das abordagens que tentam compreender a urbanidade a partir de articulações sócio-espaciais e econômicas, destacamos a que decorre das ideias de Rua (2005), que a associa a uma *urbanização/urbanidade* ideológica, muito mais do que a uma urbanização estrutural, como é usualmente concebida. Rodrigues (1992), outro estudioso da questão, discute a concepção atual de urbanidade e, tal como outros autores o fazem, ele concebe urbanidade associando-a às mudanças ocorridas no mundo do trabalho. Assim, informa que a fábrica, como suporte material da produção industrial, ao ser substituída por grandes espaços destinados ao consumo, como hipermercados e centros comerciais, possibilitou o surgimento de uma cultura do consumo e de novos estilos de vida, aos quais foi associada a concepção de uma nova urbanidade, diferente da que emergiu no contexto inicial da industrialização/urbanização. Essas novas formas espaciais associadas ao consumo

foram identificados primeiramente nas metrópoles, por conta da riqueza e da oferta de novos e diferenciados serviços aí concentrados, pois

Hoje parece relativamente pacífico afirmar que determinados fenômenos e processos sociais são específicos da grande cidade ou da urbanidade, porque são inicialmente gerados nesses contextos a partir de condições específicas dos mesmos, adquirindo um significado e um relevo em tudo diverso dos fenômenos e processos do mesmo tipo em contextos de ruralidade. (RODRIGUES, 1992, p 93).

Ainda segundo Rodrigues (1992), a relação urbanidades e mundo do trabalho deve considerar, além das atividades desenvolvidas nos setores secundário e terciário da economia, outras associadas ao setor quaternário, como a publicidade, a mídia e demais aspectos relacionados à produção simbólica, que fomentam necessidades aos sujeitos, alterando suas práticas de consumo e seus modos de vida. A esse respeito lembra também Santos (1993), que muitas vezes o consumo se dá por uma demanda imposta denominada por ele de consumo produtivo.

Fazendo coro às palavras de Santos (1993), dizem Marandola Júnior e Arruda (2005), que

A expansão do consumo de saúde, de educação, de lazer é paralela à do consumo das batedeiras elétricas, televisões e de tantos outros objetos, como também do consumo das imagens, das ideais, das informações, do consumo das esperanças, tudo isso buscando uma resposta concentrada, que leva à ampliação do fenômeno da urbanização. (MARANDOLA JÚNIOR e ARRUDA, 2005, p 28).

Comentando sobre a transformação do espaço brasileiro, especialmente sobre seu processo de urbanização, diz Santos (1993) que o predomínio da “ruralidade” brasileira somente perdeu força quando, a partir do meio do século XX, se instaurou no país uma nova dinâmica, viabilizando o desenvolvimento da industrialização e da urbanização. Tal contexto, aliado a novas formas de articulação e de transformações técnicas, científicas, informacionais e econômicas, permitiu que o território brasileiro se tornasse cada vez mais urbano, por meio da complexa e intrincada organização das cidades, do aumento de sua população e da oferta de bens e serviços, e por consequência, do aumento do consumo.

No Nordeste, e no Piauí, em especial, essa nova realidade repercutiu, de forma mais intensa, a partir dos anos 1980, quando a população urbana ultrapassou a população rural produzindo novas dinâmicas/formas sócio-espaciais, como a suburbanização, a periferação e a periurbanização, aspectos já comentados no Capítulo 1 deste trabalho. Assim, tomado em seu sentido amplo, o consumo, desde

aquele relacionado aos produtos do cotidiano, até o que envolve formas mais elaboradas de consumir, têm sido um dos suportes para se chegar a uma nova dimensão do conceito de *urbanidade*.

4.1.4 Urbanidades no Rural

Neste momento do trabalho, apesar de termos discutido sobre ruralidade e urbanidade achamos válido ressaltar que não é nosso propósito tratar nem de espaço rural nem de espaço urbano, no sentido pleno de suas concepções, e sim de espaço periurbano, já discutido e conceituado no capítulo 2 desta tese. Entretanto, esta observação faz sentido, uma vez que o espaço objeto desta tese é área periurbana que apesar dessa configuração, apresenta ainda caráter predominantemente rural, onde vive uma sociedade fortemente marcada por características rurais, que, no entanto já enfrenta reconfigurações espaciais de caráter nitidamente urbano, cujas repercussões vêm se dando na vida de seus moradores.

Nesse sentido, lembramos as observações de Candiotto e Corrêa (2008, p.219) sobre espaços periurbanos e as intensas transformações que aí ocorrem pois, para os autores antes citados, tais espaços são partes constitutivas de uma totalidade, formados na diversidade. Lembram ainda que, mesmo considerando o rural - aspecto integrante do periurbano - como espaço singular, abrigo da natureza, há, nos dias atuais, uma aproximação deste com o urbano, o que para Lefebvre (2004), torna o rural cada vez mais envolvido pelo tecido urbano, que, segundo o próprio Lefebvre são palavras que:

[...] não designam, de maneira restrita, o domínio edificado nas cidades, mas o conjunto das manifestações do predomínio da cidade sobre o campo. Nessa acepção, uma segunda residência, uma rodovia, um supermercado em pleno campo fazem parte do tecido urbano. (LEFEBVRE, 2004, p.17)

Candiotto e Corrêa acrescentam que o conceito de tecido urbano

[...] amplia a ideia de espaço urbano, pois inclui vias de circulação e outros objetos técnicos que permeiam o espaço rural. Por conseguinte, rodovias, ferrovias, torres de transmissão de informações, redes de energia, entre outros objetos técnicos presentes no espaço rural, corresponderiam ao tecido urbano. (CANDIOTTO; CORRÊA, 2008, p 219).

Tais ideias constituem a base do que Rua (2002, p.24) chama de *urbanidades no rural*, que seriam “todas as manifestações do urbano em áreas rurais sem que se trate esses espaços formalmente como urbanos”. Essas manifestações não se contrapõem à ruralidade, pois ainda conforme autor antes mencionado, as urbanidades no rural corresponderiam a uma multiplicidade de interações urbano-rurais que marcam as transformações pelas quais passa o rural nos dias de hoje, quando vem ocorrendo uma *urbanização ideológica* expressão proposta por Lefebvre (2004, p. 26) e adotada por Rua (2005, p. 57), que é mais ampla e eficaz do que a urbanização física, conforme Marafon (2010, p.17).

Retomando o início dessa discussão, avaliamos que os conceitos de *modo de vida*, de *ruralidades* e de *urbanidades*, associados a uma cidade e a um campo distintos e antagônicos, perderam sentido como instrumento de análise, notadamente na complexa sociedade dos dias atuais, onde as relações entre cidade e campo estão cada vez mais intrincadas. Neste contexto tornam-se difíceis as conceituações do que é espaço rural, do que é espaço urbano, de ruralidades e de urbanidades e de modos de vidas rural e urbano. Tal dificuldade se amplia especialmente quando tratamos de espaços situados nas interfaces do urbano com o rural, como em *áreas periurbanas*, tal como a que constitui o objeto desta tese.

Como a área periurbana norte de Teresina tem ligação com a capital piauiense por diferentes meios de comunicação, especialmente por intenso tráfego, entre a mancha urbana e o limite urbano-rural do município teresinense se forma um *tecido urbano* (Mapa 5) onde se situam, diversas estruturas urbanas como clubes recreativos, condomínios residenciais, casas para realização de eventos, templos religiosos e outras, o que contribui para que as urbanidades ali penetrem. Por esta razão, o conceito de *urbanidades no rural* será mais um elemento que nos auxiliará na análise dos dados da pesquisa empírica desta tese, a seguir apresentados e, por conseguinte, na compreensão do que estamos denominando de *modo de vida periurbano*.

O que seriam, então, as *urbanidades no rural*, agora associadas ao *periurbano*, que estariam possibilitando a formação de um *modo de vida periurbano na área periurbana norte de Teresina*? Entendemos tratar-se, tanto de práticas sociais, que se referem às relações que os **moradores da área (sejam eles os moradores dos povoados selecionados ou os outros moradores da área em questão)** estabelecem (com o meio ambiente, familiares, vizinhos, pessoas que por

ali transitam), às atividades produtivas que realizam (tradicionalis reapropriadas ou ainda outras atividades ali introduzidas em razão da proximidade e de demandas derivadas do urbano), ou ao consumo e/ou uso de equipamentos associados ao viver citadino que promovem a internalização à vida cotidiana dos **moradores dos povoados** pesquisados bem como dos **outros moradores da área**, de novos hábitos, costumes, valores e experiências relacionados com o urbano, o que vem a constituir o próprio modo de vida periurbano.

4.2 Área Periurbana Norte de Teresina: Reconfigurações no seu Espaço e Mudanças na Vida de Seus Moradores - Modo de Vida Periurbano

Com o objetivo de explicar tanto as reconfigurações espaciais quanto as mudanças que vêm ocorrendo na vida dos **moradores dos povoados** bem como na vida dos **outros moradores da área** antes referida, procuramos vincular teoria - discutida neste capítulo por meio dos elementos *modo de vida, ruralidades, urbanidades, urbanidades no rural e modo de vida periurbano*, como também por outros aspectos teóricos já analisados nos capítulos 1 e 2 - à empiria, especialmente às particularidades da área periurbana norte de Teresina. Assim, buscamos informações sobre este contexto em aspectos que consideramos mais expressivos, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas e de conversas informais com os **moradores dos povoados**, como também com **outros moradores da área**, que nos permitissem:

- traçar seu perfil;
- identificar as atividades produtivas a que se dedicam;
- captar a percepção que os **moradores dos povoados** e os **outros moradores da área** têm com relação à estrutura da área onde moram e as mudanças que ali se delineavam, captando, igualmente, o papel que a proximidade do urbano exercia em suas vidas.

Com este “roteiro” entrevistamos, em dezembro de 2013, 36 moradores da área em questão, sendo 26 **moradores dos povoados**: São Vicente, Santa Helena, Campestre Norte, Lagoa de Dentro, Taboquinha, Gaspar, Canto do Romão e Morro do Calandi, sendo 04 moradores dos povoados São Vicente, Santa Helena, Campestre Norte, Lagoa de Dentro, Taboquinha, Gaspar, e 02 dos povoados Canto do Romão e Morro do Calandi, identificados na análise como **moradores dos**

povoados. Foram entrevistadas também mais 10 pessoas, denominadas por nós de **outros moradores da área**, abordadas sem a preocupação de identificar onde viviam (se em povoado, sítio ou chácara, ou habitação isolada).

Os dados foram analisados tendo como referência a identificação da área ao norte do município de Teresina como periurbana, numa aproximação com algumas características de áreas periurbanas (item 2.3), tipologias (item 2.4, Quadro n.1), e conceituações sobre espaços periurbanos, especialmente a de ASENSIO (2005), que considera este como espaço em que se verifica uma mistura de aspectos urbanos, onde se localiza ainda uma sociedade rural expressiva, na qual as edificações urbanas ocupam pouco espaço e não avançam como frente de urbanização.

Para uma análise mais consistente sobre as informações coletadas, estas foram organizadas sob **três categorias**: a **primeira categoria**, abrangendo aspectos relacionados ao que consideramos como o **perfil dos moradores**, envolveu tanto os **moradores dos povoados** quanto os **outros moradores da área**, abordando relacionados aspectos a suas origens, seus tempos de vivência na área²⁴ atividades predominantes e complementares geradoras da renda das famílias (Tabelas ns. 1, 2, 3, 4 e 5); a **segunda categoria** captou dados que expressaram as **transformações** que estão ocorrendo na área e na vida dos que ali moram, a partir tanto da percepção dos **moradores dos povoados** como dos **outros moradores da área** s (Tabelas 6, 7 e 8), considerando ser a área em questão *área periurbana*, conforme suas características tipológicas identificadas segundo proposições de Zárate (1984), Font (1997), Pellicer (1998), Castells (2001) e Comissão Europeia (EUROPA 2000), fontes citadas por Entrena Durán (2003); de Abramovay (2000); de OECD, citado por Abramovay (2000); de Asensio (2005); de Miranda (2008), e de Machado (2010).

Informações sobre saúde, educação, fornecimento de energia e eletricidade, dentre outros; abertura de ruas, nos povoados, e estradas, na área como um todo; existência e uso de templos religiosos, cemitérios e de praças, constituíram uma **terceira categoria** que procurou expressar a estrutura dos povoados (Tabela 9).

²⁴ Consideramos como *tempo de vivência*, o período de tempo que os moradores dos povoados e os outros moradores da área vivem na área periurbana, construindo um modo de vida, seja por laços familiares, afetivos ou pela prática de atividades geradoras de renda.

A seguir, discussões dos dados, em seus aspectos mais expressivos, segundo as três categorias mencionadas.

4.2.1 Perfil dos Moradores dos Povoados e de Outros Moradores da Área

Iniciando a análise sobre o Perfil dos Moradores, os dados a seguir apontam alguns aspectos da vida dos **moradores dos povoados** São Vicente, Santa Helena, Campestre Norte, Lagoa de Dentro, Taboquinha, Gaspar, Canto do Romão e Morro do Calandi, expressos na Tabela 1, bem como dos **outros moradores da área**, que podem ser visualizados na Tabela 2.

Tabela 1 - Área Periurbana Norte de Teresina – PI: Origem e Tempo de Vivência dos Moradores dos Povoados

Povoado	Origem		Tempo de Vivência em Anos			
	É do		De Outro Lugar: Qual	De 10 a 20 anos	De 20 a 40 anos	Mais de 40 anos
	Sim	Não				
TABOQUINHA	-	x	José de Freitas	X	-	-
	x	-	-	-	X	-
	-	x	José de Freitas	-	-	-
LAGOA DE DENTRO	x	-	-	X	-	-
	-	x	Pedro II	X	-	-
	-	x	União	X	-	-
TABOQUINHA	x	-	-	-	-	-
	-	x	Altos	-	X	-
	x	-	-	-	-	-
GASPAR	-	-	-	-	-	x
	-	-	-	-	-	-
	x	-	-	-	-	-
CANTO DO ROMÃO	x	-	-	-	-	x
	x	-	-	-	X	-
SÃO VICENTE	-	x	União	-	-	x
	x	-	-	-	X	-
	-	x	Castelo do Piauí	-	X	-

	-	x	Teresina	-	X	-
SANTA HELENA	-	-	-	-	-	-
	-	x	-	X	-	-
	x	-	-	-	X	-
MORRO DO CALANDI	-	x	Teresina	-	X	-
	-	x	Meruoca	X	X	-
CAMPESTRE NORTE	-	-	-	-	-	-
	x	-	-	-	-	x
	x	-	-	-	-	x

Fonte: Pesquisa Direta, Dezembro de 2012

Perguntamos, primeiramente, quanto à *origem e ao tempo de vivência na área*, dos **moradores dos povoados** e dos **outros moradores da área** (Tabela 1). Os dados demonstram que 11 dos **moradores dos povoados** (26 pessoas) são do próprio povoado (42,30 %); 09 são da Região da Grande Teresina (34,61 %); os demais não informaram sua origem.

Com relação ao tempo de vivência, 06 pessoas moram ali há cerca de 20 anos (23,07 %), 09 há mais ou menos 40 anos (34,61 %), e 05 há mais de 40 anos (19,23 %). Registramos que no povoado Canto do Romão um morador afirmou ter 75 anos e ter nascido no local.

Tabela 2 - Área Periurbana Norte de Teresina – PI: Tempo de Vivência na Área dos Outros Moradores da Área

Tempo de Vivência	
Menos de 10 anos	De 10 a 20 anos Mais de 20 anos
X	- -
X	- -
-	- X
-	- X
-	- X
-	- X
-	- X
-	- X
-	- X
-	- X

Fonte: Pesquisa Direta, Janeiro de 2014.

Da Tabela 2 constam dados relativos ao tempo de vivência dos **outros moradores da área**, cuja análise indica que 80,00 % dessas pessoas moram na área há mais de 20 anos e somente 02 estão ali há menos de 10 anos.

A área periurbana norte de Teresina registra ocupação antiga, de cerca de 50 anos atrás, como já enfatizamos anteriormente (item 2.3), e seria área identificada atualmente ao conceito de “rural profundo”. A relativa proximidade entre os municípios da Mesorregião Geográfica Centro - Norte Piauiense²⁵ (**NOTA 25**), à qual pertence o município de Teresina e onde se localiza a área periurbana norte de Teresina, facilita a mobilidade das pessoas que ali vivem, podendo ser fator explicativo da fixação antiga da população em tal área..

Ainda com relação ao Perfil dos Moradores também foram objeto de investigação as principais atividades produtivas praticadas pelos **moradores dos povoados** e a propriedade da terra, cujos dados estão na Tabela 3.

²⁵ A Mesorregião Centro-Norte Piauiense é formada pelas microrregiões Teresina, Campo Maior, Médio Parnaíba Piauiense e Valença do Piauí.

Tabela 3 - Área Periurbana Norte de Teresina – PI: Atividades Produtivas Praticadas Pelos Moradores dos Povoados e Sua Relação com a Propriedade e Uso da Terra

Atividades Produtivas										Propriedade da Terra	
Povoados	Agrícola					Animal					
	O Que Produz	Quem Participa	Destino da Produção			O Produz	Que Participa	Sim	Não		
			Subsistência	Venda	Cidade Mais Próxima						
			Sim	Não	Próprio Povoado	Outro Povoado					
LAGOA DE DENTRO	1 e 2	Família	-	-	-	-	X	Bovino.	Família	x	-
	1, 2 e 4	Família	x	-	Teresina	-	-	Bovino.	Família	x	-
	1 e 2	Família	x	-	-	-	-	Bovino.	Família	x	-
	-	Família	-	-	-	-	-	Bovino.	Família	-	x
TABOQUINHA	1 e 4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	x
	1, 2 e 4	Família	x	-	-	-	X	-	Família	-	x
	4	Família	x	-	-	-	-	-	Família	-	-
	1, 2 e 4	-	x	-	-	-	-	Galináceos	-	x	-
GASPAR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	1 e 2	-	x	-	-	-	-	Galináceos	-	x	-
	1, 2 e 3	Família	x	-	-	-	-	Galináceos, Suíno	Família	-	x

Atividades Produtivas									Relação Com a Terra			
Povoados	Agrícola						Animal					
	O Que Produz	Que Quem Participa	Destino da Produção						O Que Produz	Que Quem Participa	Sim	Não
			Subsistência		Venda							
			Sim	Não	Cidade Mais Próxima	Próprio Povoado	Outro Povoado					
MORRO DO CALANDI	-	Família	-	-	-	-	-	-	Galináceos, Suíno	Família	-	x
	-	Família	-	-	-	-	-	-	Galináceos	Família	-	x
CAMPESTRE NORTE	-	Família	-	-	-	-	-	-	-	Família	x	-
	-	Família	-	-	-	-	-	-	Galináceos	Família	x	-
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Pesquisa Direta, Dezembro de 2012.

* Os números 1,2,3 e 4 indicam respectivamente plantios de Milho, Feijão, Mandioca e Outros

A análise dos dados da Tabela 3 aponta que os **moradores dos povoados** visitados têm uma forte ligação com a terra, cuja consequência natural é a prática da atividade tradicional de áreas rurais - a produção agrícola, especialmente plantios de milho, feijão e mandioca. A terra é quase sempre de propriedade da família, em 50,00% dos casos, e o trabalho ali envolve 57,69% das famílias pesquisadas. Ainda no que diz respeito à relação com a terra e seu uso, identificamos alguns **moradores dos povoados** que arrendam parte de sua propriedade para o plantio de “roças” com os produtos já mencionados.

Quanto ao destino da produção agrícola, 26,92 % desta é para consumo próprio, enquanto somente 01 produtor diz comercializar seus produtos em Teresina e 02 o fazem em povoados próximos. A produção pecuária é expressiva quanto aos galináceos (42,31 %), seguida de suínos (19,23 %), bovinos (15,38 %) e, embora existente, a criação de caprinos e de peixes, é pouco relevante. Nesta atividade também predomina, em 57,69 % casos, o trabalho familiar.

Considerando ainda o Perfil dos Moradores investigamos também sobre outras atividades produtivas praticadas pelos **moradores dos povoados**, cujos dados constam na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4 - Área Periurbana Norte de Teresina - PI: Outras Atividades Produtivas Praticadas Pelos Moradores dos Povoados

Povoados	Outras Atividades Produtivas					
	No Povoado	Em Teresina		Participantes		
		Serviço Público	Atividade Privada	Pai	Mãe	Filhos
LAGOA DE DENTRO	Produção de Cereais	-	Aposentado	sim	-	-
	-	-	-	-	-	-
	-	-	Doméstica	-	Sim	-
	-	-	Doméstica	-	Sim	-
TABOQUINHA	-	-	Pedreiro	sim	Sim	-
	-	-	-	-	-	-
	-	-	-	-	-	-
	-	-	Doméstica	-	Sim	-
GASPAR	-	-	-	-	-	-
	-	-	-	-	-	-
	-	-	-	-	-	-
	-	-	-	-	-	-
CANTO DO ROMÃO	-	-	-	-	-	-
	-	-	Vigia	sim	-	-
SÃO VICENTE	-	Sim	Carpint. / Atend. Hospit.	sim	Sim	-
	-	-	Pedreiro	-	-	sim
	Bordado	-	Doméstica	sim	Sim	sim
	-	-	-	-	-	-

	-	-	-	-	Sim	sim
SANTA HELENA	-	-	Doméstica	sim	Sim	sim
	-	-	Mecânico	sim	Sim	sim
	-	-	Aposentado	sim	-	-
MORRO DO CALANDI	-	-	Doméstica	sim	-	-
	-	-	-	-	-	-
CAMPESTRE NORTE	-	-	-	-	-	-
	-	-	Doméstica	sim	Sim	-
	-	-	-	-	-	-

Fonte: Pesquisa Direta, Dezembro de 2013

Os dados apontam que somente 02 dos **moradores dos povoados** (7,07 %) exercem outras atividades na área periurbana, além da atividade agropecuária. Desses, 01 comercializa cereais e outro que faz bordados por encomenda. Já fora da área periurbana, trabalham em Teresina 12 pessoas (46,15 %), sendo em atividade privada, predominantemente, no serviço doméstico, 07 pessoas (26,92 %); em outras atividades (19,23 %), como pedreiro (02), vigia (01), mecânico (01), carpinteiro (01); somente 01 dos entrevistados se declarou na condição de servidor público (atendente de hospital) e 02 se declararam aposentados. Com relação aos membros da família envolvidos nessas atividades, predominam pai e mãe, seguidos dos filhos.

Ressaltamos que, embora não tenha sido registrado na Tabela 04, 07 pessoas das 26 **moradoras dos povoados** (26,92 %), declararam que recebem benefício através do Programa Bolsa Família, 02 pessoas disseram que não recebem tal benefício e os demais não responderam à questão.

A Tabela 05, a seguir, informa sobre a relação dos **outros moradores da área** com a propriedade da terra e seu uso.

Tabela 5 - Área Periurbana Norte de Teresina - PI: Relação dos Outros Moradores da Área com a Terra e seu Uso

Porque Mora na Terra			Como Usa a Terra			
Terra Propriedade da Família	Trabalha na Terra	Área Sossegada e Segura	Agricultura	Pecuária Bovina	Criação de Outros Animais	Horta
Sim	sim	Sim	Sim	sim	Sim	-
Sim	sim	Sim	-	sim	Sim	-
Sim	sim	Sim	Sim	-	Sim	-
Sim	-	-	Sim	-	Sim	-
Sim	-	-	Sim	-	Sim	-
Sim	-	-	Sim	-	Sim	-
-	-	-	Sim	-	-	-
-	-	-	Sim	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Pesquisa Direta, Dezembro de 2013

De forma semelhante à dos **moradores dos povoados**, os **outros moradores da área** responderam às questões *por que moram na área e como usam/trabalham na terra*, informando que a terra é própria em 60,00 % dos casos, e que 30,00 % destes proprietários, também trabalham na terra. Outras razões apontadas para viverem no periurbano norte foram o sossego e a segurança que a área apresenta, mencionados por 30,00 % das pessoas, percepção esta já contestada por um entrevistado, cuja fala diz que:

“A segurança já não é, na minha opinião, um fator tão forte, uma vez que são cada vez mais comuns os casos de criminalidade, sobretudo assaltos a estabelecimentos comerciais do povoado. Há também relatos dos moradores que dizem respeito a consumo de drogas entre jovens no povoado São Vicente e outros, o que pode estar ligado aos assaltos”.

A lavoura é praticada por 70,00 % dos moradores, enquanto que a pecuária é explorada por 20,00 % das pessoas que também criam outros animais (60,00 %).

Não foram mencionados outros tipos de atividade, ressalvando-se que as informações prestadas não se limitaram exclusivamente a uma só resposta: muitos informaram que trabalham numa só, ou em duas ou nas três atividades.

Ainda com relação ao envolvimento dos **outros moradores da área** com outras atividades, além das relacionadas com as práticas tradicionais de plantio e da criação de animais, embora não tenham sido organizados em tabela, os dados revelam que 10 pessoas trabalham como: vigilante (01); coletor de lixo (01); pedreiro (01); com transportes de valores (01), todos em Teresina; outros 06 não se pronunciaram.

A análise desses dados indica que o trabalho agrícola já não é mais a única atividade praticada pelas famílias do periurbano norte de Teresina, sejam elas formadas por **moradores dos povoados** ou pelos **outros moradores da área**. Tal circunstância aponta para a ocorrência da pluriatividade que, conforme Graziano, Del Grossi e Campanhola (2002), possibilita a ocupação das pessoas em atividades que não estão diretamente vinculadas a agricultura, em áreas rurais ou em áreas urbanas próximas ao campo. É como pensam também Marandola Júnior e Arruda (2005), quando se referem às famílias que não têm mais todos os seus membros envolvidos em atividades agrícolas ou que se dedicam o tempo todo a essas atividades, como praticantes de pluriatividade. Nesse sentido, a proximidade de áreas periurbanas com as cidades, aspecto já discutido no capítulo 2, garante,

segundo Pereira (2012), fluxos diários entre o campo e a cidade, favorecendo a prática da pluriatividade. Quanto à área periurbana norte de Teresina, a proximidade com cidade Teresina é viabilizada diretamente através da rodovia asfaltada, a PI 112, que propicia intenso tráfego entre a capital piauiense e o periurbano norte, como também no sentido inverso.

Fotografia 1 - Estrada PI 112 e seu Intenso Movimento



Fonte: ABREU, 2013

A proximidade da área periurbana com a cidade de Teresina contribui para que a pluriatividade seja exercida por seus moradores na capital piauiense, como uma nova prática social geradora de renda familiar.

Ressaltamos também a existência da rodovia PI 113 que passa por pequeno trecho da área periurbana estudada

Merecem destaque na área em questão alguns cultivos de banana, e em sua proximidade, um grande plantio/beneficiamento de cana de açúcar (Usina Boa Hora).

Sumarizando aspectos do perfil dos **moradores dos povoados** quanto dos **outros moradores da área**, destacamos que o papel da terra é ainda expressivo, não só pela origem rural dos entrevistados, como por sua propriedade e seu uso, embora a atividade agropecuária não seja mais predominante. Neste aspecto, já é

bastante marcante a pluriatividade, praticada especialmente em Teresina. A capital piauiense também se destacou no que diz respeito ao abastecimento/consumo dos moradores do periurbano. Nesse sentido, o contato com as possibilidades de consumo na cidade têm contribuído para as diversas transformações que vem ocorrendo na área, que serão objeto de análises a seguir.

Destacamos que, tratando-se de área periurbana onde ainda predominam características de ruralidade e onde se sobressai a prática da agricultura de subsistência (como ficou evidenciado em análises dos dados das Tabelas 3, 4 e 5), além da baixa oferta ali de postos de trabalho, é de se supor que muitas pessoas trabalhem nos inúmeros sítios e chácaras, seja como vigia/morador ou diarista eventual caracterizando a prática da pluriatividade no próprio periurbano.

Fotografia 2 - Local de Venda de Produtos Variados e de Encontro dos Moradores na Área Periurbana



Fonte: ABREU, 2013

4.2.2 Transformações na Área Periurbana e na Vida de Seus Moradores

A segunda categoria estabelecida para análise dos dados desta pesquisa decorreu da percepção, tanto dos **moradores dos povoados** como dos **outros moradores** sobre as transformações que ali vem ocorrendo. Os dados relacionados a essas transformações se referem a novos hábitos e a locais de consumo; a aspectos relacionados a mudanças na estrutura da área; a indicadores de mudanças

de hábitos e razões dessas mudanças e ao papel da tecnologia nas referidas mudanças estão expressos nas Tabelas 6, 7 e 8.

Entendemos que o modo como as pessoas de determinado lugar se abastecem/consomem demonstra aspectos da realidade desse lugar. Assim, a análise do item abastecimento/compra expressa um novo aspecto da vida **dos moradores dos povoados** bem como dos **outros moradores da área** periurbana norte de Teresina. Esta nova realidade se revela, sobretudo, através do consumo da população, seja este praticado em estabelecimentos no próprio periurbano ou em Teresina. Nessa direção, destacamos o(s) local(is) onde os **moradores dos povoados** pesquisados e os **outros moradores** se abastecem.

Assim, na análise do item *abastecimento* procuramos identificar como **os moradores dos povoados** e os **outros moradores da área** se abastecem, investigando em qual(is) local(is) e o(s) tipo(s) de estabelecimento(s) comercial(is) onde **os moradores dos povoados** e os **outros moradores da área** fazem suas compras.

Na Tabela 6, a seguir, constam dados relacionados ao abastecimento dos moradores dos povoados do periurbana norte de Teresina.

Tabela 6 - Área Periurbana Norte de Teresina - PI: Local(is) e Tipo(s) de Estabelecimento(s) Comercial(is) onde os Moradores dos Povoados se Abastecem

Povoados	LOCAIS E TIPOS DE ESTABELECIMENTOS			
	Cidade Mais Próxima	Próprio Povoado		
		Feira	Mercadinho	Quitanda
LAGOA DE DENTRO	Teresina	-	-	sim
	Teresina	-	-	sim
	Teresina	-	-	-
	Teresina	-	-	sim
TABOQUINHA	Teresina	-	-	sim
	Teresina	-	Sim	sim
	Teresina	-	-	-
	Teresina	-	-	-
GASPAR	Teresina	-	-	sim
	Teresina	-	-	-
	-	-	-	-
	-	-	-	-
CANTO DO ROMÃO	José de Freitas	-	-	-
SÃO VICENTE	Teresina	-	-	sim
	Teresina	-	Sim	-
	Teresina	-	Sim	sim
	Teresina	-	Sim	-
SANTA HELENA	Teresina	-	-	sim
	Teresina	-	-	sim
	Teresina	-	-	sim
	-	-	-	-
MORRO DO CALANDI	Teresina	-	-	sim
CAMPESTRE NORTE	Teresina	-	-	sim
	Teresina	-	-	sim
	Teresina	-	-	sim
	-	-	-	-

Fonte: Pesquisa Direta, Dezembro de 2013

Tais dados apontam que 80,77 % dos **moradores dos povoados** fazem grandes compras em Teresina, aproveitando ocasiões em que vão à capital teresinense resolver problemas, como se manifesta uma moradora da área: “*quando tenho algum dinheiro aproveito a ‘passagem’ para ir pagar contas e fazer compras no Shopping da Cidade*”²⁶ .

As compras do cotidiano, no entanto, correspondendo a 65,38 %, são realizadas no próprio povoado, em pequenos estabelecimentos comerciais (quitandas ou “vendas”), que também cumprem o papel social de ponto de encontro, especialmente para os homens conversarem, tomarem cerveja e jogarem sinuca, um dos muitos hábitos locais, ilustrado pela Fotografia 2. Quanto ao abastecimento dos **outros moradores da área** (dados que não constam em forma de tabela), 15,38% destes disseram que o fazem em Teresina, aproveitando ocasiões em que vão ali resolver problemas diversos, enquanto 26,92 % se abastecem na própria área. Embora os percentuais sejam diferentes, a efetivação do abastecimento revela circunstâncias semelhantes à dos **moradores dos povoados**, como, por exemplo, os citados “aproveitar” o deslocamento para Teresina para efetivar compras em supermercados da cidade e “abastecimento na própria área” de produtos do cotidiano.

Dessa forma, o item abastecimento/compra revela novos hábitos de consumo, seja este praticado em estabelecimentos no próprio periurbano ou em Teresina, consumo que se resumia, até mais ou menos 15 anos, a produtos oriundos do trabalho na terra.

Ilustrando a adoção desses novos hábitos de abastecimento/consumo reproduzimos a fala de uma moradora do povoado Morro do Calandi, que assim se expressou sobre a questão:

“Só gosto de fazer compras aqui no lugar que vende os produtos bem arrumados e com sacola para levar pra casa. Outro que não vende assim, eu não vou. Comprar em Teresina vale a pena porque tem de tudo e sai mais barato. Mas também tem o peso de trazer no ônibus e andar até em casa”...

A análise sobre abastecimento de populações de áreas periurbanas realça, igualmente, o papel das relações cada vez mais estreitas entre campo e cidade e da

²⁶ Shopping da Cidade: *shopping* de lojas populares e de prestação de diversos serviços, situado em área de grande movimento do centro de Teresina, local onde se ocorre a integração de diversas linhas de ônibus intraurbanos e do metrô de superfície.

expansão do urbano sobre as áreas rurais, aspectos discutidos em toda esta tese e mencionados por Pereira (2012), Miranda (2009); Vale e Gerardi (2006); Buxton e Choy (2007) e Entrena Durán (2003 e 2004), entre outros. Corrobora também o que dizem Marandola Júnior e Arruda (2005) sobre a ocorrência de novos hábitos de consumo em áreas rurais ou periurbanas, discussão que remete a aspecto expressivo do novo perfil dos moradores da área periurbana norte de Teresina, representado pelo consumo de novos produtos e novas formas de consumir.

Revelando tanto as reconfigurações espaciais quanto as mudanças que estão ocorrendo na vida das pessoas que habitam a área periurbana norte de Teresina, a fala de um casal, que sempre viveu na área, é reveladora. O marido, que afirma ter 62 anos, e sua mulher, que diz já ter completado 55 anos, são casados há quase 40 anos.

A seguir, o que eles disseram, pela voz do marido:

“Sempre vivemos aqui. Aqui eram as terras do meu pai (pai do marido), depois a terra foi dividida pelos três irmãos. Dois ficaram aqui - eu e outro. Um outro foi embora... O trabalho sempre foi na terra, eu e ela (referindo-se à mulher) plantando arroz, pouco, porque a terra é seca, feijão, milho, mandioca, e criando umas cabeças de gado e de criação. Tudo era pouco, mas dava para se viver, mesmo depois que os filhos nasceram. Foram sete: quatro homens e três meninas. Os meninos ajudavam no plantio da terra, mas depois “criaram asas”, dois foram embora pra Brasília, com um tio. Os outros dois ficaram aqui, mas logo foram trabalhar em Teresina. As meninas casaram e duas moram aqui perto mesmo, outra foi com o marido para Campo Maior.... Esta casa que vocês estão vendo hoje, de telha, de tijolo, de piso, era diferente da primeira feita na mão, de adobe e de palha. Só fiz esta nova porque nós (o casal) temos aposentadoria do FUNRURAL. Também os meninos ajudaram a comprar a geladeira, a televisão, o fogão, tudo a prestação em Teresina...Mais hoje, mesmo a vida estando melhor, com o trabalho menos pesado - só planto alguma coisinha pra não perder o costume - muita coisa mudou, muitos amigos já morreram, juntar os filhos e os netos também é difícil, todo o mundo trabalha, estuda, não tem tempo, mesmo que hoje tenha ônibus para eles virem... Acho estranho os costumes, filho e neto não pede mais permissão, nem a bênção, mas estão estudando, “virando gente” pra melhorar de vida, não trabalhar na roça... Não sei o que esta terra aqui vai virar, hoje tem muita gente morando, uns são desconhecidos, tem muito movimento, a cidade “ficou perto.”

Este longo depoimento aponta para aspectos da vida dos moradores da área periurbana, como a permanência de algumas tradições rurais; a importância da terra e das atividades tradicionais (lavoura e criação de animais); a forma de viver, onde as relações familiares ainda são expressivas; percepção das mudanças “carregada” de certa contradição, pois, ao mesmo tempo que falam, num tom nostálgico, de acontecimento já ocorridos (a antiga casa, a perda de entes queridos e de certos

costumes), tais mudanças são apreciadas, pois os novos hábitos (como usufruir da aposentadoria, trabalhar menos) e o uso de novos objetos de consumo, (geladeira, fogão, televisão e mesmo a casa nova) trazem conforto, embora tragam também incertezas quanto ao futuro da terra, das relações sociais e afetivas, e das consequências com a proximidade com a cidade.

Consideramos que alguns aspectos da fala do casal, bem como outras constantes deste capítulo, expressam a geograficidade de que falam Marandola Júnior e Arruda (2005), pois refletem a dimensão espacial do relacionamento e das vivências entre o homem e seu meio, isto é, do seu modo de vida. Refletem também a ruralidade ainda presente na vida das pessoas e na área, de acordo com Marafon (2010, p 4), que a concebe como “estado de espírito” de “identificação com o rural”. Ao mesmo tempo alguns trechos da fala do casal expressam o sentimento de habitar num espaço, que de acordo aspectos mencionados por Rua (2005, p. 53), revelam “a multiplicidade de interações urbano-rurais que marcam as transformações pelas quais passa o rural nos dias de hoje”.

Quanto as mudanças que vêm ocorrendo na área - muitas também mencionados na fala do casal - serão analisadas através dos dados contidos Tabela 7, a seguir.

Os dados constantes da tabela 7 relacionados às *mudanças ocorridas na área periurbana e na vida dos moradores* foram organizados sob três tópicos: motivos que estão contribuindo para as mudanças; indicadores de mudanças de hábitos; razões das mudanças de hábitos.

Quanto aos motivos da transformação da área, e dentre as várias opções de respostas, foram citados: o atendimento à saúde pelo PSF (60,00%); a instalação de escolas (40,00%); a instalação de mercearias e vendas de produtos (30,00%); a abertura de estradas dentro do povoado (50,00%); o asfaltamento de estradas ligando a área a Teresina (100,00%); o fornecimento de energia (50,00%); sinal de transmissão de televisão (30,00%); instalação de caixa eletrônico bancário, referido somente por 01 morador.

Fotografia 3 - Placa Indicativa de Fornecimento de Energia através de Programa de Eletrificação Rural em Sítio da Área Periurbana



Fonte: ABREU, 2014

Como a área não conta com sinal de telefonia móvel, 40,00% dos **outros moradores da área**, se pronunciaram expressando o desejo do que este tipo de serviço seja ali instalado. A esse respeito disse uma jovem moradora do periurbano que: *“não ter [não poder usar] telefone celular, é o fim! Só uso [o telefone celular] quando vou a Teresina, mas quando chego aqui não posso falar com ninguém, saber de nada... Será que isto não vai se resolver nunca?”*

Tais falas evidenciam o papel da acessibilidade/comunicação que não se revela somente através de sua expressão física, comumente associada às estradas,

mas à acessibilidade/comunicação, em sentido amplo, que ocorre atualmente apoiada no aparato da tecnologia. Destacamos aqui o acesso à eletricidade que permite ouvir rádio e ver televisão e, através deles, saber notícias e informar-se. Por extensão, a “acessibilidade ampla” evidencia o significado do consumo, tanto no próprio povoado, com a instalação ali de mercearias/supermercados, permitindo que as pessoas se abasteçam sem se deslocar até a cidade, como também possibilitam a prática, na cidade, do “grande consumo”, especialmente, de produtos industrializados, dentre outros.

A fotografia a seguir, retrata uma das muitas lojas que comercializam material de construção, indicando a dinâmica dessa atividade na área periurbana norte de Teresina, e que utiliza, inclusive, a palavra “shopping” para divulgar seus produtos.

Fotografia 4 - Uma das Lojas de Material de Construção Instalada na Área Periurbana



Fonte: ABREU, 2014

Por meio de alguns “indicadores”, procuramos “medir” as transformações mais expressivas que vêm ocorrendo na área periurbana: as respostas apontaram que os problemas relacionados à violência, até pouco tempo associados somente à vida no espaço urbano, ali já chegaram, tendo um peso considerável na avaliação tanto dos **moradores dos povoados** como na dos **outros moradores da área**. Assim, 40,00% dos entrevistados consideram que roubos, assaltos a

estabelecimentos comerciais, uso de drogas e brigas podem ser considerados uma “medida” de tal transformação, como um dos entrevistados já mencionou.

O “aumento do movimento de pessoas e de veículos” na área foi mencionado por 50,00% das pessoas, o que reforça a percepção de que a violência que, atualmente vem ocorrendo ali, está associada a adoção de novos hábitos e costumes, oriundos do urbano.

Fotografia 5 - Outro Aspecto da PI 112



Fonte: ABREU, 2014

Novamente a fala de uma moradora expressa bem o significado desse dado:

“Aqui, no domingo, é muito movimento. É muita gente que vem visitar parente, amigos, sem falar nos que vêm pras festas, pras bebedeiras. Chegam em carros, em motos e neste tempo de seca, levantam uma poeira danada, fazem zoadas, provocam brigas [...]”

Indagados sobre a razão pela qual está havendo mudança de hábitos e costumes na área, 70,00% dos entrevistados indicaram que a facilidade de acesso à cidade é responsável por tal situação, enquanto que 50,00% disseram que essa mudança resulta da facilidade no uso de transportes. Essas informações nos levam a deduzir que mais de 100% das pessoas entendem que a mobilidade cidade-campo

e vice versa é responsável pela mudança de hábitos. A esse respeito um dos entrevistados disse que:

“[...] como boa parte das pessoas, por trabalharem e/ou estudarem na cidade, acabam participando com bastante frequência e intensidade da ‘vida urbana’, o que a meu ver acarreta mudanças significativas em seus hábitos”.

Além dessa percepção, 30,00% dos entrevistados associaram as mudanças ao acesso a outras formas de comunicação como a televisão, uso do telefone celular e da internet, informações essas que nos permitem afirmar que, para os entrevistados, a cidade e tudo o que a ela se relaciona, é responsável pelas mudanças ocorridas na área onde vivem. A totalidade das respostas indica também que essa cidade é Teresina, que por sua proximidade, facilidade de acesso e oferta de bens e serviços, exerce forte influência na área periurbana em questão, aproximando o entendimento dessas mudanças ao conceito de *urbanização ideológica* (LEFEVBRE, 2004; RUA 2005). Procuramos saber também dos **outros moradores da área** sobre semelhanças do periurbano com a cidade ou com o campo; mudança de hábitos e costumes; frequência e motivos que levam as pessoas a se deslocarem até a cidade, como também sobre as *relações afetivas das pessoas com a área*. Ressalvamos que tais questionamentos não constam em tabelas, mas os dados a eles referidos estão mencionados nos parágrafos a seguir.

Quando questionados se a área é mais parecida com a cidade, com o rural ou uma mistura dos dois, 20,00% das pessoas disseram que se assemelha com o campo, e 80,00% que é uma mistura de campo e cidade. Nenhuma indicou semelhança da área exclusivamente com o espaço urbano.

Indagamos, na sequência, “se a área tem se transformado nos últimos anos”, ao que 100,00 % das pessoas responderam que “sim”. A “mudança de hábitos e costumes” como um elemento que vem provocando mudanças no periurbano foi indicada por 50,00 % dos entrevistados e traduzida na fala de um morador idoso:

“ [...] as pessoas não trabalham mais na roça, só os mais velhos porque é o que sabem fazer, ou por precisão. Os mais novos trabalham na cidade, no comércio e em outras coisas. Também tem os que não trabalham..... Como é que pode não trabalhar?”.

Considerando a relação de proximidade entre a área periurbana norte de Teresina e a capital piauiense, indagamos sobre a frequência e os motivos que levam os entrevistados para ali se deslocarem. Os motivos citados foram os

seguintes: busca pela solução de problemas de saúde, responsável por mais de 01 deslocamento ao mês (20,00% dos casos); fazer compras, resolver negócios e problemas familiares, motivos para mais de 01 deslocamento semanal (30,00% das ocorrências); por fim, 40,00 % das pessoas se deslocam, diariamente a Teresina, a trabalho. Este dado reforça o papel da pluriatividade exercida em Teresina.

As respostas antes citadas confirmam as fragilidades em alguns aspectos da estrutura dos povoados, e da área como um todo, que serão analisadas quando tratarmos da terceira categoria relacionada aos dados desta pesquisa.

Com o objetivo de apreender as *relações afetivas das pessoas*, indagamos “do que mais gostam do lugar onde vivem”: 40,00% se referem à proximidade com a família e amigos; 30,00%, ao sossego da área; 10,00% disseram que gostam da área pela segurança que sentem em viver ali; outras 10,00% mencionam o clima ameno. Algumas pessoas mencionaram não gostar da área, como disse uma jovem: “*não gosto daqui, minha família não está aqui e aqui não tenho o que fazer*”, referindo-se à falta de lazer no periurbano.

Quanto à questão do lazer mencionamos a existência de locais destinados à realização de eventos, como o que pode se ver na fotografia a seguir.

Fotografia 6 - Bar e Casa de Eventos na Área Periurbana



Fonte: ABREU, 2014

Ainda com relação às mudanças que vêm ocorrendo na área tivemos a surpresa de encontrar no povoado Santa Helena, um espaço cultural - o Espaço

Cultural Mostrarte - iniciativa de um jovem casal originário da área com curso de formação técnica em artes.

Fotografia 7 - Vista Externa do Espaço Cultural MOSTRARTE, cuja estrutura se encontrava em reforma



Fonte: ABREU, 2014

Conversando com o casal, o marido nos disse que:

“Com este curso eu trabalho na Secretaria de Cultura, mas é um trabalho temporário, nada fixo. Aí tivemos a ideia de fazer este lugar, já que a terra é nossa. A gente promove atividades no dia das mães, dos pais, no Natal, nas festas juninas... Além de animar as pessoas, ganhamos um dinheirinho”.

A atividade desse casal demonstra uma forma nova de aproveitamento da terra, local de moradia da família do marido, que antes trabalhava na agricultura e hoje arrenda parte da propriedade.

Na área também encontramos pessoas que comercializam produtos gerados pelas atividades agropecuárias, como ovos, goma, galinha caipira, peixe.

Outro aspecto que nos chamou atenção na área periurbana e que mereceu investigação foi o que consideramos como o *uso da tecnologia*, dados que estão expressos na Tabela 8.

Tabela 8 - Área Periurbana Norte de Teresina - PI: Uso de Tecnologia

Povoados	Equipamentos de Comunicação				Equipamentos Ligados ao Trato Doméstico		
	TV	Tel. Fixo	Orelhão	Celular	Gelad.	Freezer	Liquidif.
LAGOA DE DENTRO	sim	-	sim	-	sim	-	Sim
	sim	-	sim	sim	sim	-	Sim
	sim	-	sim	-	sim	-	Sim
	sim	-	sim	sim	sim	-	Sim
TABOQUINHA	sim	Sim	sim	-	sim	-	Sim
	sim	-	-	sim	sim	-	Sim
	sim	-	sim	-	sim	-	Sim
	sim	-	sim	-	sim	-	Sim
GASPAR	sim	-	sim	-	sim	-	Sim
	sim	-	sim	-	sim	-	Sim
	-	-	-	-	-	-	-
	-	-	-	-	-	-	-
CANTO DO ROMÃO	sim	-	sim	-	sim	-	Sim
SÃO VICENTE	sim	Sim	sim	sim	sim	-	Sim
	sim	Sim	sim	sim	sim	Sim	Sim
	sim	Sim	sim	sim	sim	-	-
	sim	Sim	sim	-	sim	-	Sim
SANTA HELENA	sim	Sim	sim	sim	sim	-	Sim
	sim	Sim	sim	sim	sim	-	Sim
	sim	Sim	sim	sim	sim	-	Sim
	-	-	-	-	-	-	-
MORRO DO CALANDI	sim	Sim	sim	-	sim	Sim	Sim
CAMPESTRE NORTE	sim	-	sim	sim	sim	-	Sim
	sim	-	sim	sim	sim	-	Sim
	sim	sim	sim	sim	sim	-	Sim
	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Pesquisa Direta, Dezembro de 2013

Os dados da tabela antes indicada referem-se ao uso, pelos **moradores dos povoados**, de recursos tecnológicos mais facilmente encontráveis no mercado e acessíveis às condições econômicas da população em questão. Tais recursos foram agrupados em equipamentos de comunicação, como televisão, orelhão, telefone celular, e equipamentos relacionados ao uso doméstico, como freezer, geladeira, liquidificador. Assim, das 26 residências visitadas, 22 possuem aparelho de televisão, correspondendo a 84,62 %; 10 (38,46 %) têm aparelho de telefonia fixa; dos entrevistados, 12 possuem aparelho celular (46,15 %) que utilizados em Teresina ou no próprio periurbano por meio de equipamento equipado com antena para telefonia celular rural, já que a área não recebe sinal de satélite convencional. Os aparelhos de telefonia pública do tipo “orelhão” são utilizados por 21 das pessoas entrevistadas (80,77%), e, juntamente com os telefones residenciais e aparelhos celulares, permitem estabelecer comunicação individualizada.

Quanto aos equipamentos utilizados na vida doméstica, 22 famílias têm geladeira (84,62%); 02 possuem freezer (7,69%) e 80,77% dessas famílias têm liquidificador em suas residências. Esses equipamentos contribuem, cada um a seu modo, para mudanças de hábitos e de vida dos moradores do periurbano norte de Teresina. Assim, o uso da geladeira e de freezers permite estocar alimentos, em quantidade e variedade, evitando idas frequentes à cidade/açougue, enquanto que o liquidificador, ao processar alimentos, torna-se um substituto moderno do pilão. Esses aspectos da análise nos remetem, novamente, ao papel do consumo nos dias de hoje, conforme já mencionamos através das observações de Rodrigues (1992), Marandola Júnior e Arruda (2005) e Santos (1993), autores que associam tal prática, dentre outros motivos, à intensidade das relações cidade-campo.

Neste momento das discussões, o conjunto de informações apresentado nos leva a algumas indagações:

- como avaliar as contradições que parecem existir entre a manutenção de certas práticas e a adoção de novas atitudes e novos comportamentos apresentados pelos moradores da área periurbana?
- essas expressões de novas ruralidades e novas urbanidades, traduziriam um novo perfil dos moradores da área num modo de vida periurbano?

Na busca por respostas retomamos às ideias sobre ruralidade de Marafon (2010), Biazzo (2008) e Wanderley (2000), já registradas neste capítulo, que expressam mudanças sobre o conceito, considerando as transformações globais

que vêm atingindo o campo, e por consequência áreas periurbanas, como é o caso da área desta pesquisa. A realidade atual dessas áreas como já afirmamos, não está mais restrita somente à produção agrícola, ao trato com a terra e com os animais, atividades realizadas quase sempre pelo núcleo familiar. Ali hoje são forjadas novas práticas, cujo desdobramento em termos de produção/geração de renda se dá no urbano, com destaque para a pluriatividade, considerando a proximidade dessas áreas rurais ou periurbanas com a cidade. Por isso podemos dizer que a ruralidade atual é uma *representação* do que foi o campo, de acordo com as ideias de Wanderley (2000), como se pode observar na fala de um morador da área, já transcrita, na qual ele associa o trabalho do campo com a sobrevivência e a uma sabedoria hoje restrita aos idosos.

Considerando também as alterações em áreas próximas às cidades retomamos a Biazzo (2008, p.134), que associa a ruralidade atual a “um conjunto de valores decorrentes dos diversos significados que campo e cidade adquiriram ao longo do tempo em sua relação mútua”. Assim, o pensamento deste autor nos remete às falas de alguns moradores entrevistados da área que se referiram ao “sossego”, à “segurança da área” e ao “clima ameno” como “valores” (embora contestados por outros) de uma realidade que se transformou, pela proximidade com o urbano, especialmente nos últimos 15 anos, o que revela certa resistência em admitir transformações.

Quanto a Marafon (2010, p. 4) que concebe o rural e, por consequência, a ruralidade como “representação social, envolvendo símbolos (sinais e imagens) pessoais surgidos quando os indivíduos pensam sobre o rural”. Esses “símbolos” podem ser percebidos em diversas falas dos entrevistados das quais destacamos a ainda forte ligação com a terra, a expressiva nostalgia com que se referem às relações familiares, aos pretensos atuais sossego e segurança que a área apresenta e às incertezas quanto ao futuro. São sinais e imagens de uma realidade que vem se transformando.

No intuito de avaliar como as urbanidades vêm se expressando na área de estudo deste trabalho, retomamos à concepção assumida por Aguiar (2012) e já mencionada no início deste capítulo, que associa urbanidade ao convívio em espaços públicos. Na área periurbana norte de Teresina a ocorrência desses espaços, típicos das cidades e exemplificados na área periurbana estudada, especialmente pelas praças, é escassa e pontual, dada a natureza mesma da área,

onde ainda são marcantes traços de espaço rural. Nesse sentido, as poucas praças existentes têm papel pouco relevante como local que proporciona encontros, trocas de opiniões, estreitamento de relações... Merecem referência as reuniões em templos religiosos que congregam pessoas, contribuindo para a prática da urbanidade.

Neste momento das discussões, o conjunto de informações apresentado nos leva a algumas indagações:

- como avaliar as contradições que parecem existir entre a manutenção de certas práticas e a adoção de novas atitudes e novos comportamentos apresentados pelos moradores da área periurbana?
- essas expressões de novas ruralidades e novas urbanidades, traduziriam um novo perfil dos moradores da área num modo de vida periurbano?

Na busca por respostas retomamos às ideias sobre ruralidade de Wanderley (2000), Biazzo (2008) e Marafon (2010), já registradas neste capítulo, que expressam mudanças sobre o conceito em questão, considerando as transformações globais que vêm atingindo o campo, e por consequência áreas periurbanas, como é o caso da área desta pesquisa. A realidade atual dessas áreas como já afirmamos, não está mais restrita somente à produção agrícola, ao trato com a terra e com os animais, atividades realizadas quase sempre pelo núcleo familiar. Ali hoje são forjadas novas práticas, cujo desdobramento em termos produção/geração de renda se dá no urbano, com destaque para a pluriatividade, dada a proximidade de áreas rurais ou periurbanas com a cidade.

Fotografia 8 - Praça e Templo Religioso no Povoado São Vicente



Fonte: ABREU, 2014

Há, entretanto, outros locais viabilizadores dessas urbanidades na área, dos quais destacamos as “vendas”, locais que agregam funções de comercialização de produtos e de promoção de lazer (jogos de sinuca, bilhar, baralho, audição de música), frequentados, predominantemente, pela população masculina. Há também locais que promovem “baladas” eletrônicas e apresentação de “bandas locais”. Nesse aspecto lembramos também as atividades realizadas no Espaço Cultural Mostre, centro cultural já referido neste trabalho.

Outro local que proporciona interação entre os moradores da área periurbana são os templos religiosos de diversas denominações. A frequência a esses locais, por sua própria natureza agregadora, proporciona convívio entre as pessoas, reforçando possibilidades de ocorrência de urbanidades.

Consideramos que um dos aspectos mais significativos da produção de novas urbanidades decorre da associação que Rodrigues (1992) faz destas com as mudanças ocorridas no mundo do trabalho. Tais mudanças, juntamente com o aparecimento, nas cidades, de novos e diferenciados locais de prestação de serviços e de consumo, como hipermercados e grandes centros comerciais, dão uma outra dimensão ao conceito de urbanidades pela oferta de novos produtos e de novas formas de consumir. Rodrigues (1992), relaciona também as novas urbanidades a outro setor da economia, o setor quaternário, ligado à publicidade, à

mídia e à produção simbólica, que fomentam necessidades aos sujeitos alterando práticas de consumo e modos de vida.

Dessa forma, podemos considerar que dos novos hábitos de consumo dos moradores da área periurbana, muitos estão relacionados à sua difusão simbólica produzida pela publicidade e pela mídia, pois número considerável de moradores da área em questão possui aparelho de televisão, de telefonia fixa e celular, usa geladeira e liquidificador, sendo significativo que eles próprios associam a adoção desses novos hábitos à difusão de produtos pelos meios de comunicação mencionados. Tais ideias se aproximam do que dizem Marandola Júnior e Arruda (2005), pois o consumo não se restringe ao ato concreto de adquirir um produto, ele se espalha pelas mais diversas facetas da cotidianidade das pessoas, atingindo aspectos menos “visíveis” de suas vidas, como saúde, educação, lazer e tudo o que se relaciona com o fenômeno da urbanização. Correspondem também ao que Lefebvre (2004 p. 26) traduz como *urbanidade resultante das articulações socio-econômico-espaciais que promove uma urbanização ideológica* possibilitada pela existência de tecido urbano. Nesse sentido, lembramos que ao lado do consumo como elemento viabilizador das mudanças que estão ocorrendo na área periurbana, os meios de transportes, tanto quanto os meios de comunicação, foram indicados pelas pessoas entrevistadas como responsáveis pelas mudanças de hábitos da área estudada.

Essas duas perspectivas sobre a produção de novas urbanidades - aparecimento, de novos e diferenciados locais de prestação de serviços e de consumo na área (quitandas, mercearias, lojas de material de construção), como também o papel da mídia na divulgação de novos hábitos de consumo - podem ser observadas, em primeiro lugar, pela instalação, na área, de pequenos estabelecimentos que vendem produtos de primeira necessidade, pois muitos **moradores dos povoados e outros moradores da área** informaram que o abastecimento em Teresina, se dá, especialmente, com relação a grandes compras. em segundo lugar, pelo papel que os meios de comunicação exercem na população local no que se refere ao consumo. entretanto, mais do que avaliar o volume do que é adquirido em Teresina, o que consideramos significativo para nossa análise é que a ida à cidade leva as pessoas a entrarem em contato com o urbano, especialmente quando a proximidade entre rural-urbano é expressiva, como na área periurbana norte de Teresina. Ao adquirirem e consumirem produtos na

cidade consideramos que essas pessoas se transformam em *agentes* da *urbanização ideológica*, pois os novos hábitos vão permeando as relações sociais e os espaços de urbanidades. Nesse sentido, retomamos a fala de uma moradora, já explicitada, que informa comprar somente em estabelecimentos da área periurbana que os acondicionam bem e oferecerem sacolas para o transporte dos produtos, tal como ocorre na cidade.

4.2.3 Estrutura dos Povoados

A terceira categoria de organização e análise das informações sobre a estrutura dos povoados está expressa na tabela 9 - área periurbana Norte de Teresina - Estrutura dos Povoados, da qual constam dados sobre equipamentos para atendimento a aspectos estruturais da vida das pessoas como educação, saúde, segurança, transporte e práticas religiosas.

Tabela 9 - Área Periurbana Norte de Teresina -PI: Estrutura dos Povoados

Povoados	Educação		Saúde			Segurança		Transporte			Práticas Religiosas
	Creche	Ensino Fund.	Posto de Saúde	Existe PSF		No Povoado	Povoado Mais Próximo	Público (Ônibus)	Particular		Números de Templos
				No Povoado	Outro Local				Bicicleta	Moto	
LAGOA DE DENTRO	1	1	1	-	Santa Teresa	-	sim	sim	sim	sim	1 Evangélico
TABOQUINHA	-	-	1	Sim	Cacimba Velha / Santa Teresa	-	sim	sim	sim	sim	1 Católico 1 Evangélico
GASPAR	-	-	-	-	Santa Teresa / Teresina	-	sim	sim	sim	sim	1 Evangélico
CANTO DO ROMÃO	-	-	-	-	Coroatá	-	sim	sim	sim	sim	1 Capela
SÃO VICENTE	1	1	-	-	Dois Irmãos	-	sim	sim	sim	sim	1 Católico 1 Evangélico
SANTA HELENA	1	-	-	Sim	-	-	sim	sim	-	-	-
MORRO DO CALANDI	-	-	-	Sim	Dois Irmãos	-	sim	sim	-	-	1 Católico
CAMPESTRE NORTE	1	-	-	Sim	-	-	sim	sim	-	-	1 Católico 1 Evangélico

A respeito da educação, em 08 povoados da área periurbana norte - 50,00 % destes - existem creches, sendo 01 creche em cada um dos povoados Lagoa de Dentro, São Vicente, Santa Helena e Campestre Norte; e somente em 25,00% dos povoados existem escolas que oferecem o primeiro ciclo do ensino fundamental (que se estende do 1º ao 5º ano), sendo uma no povoado Lagoa de Dentro e outra no São Vicente.

Fotografia 9 - Uma das Muitas Escolas da Área Periurbana



Fonte: ABREU, 2014

Ainda quanto à educação, não existe no periurbano instituição que ofereça o último ciclo do ensino fundamental, etapa adequada à faixa etária de 15 a 17 anos. Embora este aspecto não tenha sido objeto de investigação nesta pesquisa, nem mencionado pelos entrevistados como motivo de seus deslocamento para Teresina, temos conhecimento de grande número de jovens que frequenta, na capital, essa etapa do ensino fundamental, como também o ensino superior, deslocando-se diariamente até Teresina e reforçando uma migração que se dá também com aqueles que trabalham na capital.

Existe atendimento à saúde em todos os povoados (100,00 %), pelo (PSF), como também em postos de saúde (em somente em 25,00 % dos povoados).

Quando as pessoas não conseguem atendimento, nem pelo PSF nem em postos de saúde locais, buscam esses recursos em bairros mais próximos à área, na capital.

Figura 10 - Unidade Básica de Saúde no Povoado São Vicente



Fonte: ABREU, 2014

Com relação ao contexto educação-saúde novamente reforçamos o papel da proximidade cada vez maior da área periurbana norte de Teresina com a capital piauiense, decorrente da melhoria das estradas, o que reduz o tempo de deslocamento até aquela cidade. Neste sentido, é válido informar que o transporte entre a área periurbana, Teresina e outras cidades mais próximas, como União e José de Freitas, é realizado por empresa privada, e utilizado pela totalidade dos entrevistados. Este aspecto da vida local é motivo de ambiguidade: uns dizem que o transporte é satisfatório (como o senhor que falou “tem ônibus fácil, e a estrada é um tapete”). Outros reclamam, como a moradora entrevistada:

“É um custo este ônibus passar, quando não quebra no caminho porque é velho. O ônibus vai somente uma vez de manhã e volta de tarde. É por isso que a gente pede carona pra chegar mais depressa. Na cidade resolve tudo correndo porque na hora de voltar é pior ainda, fica tarde, escuro, dá muito medo”.

Entre os povoados da área é frequente o uso de bicicletas, de motocicletas e também, ainda que em número reduzido, de carroças.

A estrutura viária da área desta pesquisa é constituída, internamente, por caminhos e por algumas ruas calçadas com revestimento primário, como antes já mencionamos; ligando a área a Teresina e a municípios próximos, como União (PI 112) e a José de Freitas (PI 113), as estradas são asfaltadas.

Figura 11 - Rua Pavimentada em um dos Povoados da Área Periurbana



Fonte: ABREU, 2014

Figura 12 - Estrada Interna da Área Periurbana que dá acesso a Povoados, Sítios, Chácaras e Fazendas



Fonte: ABREU, 2014

Indagamos sobre a segurança na área e os **moradores dos povoados** responderam que não existe a prestação deste serviço nos povoados pesquisados, seja através de um distrito ou de posto policial. A reclamação de um morador expressa bem os problemas com a segurança na área periurbana: “Aqui não tinha isso não, tudo era calmo, agora é bebedeira, baderna e esse negócio de droga. É difícil a gente resolver isto, se não tem polícia!”. Quando esses casos são mais graves, as pessoas procuram resolvê-los em Teresina. Quanto ao fornecimento de energia à área periurbana este é feito pela Eletrobrás Distribuição Piauí, empresa que controla o abastecimento do produto no Estado. Com relação ao abastecimento de água a AGESPISA empresa que coordena e dirige o sistema de abastecimento de água de Teresina, não fornece água para a área. A este respeito vejamos o que diz um entrevistado, morador de um dos povoados objeto da pesquisa: “*a prefeitura [de Teresina] cede água da escola [cuja administração também é de competência do município] que é canalizada para as casas do povoado, e não sei se toda ela, mas pelo menos parte dessa encanação foi feita em regime de mutirão pelos moradores*”. Foram mencionados também existência de sistemas particulares de abastecimento de água através da perfuração de poços.

Fotografia 13 - Caixa de Abastecimento d'água na Área Periurban



Fonte: ABREU, 2014

Quanto à existência de serviços telefônicos dos tipos residencial e público - os orelhões - instalados nas proximidades de escolas e locais movimentados, os entrevistados referiram-se a seu uso frequente. Também se referiram à inexistência de dispositivo para captação de sinal de telefonia móvel, o que é motivo de insatisfação.

Ainda como parte integrante da estrutura dos povoados, registramos a presença de templos religiosos de denominações evangélica e católica. Suas localizações, geralmente em praças ou espaços abertos, são propícias ao convívio dos fies, uma das expressões da urbanidade, conforme Meyer (2002,s/p)

Figura 14 - Um dos Muitos Templos Religiosos existentes na Área Periurbana



Fonte: ABREU, 2014

Análise dos diversos elementos formadores da estrutura da área periurbana norte de Teresina nos levou à conclusão que esta se apresenta ainda bastante precária, embora nos povoados selecionados para a pesquisa haja uma certa centralidade expressa pela oferta de serviços básicos. Tal precariedade, no entanto, tende a ser atenuada, tanto pela proximidade da área com a cidade de Teresina como pela existência de meios de transportes entre esses espaços, o que contribui para a que as pessoas consigam resolver muitos de seus problemas da vida cotidiana no urbano. E, apesar dessas dificuldades muitos moradores do periurbano norte teresinense consideram que têm ali um modo de vida local que “é bom”.

Ressaltamos que um dos aspectos da estrutura da área periurbana norte de Teresina e dos povoados que a compõem, diz respeito a sua forma *descontínua* e sem *definição de fronteiras físicas ou geográficas, e sem divisões em zonas*, onde se localizam as atividades, característica mencionada por Vale (2005). A própria localização dos povoados não obedece a critérios definidores de limites, de modo que a esse respeito diz um morador local: “*Não tem definição, daqui até o sítio “x” (citando o nome de um local no povoado) é o povoado “y” (informando sobre a denominação de outro local no povoado), depois é outro; daquela curva pra lá fica o povoado “z” que vai até a beira do asfalto, e as ruas são misturadas*”.

Também quando se indaga das pessoas o que existe nos povoados elas falam da ocorrência das práticas produtivas de criação de gado, de criação de galinha, de plantação de milho, porém não se referem à existência de sítios ou chácaras, as formas mais comuns de uso do solo no local.

Essas indefinições têm relação com o que diz Miranda (2008), pois, do ponto de vista institucional, as áreas periurbanas situam-se num “limbo”, reflexo de suas ambiguidades, bem como da indefinição de suas fronteiras físicas ou geográficas, que Vale (2005, p. 51), associa ao fato de não serem essas áreas “nem inteiramente urbanas nem puramente rurais no sentido tradicional”.

Durante a realização desta pesquisa observamos que alguns povoados da área rural norte do município de Teresina - especialmente os de Santa Luz, São Geraldo, Dois Irmãos, Cacimba Velha, Tabocas, Baixão do Carlos, Ave Verde e outros, além do povoado São Vicente, que faz parte da área periurbana pesquisada, todos situados à margem da PI 112 - estão formando um “aglomerado” que oferece outros serviços, além dos que foram mencionados nas entrevistas pelos moradores dos povoados do periurbano. Destes serviços, citamos supermercado, metalúrgica, pizzaria, CAIXAQUI, lojas de material de construção, de roupas femininas, bares, dentre outros pequenos negócios. Essa oferta aglomerada de diferentes serviços vem contribuindo para a formação de uma expressiva *centralidade* na zona rural norte de Teresina, o que provavelmente afetará os povoados da área pesquisada, uma vez que todos compartilham da acessibilidade através da PI 112.

A propósito, a oferta desses serviços na zona rural norte de Teresina fez com um morador da Cacimba Velha, ao se referir especialmente ao serviço CAIXAQUI, assim se pronunciasse: “*Como estou aposentado, só saio para Teresina quando não posso deixar de ir. Aqui tenho tudo, é o que é melhor, tenho sossego e menos calor*”.

A fala do morador lembra um dos aspectos mencionados por Entrena Durán (2003), sobre mudanças qualitativas relacionadas a áreas periurbanas. Assim, as pessoas que permanecem na área periurbana norte de Teresina, como demonstram os dados, estão na área pela forte ligação com a terra, que é quase sempre de sua propriedade e onde ainda desenvolvem atividades agropecuárias. Ao mesmo tempo, há pessoas que já possuem ou que estão adquirindo propriedades na área em busca de conforto, tranquilidade e qualidade de vida, aspectos que já não podem mais ser encontrados nos congestionados centros urbanos, a exemplo da cidade de Teresina e que remetem à ideia de um rural onde ainda prevalecem valores tradicionais. Nesse sentido o periurbano apresenta-se também, e conforme Vale (2005), como local de residência e de práticas de lazer. Com relação a este aspecto inúmeros sítios e chácaras situados na área funcionam como segundas residências para onde as pessoas se deslocam nos finais de semana aproveitando as possibilidades de encontros com familiares e amigos, como também o fazem pessoas que estudam e trabalham na cidade.

Este é o espaço periurbano norte de Teresina, cujos aspectos mais expressivos de sua estrutura e da vida dos **moradores dos povoados** São Vicente, Santa Helena, Campestre Norte, Lagoa de Dentro, Taboquinha, Gaspar, Canto do Romão e Morro do Calandi, ali situados, bem como dos **outros moradores da área** em questão, foram analisados, constituindo o que entendemos tratar-se de um modo de vida periurbano.

5 CONCLUSÃO

Transformações de espaços rurais situados nas proximidades das cidades, por processo de periurbanização, estão associadas [...] “a um espaço e a um modo de vida marcado por relações que tendem a se superpor às relações tradicionais”, conforme Carlos (2008 a, p 184). Essas relações, por sua vez, estão vinculadas a transformações econômico-sociais, delineadas no decorrer da década de 1960, que vêm atingindo, “formas da divisão social e espacial do trabalho” (TOPALOV, 1988 p14), em esfera mundial, e por consequência, atingem também o espaço brasileiro.

Nesse contexto, vale a pena enfatizar que a cidade de Teresina, capital do Piauí, tem crescido, historicamente, avançando sobre a zona rural do município teresinense, de forma periférica e em eixos, especialmente nos últimos 15 anos. Esta realidade reflete a perda do caráter de cidade concentrada até então associado à capital piauiense, ao mesmo tempo que esta cidade passa a ocupar papel de capital regional exercendo sua influência num vasto território ao seu redor, o que contribui de forma expressiva para o aumento de sua população. Deste modo, o avanço da capital piauiense sobre sua zona rural tem provocado transformações que podem ser observadas em área rural situada ao norte do município teresinense, localizada a apenas 3,22 km do limite rural-urbano deste município, que entendemos tratar-se de área periurbana resultante de processo de periurbanização. Tais transformações foram observadas não somente do ponto de vista das estruturas espaciais de povoados situados em parte da zona rural norte do município de Teresina, - os povoados de São Vicente, Santa Helena, Campestre Norte, Lagoa de Dentro, Taboquinha, Gaspar, Canto do Romão e Morro do Calandi - mas também na vida dos **moradores desses povoados** e de **outros moradores da área** em questão.

Observações sobre transformações decorrentes do avanço do urbano sobre o rural, que despertaram nossa atenção, nos fizeram entender que as perspectivas de crescimento da cidade de Teresina em direção a sua zona rural, por processo de periurbanização, têm sido pouco avaliadas. Assim, estabelecemos como ponto de partida para nossas investigações o tema *mudanças em espaço rural e formação de área periurbana nas proximidades do espaço urbano de Teresina (PI, como seu objeto empírico área rural norte nas proximidades de Teresina (PI)* e como seu objetivo a compreensão das reconfigurações espaciais que estão ocorrendo em

povoados de área rural situada ao norte e nas proximidades da cidade de Teresina (PI), bem como e o reflexos dessas mudanças na vida de seus moradores.

Com este propósito - e através dos três capítulos desta tese - percorremos e analisamos diversos aspectos do processo de periurbanização/formação de áreas periurbanas, desde o próprio significado e o percurso do processo de urbanização, do qual decorre a periurbanização; à *suburbanização e à periferização*, como formas de *dispersão urbana*; a *aspectos da ocorrência* dos processos de urbanização, suburbanização e periferização em Teresina (PI); à periurbanização, como outra forma de dispersão urbana, ao contexto de sua ocorrência/formação de áreas periurbanas pelo mundo; às diversas definições, denominações, características, tipologias; às tendências/possibilidades e consequências do processo de periurbanização. Culminamos esse percurso discutindo como vem se dando este processo na cidade de Teresina (PI), por meio de sua identidade tipológica e sua caracterização, finalizando com os resultados da pesquisa empírica, quando analisamos questões relacionadas ao próprio objetivo desta tese, atreladas aos conceitos de modo de vida, modos de vida rural e urbano, ruralidades, urbanidades e urbanidades no rural.

Do conjunto desses aspectos definidores de áreas periurbanas - notadamente as características de proximidade com o urbano, descontinuidade com relação à cidade com a qual se relaciona, integração desses espaços pela mistura de lógicas urbana e rural, perda gradativa do predomínio da função agrícola/ ocorrência de novas funções, transitoriedade de usos do solo e indefinição de limites físicos - indicados por estudiosos e presentes na área selecionada, destacamos a intensa e próxima relação com o urbano teresinense como o mais significativo para a identificação da área em estudo, o que nos permite afirmar que:

- esta área é periurbana, da qual se destaca a característica de ser área ainda em formação;
- as mudanças mais expressivas ali verificadas têm ocorrido nos últimos 15 anos, para o que tem contribuído a construção de rodovias ligando a área periurbana à capital do Piauí bem como outras formas de comunicação entre o urbano e o rural aqui referidos;
- os **moradores dos povoados** - São Vicente, Santa Helena, Morro do Calandi, Campestre Norte, Lagoa de Dentro, Taboquinha, Gaspar e Canto do Romão - bem como os **outros moradores** da área - estão assumindo um novo modo de vida.

Este, denominando por nós de *modo de vida periurbano*, é marcado pela ocorrência de transformações que revelam uma mistura de características de vida urbana e de vida rural, sem que tenha desaparecido de todo a ruralidade que permeia a vida desses moradores, quer vivam eles nos povoados, sítios, chácaras ou fazendas ali existentes, o que revela a força da urbanização ideológica que ali permeia. Consideramos também como significativo do modo de vida periurbano da área estudada a expressão de sentimentos nostálgicos, especialmente entre os moradores mais idosos, entre “o que foi a área” e “o que ela é hoje”.

Finalizando este trabalho reforçamos que as transformações decorrentes da dispersão/aproximação campo-cidade revelam uma relação cada vez mais intensa entre o rural em processo de mudança - *a própria área periurbana* - e o urbano - *a cidade de Teresina*. Este percurso sobre dispersão/aproximação entre as zonas rural e urbana, por nós empreendido, revela que essa cidade avança periféricamente sobre a zona rural do município, especialmente a partir da década de 1960, em forma de eixos conforme Mapa 01 - Eixos de Crescimento Periférico de Teresina, 1950 a 2014. Desses eixos destacamos, além do que se refere ao avanço da capital teresinense na direção da zona rural norte do município de Teresina, abordado nesta tese, o que espraia na direção leste/sul, desde a década de 1970, cujos principais aspectos foram detalhados no capítulo 1, item 3. Deste eixo que segue a direção leste/sul - *eixo sudeste* - enfatizamos sua forte conexão com rede de rodovias que possibilitam a aproximação da capital piauiense com a zona rural sul do município, e que também fazem a ligação da cidade de Teresina e do próprio estado do Piauí com o sul/sudeste brasileiro. Deste modo, e pelo menos aparentemente, este movimento reproduz diversas condições verificadas na área objeto desta tese, o que nos leva a supor que a dispersão da cidade de Teresina na direção antes mencionada está ocorrendo sob a forma de periurbanização, processo que certamente será ampliado nas próximas décadas. Com isto amplia-se também o papel do urbano - e da cidade de Teresina - na transformação do espaço municipal que deverá se tornar cada vez mais complexo e cujos aspectos, entendemos, merecem ser futuramente explorados.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. Funções e Medidas da Ruralidade no Desenvolvimento Contemporâneo. **Texto para discussão nº 702**, ISSN 1415-4765. FEA e Procam/USP. Rio de Janeiro, 2000.
- ABREU, I. G. O Papel de Teresina na Organização Espacial do Piauí. **Cadernos de Teresina**. Revista Informativa da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, Teresina, Agosto de 1987, Ano I, nº 2, p. 4 a 8.
- _____. **O crescimento da Zona Leste de Teresina – Um caso de segregação?** 1983. 109 p. Dissertação em Geografia - Instituto de Geociências – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1983.
- AGUIAR, D. Urbanidade e a qualidade da cidade. **Vitruvius, Arquitectos**. 141 . 08 ano 12, mar. 2012. ISSN 1809-6298.
- AJARA, C. Uma Pauta para Reflexão sobre o Urbano e o Regional no Brasil dos Anos 90. In: CASTRO, I. E.; MIRANDA, M.; EGLER, C.A.E. (orgs). **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: FAPERJ, 2010.
- ALENTEJANO, P. R. As Relações campo-cidade no Brasil do século XXI. **Terra Livre**. São Paulo, v.2, n.21, p.11-23, jul./dez, 2003.
- ANDERSON, J. A nova direita e a privatização: malogros britânicos, lições mundiais? **Espaço & Debates**, ano XI, v.32, 1991.
- ARAÚJO, M. R. S. **Expansão da Fronteira Agrícola nos Cerrados Piauienses, (Des)Territorialização e os Desafios para o Desenvolvimento Territorial: o Caso do Município de Bom Jesus**. 2006. 186 fls. Dissertação em Meio Ambiente, TROPEN-UFPI. Teresina. 2006.
- ARROYO, M. La contraurbanización: um debate metodológico y conceptual sobre la dinámica de las áreas metropolitanas. **Papeles de Población**. vol.7, núm.30, octubre-diciembre, 2001, pp. 93-129. Universidad Autónoma del Estado de México. México.
- ASENSIO, P. J. P. **Cambios sociales en espacios periurbanos del país valenciano** (Trabalho de fim de curso). 2005. Disponível em: <http://mural.uv.es/pepona/principal.html>. Acesso:15 de 02 de 2012.
- BARROS, O. O Brasil e estágio atual do capitalismo mundial. **Espaço & Debates**. ano XI, v.32, 1991.
- BARSKY, A. El Periurbano Productivo, um Espaço em constante transformación. Introducción al Estado del Debate, con Referencias al Caso de Buenos Aires. **Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, 2005.

BERGER, M. Vers de nouveaux types de rapports villes-campagnes. La production des espaces périurbains en France et dans les pays d'économie développée. *Strates* 4 (1989). **Dossier: images réfléchies. Paroles d'un paysan révolutionnaire.** Référence électronique Consulté le 17 mai 2012. Disponível em: <http://strates.revues.org/4552>

BEZERRA, V. M. A. C.; CRUZ, J. M.; BAHIANA, L. C. C. Periferização urbana no Brasil: um projeto de estudo nas áreas metropolitanas. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 45(1): 51-92, jan./mar. 1983.

BLAZZO, P. P. Considerações sobre as Categorias Rural e Ruralidade em suas Dimensões de Conhecimento. **Geo UERJ**. Ano 10 – nº 18 – Vol. 1 – 1º semestre de 2008.

BONFIM, W; R. B. SANTOS JUNIOR. Formação política. In: SANTANA, R.N.M. **Piauí - formação - desenvolvimento - perspectivas**. Teresina: Haley, 1995.

BRUM, N.S. **A Dinâmica de uma Área Perimetropolitana - o caso de Maricá no Rio de Janeiro**. 2006, 1v, 112 p. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal Fluminense. 2006.

Buxton M and Low Choy D (2007). **“Change in Peri-Urban Australia: Implications for Land Use Policies”**, State of Australian Cities Conference, Adelaide, 28-30 November*.

CANDIOTTO, L. Z. P; CORRÊA, W. K. Ruralidades e Urbanidades no Contexto do Debate Cidade-Campo. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia**, v.3, n.5, p.214-242, fev.2008.

CARLOS, A. F. A. **A condição espacial**. São Paulo-SP: Contexto, 2011.

_____. **A (re)Produção do Espaço Urbano**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008a.

_____. Urbanização da sociedade: um desafio à reflexão. **Revista Cidade**, v. 5, n.8, julho a dezembro, 2008b.

CATALÃO, I. Brasília, metropolização e espaço vivido práticas especiais e vida cotidiana na periferia goiana da metrópole. São Paulo: **Cultura Acadêmica**, 2010.

CHAVES, MONS. **Obra Completa**. Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Teresina, 1998, 639 p.

_____. Como nasceu Teresina. 2. ed. Teresina, PMT/Fundação Cultural Mons. Chaves. **Cadernos Históricos**, 1987.

CLARK, D. **Introdução a Geografia Urbana**. São Paulo: DIFEL, 1985. 286p.

COLLANTES, J. C. A. La Ciudad Elimina la Función Agraria em su Proximidad: el Ejemplo de San Sebastian. 87. **Cuadernos Geográficos**, 31 (2001), 87-113.

CONTI, A. **O Espaço Perimetropolitano de Belo Horizonte: Uma Análise Exploratória**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Tese de Doutorado, 2009, 2v, 625 p.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. A periferia urbana. **GEOSUL**. n. 2 – 2º sem. 1986.

COUTINHO, D. M.; VALE, A. R. **O processo de regularização e caracterização do bairro São Judas Tadeu no município de Pouso Alegre/MG**: entre o rural e o urbano. VI Jornada Científica da Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais, 2011.

DEÁK, C. Preliminares para uma política urbana. **Espaço & Debates**, ano VIII, n.24, 1988.

DE LÁNCER, V. El fenómeno de la dispersión urbana en la Comunidad de Madrid. Evolución morfológica del tejido urbano de la periferia Nordeste de Madrid 1980-2010. **Revista Territorios en Formación**, 2011, n. 1.

DEMATTEIS, G. Suburbanización y periurbanización. Ciudades anglosajonas y ciudades latinas. En Monclús, F.J. (ed.), **La ciudad dispersa. Suburbanización y nuevas periferias**, CCCB, Barcelona, 1998. Disponível em: <<http://www.etsav.upc.es/personals/monclus/cursos2002/dematteis.htm> , acesso em 20 de maio de 2013.

ENTRENA DURÁN, F. Procesos de periurbanización y cambios en los modelos de ciudad. Un estudio europeo de casos sobre sus causas y consecuencias. Universidad de Granada. Departamento de Sociología, 18071 Granada. **Papers 78**, 2005 **59-88**.

_____. Los límites difusos de los territorios periurbanos: una propuesta metodológica para el análisis de su situación socioeconómica y procesos de cambio. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 6, nº 11, jan/jun 2004a, p. 28-63.

_____. Entrena Durán, Francisco. “El fenómeno de la periurbanización en Europa”, **Jornadas Europeas de Agricultura periurbana**, Organizadas por la Diputación provincial de Barcelona en Viladecans (Barcelona), 12, 13 y 14 de mayo de 2004b.

_____. Cidades sem limites 55-90p. In: MACHADO, J. A. S. (org.) **Trabalho, economia e tecnologia: novas perspectivas para a sociedade global**. São Paulo: Tendenz; Bauru: Práxis, 2003, 197p. Disponível em: <<http://www.forum-global.de/curso/textos/tecno.pdf>>. Acesso em: 12 de março de 2013.

FAÇANHA, A. C. **A evolução urbana de Teresina: agentes, processos e formas espaciais**. 1998. 233f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

FERREIRA, R. J. **Agricultura na cidade do Recife - PE: complementaridades rural-urbanas e dinâmica espacial**. UFPE, Dissertação de mestrado, 2009, 150 fisl.

FONT, A. Anatomia de la metròpoli discontinua: La Barcelona metropolitana. **Papers. Regió metropolitana de Barcelona**. núm. 26, gener 1997, págs. 9-19.

FUNDAÇÃO CENTRO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E SOCIAIS DO PIAUÍ - CEPRO. Situação socioeconômica – PiauÍ. PiauÍ em números. 9. ed. Teresina, 2012.

GONZÁLES REVERTÉ, F. El proceso de urbanización en Cataluña. Una visión de las áreas perimetropolitanas des litoral. **Ería**. N. 60, 2003, p.17-31.

GRAZIANO DA SILVA, J.; DEL GROSSI, M. E.; CAMPANHOLA, C. O que há de realmente novo no rural brasileiro. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**. Brasília, DF, v. 19, n.1, p. 37-67, 2002.

GRAZIANO DA SILVA, J. **O Novo Rural Brasileiro**. **Nova economia**. Belo Horizonte, v. 7 n. 1, p. 43-81, maio de 1997.

GUERRA, I. Modos de vida novos percursos e novos conceitos. **Sociologia - Problemas e Práticas**, n. 13, 1993, pp.59-74.

GUALDANI, C; BRAGA, R; OLIVEIRA, B. C. **Transformações do Uso do Solo em área de Transição Rural-Urbana no Município de Rio Claro-SP**. III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2005.

GUN, F. A Informática e o assentamento industrial. **Espaço & Debates**, ano VII, v.21, 1987.

HEINRICH, D.; NUISSL, H.; SEEGER, C. R. Dispersión urbana y nuevos desafíos para la gobernanza (metropolitana) en América Latina: el caso de Santiago de Chile. **Eure**, Vol. XXXV, N° 104, pp. 29-46, abril 2009.

HUELVA, D. C. Crecimiento suburbano difuso y sin fin en el Área Metropolitana de Sevilla entre 1980 y 2010. Algunos elementos explicativos. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de abril de 2012, vol. XVI, nº 397, Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-397.htm>>. Acesso em: 01 de outubro de 2013.

IAQUINTA, D. L.; DRESCHER, D.W. **Defining Periurban: Understanding RuralUrban Linkages and Their Connection to Institutional Contexts**. Nebraska Wesleyan University, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Geociências - DGC. Departamento de Cartografia - DECAR **Noções Básicas de Cartografia. III - Elementos de Representação**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoos/elementos_representacao.html Acessado em 20 de março de 2013.

_____. **CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características da população e dos domicílios: resultados do universo.** Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

_____. **Regiões de Influência das Cidades,** 2007.

JOHNSON, J. H. **Geografía Urbana.** Oikos-Tau, S. A. Ediciones, Barcelona, 1974, 279p.

LARA, T. A. **Caminhos da Razão no Ocidente.** Petrópolis: Vozes, 1986.

LARAIA, R. B. **Cultura, um conceito antropológico.** 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LANGENBUCH, J. R. O Fenômeno da Contra-Urbanização e seu Estudo. **Geografia.** Rio Claro, Vol. 24(1): 27-84, abril 1999.

LENCIONI, S. Uma nova determinação do urbano: o desenvolvimento de metropolização do espaço. In: CARLOS, A. F. A.; LEMOS, A. I. G. (orgs). **Dilemas urbanos novas abordagens sobre a cidade.** São Paulo: Contexto, 2003, 430 p.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004, 2 reimpr, 178 p.

LIMA, I. M. M. F. Urbanização e Meio Ambiente. **Scientia et spes:** revista do Instituto Camilo Filho - v.1, n.2 (2002) – Teresina: IFC, 2002.

LIMONAD, E. Urbanização dispersa mais uma forma de expressão urbana? **Revista Formação,** n. 14 v.1, 2007.

MACHADO, F. S. A dinâmica da agricultura periurbana no município de Nova Iguaçu (RJ). **GeoPuc** (Rio de Janeiro), v. 5, p. 1-31, 2010.

MAIA, D. S. **Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa.** Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MARAFON, G. J. O Espaço Rural Em Transformação: As Novas Relações Campo x Cidade No Estado do Rio de Janeiro (2010). **Ponencia presentada al VIII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural,** Porto de Galinhas, 2010.

MARANDOLA JÚNIOR, E.; ARRUDA, Z. A. Urbanidade e Ruralidade no Brasil e Redefinições entre Cidade e Campo. **Boletim de Geografia,** 23(1):21-38 (2005).

MATTOS, C. A de. Globalização, Urbanização da Economia e Expansão Metropolitana. In: **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois.** In: CASTRO, I. E.; MIRANDA, M.; EGLER, C.A.G. (orgs). 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: FAPERJ, 2010.

_____. Metropolización y suburbanización. **Revista EURE**, (Editorial) v.27, n.80, Santiago, may, 2001.

MEYER, R. Pensando a urbanidade. **Vitruvius. Resenhas Online**. 001.18 ano 01, jan. 2002.

MIRANDA, L. I. B. **A questão periurbana e a reforma urbana contribuições ao debate**. Recife, PE, 2009.

_____. **Produção do espaço e planejamento em áreas de transição rural-urbana: o caso da Região Metropolitana do Recife - PE / Tese de Doutorado** – Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

MONTEIRO, M. S. L. **Ocupação do cerrado piauiense: estratégia empresarial e especulação fundiária**. 2002. 250 f. Tese (Doutorado). Instituto de Economia. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2002.

MONTE-MÓR, R. L. M. Urbanização Extensiva e Lógicas de Povoamento: um olhar ambiental. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. S; SILVEIRA, M.L. (orgs.) **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec – Anpur, 1994. p. 169-181.

MORAES, A. C. R. **Geografia pequena história crítica**. São Paulo, HUCITEC, 1981, 129 p.

MOREIRA, R. J. Cultura, política e o mundo rural na contemporaneidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 1 a 5 de setembro de 2003, UNICAMP, Campinas, SP.

MOREIRA, A. N. A Cidade de Teresina. In: **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, IBGE, n.230, 1972.

NETTO, V. M. A urbanidade como devir do urbano. **EURE (Santiago)** vol.39 n.118 Santiago set. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0250-71612013000300010>.

OLIVEIRA, C. J.; ÍTAVO, L. C. V.; SILVA, M. J. CASTILHO, M. A. **Alternativas para o desenvolvimento rural periurbano: o caso de Três Barras, no município de Campo Grande**. Universidade Católica Dom Bosco. **INTERAÇÕES** Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 5, N. 8, p. 37-44, Mar. 2004.

OLIVEIRA, F. M. **Economia e Desenvolvimento do Piauí**. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003, 458 p.

PEREIRA, A. S. **O Conceito de Periurbano Aplicado à Região Metropolitana de Curitiba: Contribuição ao Planejamento**. Dissertação em Geografia. 2012. 136 fls. - Departamento de Geografia - Setor de Ciências da Terra. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2012.

PIORR, A.; RAVETZ, J.; TOSICS, I. (projeto plurel, 2011, prefácio, p.7). **Peri-Urbanisation in Europe Towards European Policies to Sustain Urban-Rural Futures**. Plurel. Londres. 2011. Disponível em <www.plurel.net/images/peri_urbanisation_in_europe_printversion.pdf>. (Acesso em 12 de janeiro de 2013).

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. **II Plano Estrutural de Teresina**. Teresina, 1988.

_____. Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento. **Perfil da Zona Rural de Teresina**, 1995, 86 p.

REIS, N. G. **Notas sobre a urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006, 201 p.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas** / Colaboradores José Augusto de Souza Peres ... (et al.). - 3. ed. - 7. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2007, 334 p.

RODRIGUES, S. R. **Planejamento Urbano em Teresina: análise das Projeções de Expansão Urbana**. 2013. 169 fls - Dissertação em Geografia - PPGGEO - Universidade Federal do Piauí. 2013.

RODRIGUES, W. Urbanidade e Novos Estilos de Vida. **Sociologia - Problemas e Práticas**. n. 12, 1992, p.91-107.

ROCHA, J.; TENEDÓRIO, J. A.; SOUSA, P. M.; COSTA, E. M.; COSTA, N. M. **Caracterização da Franja Urbana-Rural através de gradientes: análise por contínuo versus contraste**. Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa. (s/d).

ROSELLÓ, M. J. P.; RODRÍGUEZ, M. M. Patrón Territorial y Conformación del Riesgo en Espacios Periurbanos. El Caso de la Periferia este de la Ciudad de Málaga. **Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona. V. XIV, n. 329, jul, 2010.

RUA, J. Urbanidades no Rural: o devir de novas territorialidades. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia**, v.1, n.1, p. 82-106, fev.2006.

_____. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. **Revista da ANPEGE**, Fortaleza, n. 2, ano 2, p. 45-66, 2005.

SÁNCHEZ, G. P. Z. Dinámicas urbanorurales en los bordes en la ciudad de Medellín. **Gestión y Ambiente**. V. 11, N. 3 Diciembre de 2008. Disponible en: <http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=169420255014>

SANTANA, R. N. M. **Evolução Histórica da Economia Piauiense**, 2 ed; Ed. Academia Piauiense de Letras, Teresina 2001, 133 p.

SANTORO, P. F.; BONDUKI, N. **O Desafio do Parcelamento do Solo a partir do Periurbano**: Composição do Preço da Terra na Mudança de Uso do Solo Rural para Urbano. XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2009.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008, 173 p.

_____. **Natureza do espaço**. Técnica e Tempo, Razão Emoção. São Paulo: HUCITEC, 1999, 308 p.

_____. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993, 157 p.

_____. **O meio técnico-científico e a urbanização no Brasil**. Revista Espaço & Debates, ano VIII, v.25, 1988.

_____. **Espaço e método**. São Paulo, Nobel 1985, 88p.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo Cortez, 2002, 22. ed. rev. e ampl. 333p.

SILVA, A. B. Dilemas dos Produtores de uma área Periurbana: um Debate acerca da Franja Rural-Urbana de Aldeia – PE. **Revista Percursos - NEMO** Maringá, v. 2, n. 2, p. 145-162, 2010.

SILVEIRA, C. E. **Processos de Gentrificação**: A (re)organização espacial nas cidades, a construção de territórios e a questão do espaço como um sistema informacional. VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação 28 a 31 de outubro de 2007, Salvador.

SOUZA, M. L. **ABC do Planejamento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, 5. ed, 192 p.

_____. **O Desafio Metropolitano. Um Estudo Sobre a Problemática Sócio-Espacial nas Metrôpoles Brasileiras**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, 368 p.

_____. **Mudar a Cidade: uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, 560 p.

SOROKIN, P. A.; ZIMMERMAN, C. C.; GALPIN, C. J. Diferenças Fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, J. S (Org.). **Introdução crítica à Sociologia Rural**. São Paulo: HUCITEC, 1981, p.198-224.

SPOSITO, M. E. B. Urbanização difusa e cidades dispersas: perspectivas espaço-temporais contemporâneas. In: Nestor Goulart Reis. (org.). **Sobre dispersão urbana**. São Paulo: Via das Artes, 2009, v. p. 35-54.

TOPALOV, C. Fazer a história da pesquisa urbana: a experiência francesa desde 1965. **Espaço & Debates**, ano VIII, v.23, 1988.

VALE, A. R. **Expansão Urbana e Plurifuncionalidade no Espaço Periurbano do Município de Araraquara (SP)**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro: 2005, 214 f.

VALE, A. R.; GERARDI, L. H. O. Crescimento Urbano e Teorias sobre o Espaço Periurbano: Analisando o Caso do Município de Araraquara (SP). IN. Gerardi, L. H. O. Carvalho, P. F. **Geografia: Ações e Reflexões**, p. 237, (orgs) Rio Claro: UNESP/IGCE : AGETEO, 2006, 434 p.

VALETE, E. A economia rural periurbana ou inovação em periferia: o caso de Montpellier (França). **INTERAÇÕES**, Revista Internacional de Desenvolvimento Local, mar. 2004, v 5, n 8, p.9-19.

VEIGA, J. E. Nascimento de outra ruralidade. **Estudos avançados**. v. 20, n. 57, 2006.

WANDERLEY, M. N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 15, outubro 2000: 87-145.

WILLIAMS, R. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 439 p.

WIRTH, L. O Urbanismo como Modo de Vida. In: Velho, O. G. (Org.), **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 91-112.

APÊNDICES

**APÊNDICE A - DADOS SOBRE POPULAÇÃO RESIDENTE EM POVOADOS
SITUADOS EM ÁREA RURAL NORTE DO MUNICÍPIO DE TERESINA (PI)**

PESQUISADOR: _____

NOME DO POVOADO: _____

LOCALIZAÇÃO: _____

MORADOR ENTREVISTADO

- NOME: _____

- SEXO: _____

- IDADE: _____

- ESCOLARIDADE: _____

- ORIGEM DO ENTREVISTADO:

- É DO PRÓPRIO POVOADO DO POVOADO ()
- DE OUTRO LUGAR (POVOADO, CIDADE, ESTADO...) ()
- HÁ QUANTO TEMPO VIVE NO POVOADO ()

- SOBRE O POVOADO:

1. Área do povoado (pode ser uma estimativa até em léguas/km)

2. População (ou nº de famílias ou nº de habitações)

3. Atividade Produtiva Geradora da Renda Familiar

3.1 Principal

3.1.1 Agrícola (roça: planta o quê?)

- a) produz só para subsistência ()
- b) ou vende a produção ()
- c) para quem vende: () cidade mais próxima () outros povoados

3.1.1.1. Quem participa

- a) Pai ()
- b) Mãe ()
- c) Filhos ()
- d) Toda a família ()
- e) Paga alguém para trabalhar ()

3.1.1.2 A terra é própria

a) sim ()

b) não ()

3.1.2. *Pecuária (criação de gado/animais de corte: galinha, porco, cabra, outros)*

3.2 Atividade Complementar da Renda Familiar

3.2.1 No povoado

a) artesanato: fabricação de doces, bordados, outros; _____

b). Negócio de venda (mercearia): o que vende? _____

3.2.2 Fora do povoado

a) na cidade mais próxima (qual?) _____

b) em outro povoado (qual) _____

3.2.2.1. Que atividade?

a) caseiro ()

b) vigia ()

c) doméstica (diarista ou mensalista) ()

d) em lojas (quais? Que atividade?) _____

e) em repartições públicas (quais? que atividade?) _____

f) em empresas privadas (quais? que atividade?) _____

3.2.2.2 Quem da família participa

a) pai ()

b) mãe ()

c) filhos ()

4 Estrutura do Povoado:

4.1 Aspecto morfológico geral

4.1.1 arruamento (quantas ruas?) _____

4.1.2 praça _____

4.1.3

templo religioso (qual credo religioso?) _____

4.2 Educação

4.2.1 escola de ensino fundamental (estadual e/ou municipal; particular) _____

4.2.2 creche _____

4.3 Saúde

4.3.1 posto de saúde ()

4.3.2 assistência do PSF (do próprio povoado ou de outro lugar próximo)

4.3.3 outro tipo de assistência _____

4.3.4 ou desloca-se para a cidade mais próxima – qual? _____

4.4 Segurança

4.4.1 sim () qual? _____

4.4.2 não ()

4.5 Transporte

4.5.1 público ()

4.5.2 particular

a) bicicleta ()

b) moto ()

c) animais e veículos com tração animal (carroça) ()

5 Abastecimento (gêneros alimentícios/ remédios/ roupa/ eletros/)

5.1 onde é realizado _____

5.1.1 em cidade próxima – qual? _____

5.2.2 no próprio povoado (feira? Mercadinho:? Quitanda?) _____

5.2.3 em outro povoado

6 Estrutura Viária do povoado

6.1 asfalto ()

6.2 revestimento primário ()

6.3 caminho ()

7 Tradição e cultura

7.1 tipo

7.1.1 dança ()

7.1.2 cantos ()

7.1.3 festa do santo ()

7.1.4 farinhada ()

7.2. onde pratica

7.2.1 no próprio povoado ()

7.2.2 em outro local ()

a) cidade próxima (qual) _____

b) outro povoado (qual) _____

8 Uso da tecnologia

8.1 Televisão (como chega o sinal?)

8.2 telefonia ()

8.3 celular ()

8.4 uso de outros aparelhos eletroeletrônicos

a) geladeira ()

b) freezer ()

c) liquidificador ()

9 Participação em Políticas Públicas

a) Bolsa Família ()

b) outros programas – quais? () _____

10. Meio-ambiente:

a) tem ideia do que seja ()

b) demonstram alguma preocupação com o Meio-ambiente ()

Outras observações pessoais:

- Sua concepção do povoado – é ainda uma área rural ou já apresenta características urbanas?

APÊNDICE B - DADOS SOBRE A POPULAÇÃO RESIDENTE EM ÁREA RURAL NORTE DO MUNICÍPIO DE TERESINA (PI)

PESQUISADOR: _____

MORADOR ENTREVISTADO

- NOME: _____

- SEXO: _____

- ESCOLARIDADE: _____

Faixa etária: 10-20 anos; 20-30-anos (); 30-40-anos (); 40-50 anos; mais de 50 anos.

Nível de instrução: sem instrução formal (); ensino fundamental (); ensino médio; ensino superior ().

- Trabalha?:

- em que? _____

- onde? _____

Em Há quanto tempo mora na área: menos de 10 anos (); entre 10 e 15 anos (); mais de 20 anos ().

Por que mora na área: a terra é propriedade familiar (); trabalha na/usa a terra (); a área é sossegada/tem segurança ().

Se trabalha/usa a terra, sua atividade é na: lavoura (); pecuária (); criação de outros animais (); horta (); outra atividade ().

Faz suas compras: na área (); em Teresina (); outro lugar ().

Você acha que a área onde mora é mais é parecida: com o campo (); com a cidade (); uma mistura campo-cidade ().

Você acha que a área onde mora está se transformando nos últimos anos?

- sim (); não ().

Quais dos motivos citados estão contribuindo para as transformações da área:

Instalação de serviços, como:

PSF (); escolas (); mercearias e locais de vendas de utilidades domésticas (); fornecimento de energia elétrica (); fornecimento de água (); fornecimento de sinal de telefonia (); fornecimento de sinal de televisão (); calçamento de ruas dentro dos povoados (); aberturas de estradas dentro da área ligando os povoados (); asfaltamento de estradas ligando a área a Teresina ().

A transformação da área pode ser “medida” por:

-ocorrência de violência (roubos, assaltos, brigas) (); aumento do número de pessoas e veículos circulando na área (); uso de transportes como motos, ônibus, carros (); acesso à televisão/telefone celular (); outros ().

Se concorda que está havendo mudanças nos hábitos da população da área, informe qual(is) a(s) razão(ões):

-facilidade de acesso à cidade (); uso de transporte como carro, ônibus, motos (); acesso a televisão/telefone celular (); outros ().

Você acha que a proximidade cada vez maior com a cidade de Teresina está mudando os hábitos da população da área: sim (); não ().

Com que frequência você vai a Teresina: 1 vez por semana (); mais de uma vez por semana (); uma vez por mês (); outros ().

Motivos de sua ida a Teresina _____

Do que você mais gosta na área: sossego (); segurança (); proximidade da família/amigos (); outros ().

ANEXO

LEI COMPLEMENTAR Nº 112, DE 19 DE SETEMBRO DE 2001

Autoriza o Poder Executivo a criar a Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina e instituir o Programa Especial de Desenvolvimento da Grande Teresina e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei Complementar:

Art. 1º É o Poder Executivo autorizado a criar a Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina, com o objetivo de articular e harmonizar as ações administrativas da União e dos Estados do Piauí e do Maranhão, conforme o previsto no inciso IX do art. 21, no art. 43, e no inciso IV do art. 48 da Constituição Federal.

§ 1º A Região de que trata este artigo é constituída pelos Municípios de Altos, Beneditinos, Coivaras, Curralinho, Demerval Lobão, José de Freitas, Lagoa Alegre, Lagoa do Piauí, Miguel Leão, Monsenhor Gil, Teresina e União, no Estado do Piauí, e pelo Município de Timon, no Estado do Maranhão.

§ 2º Os Municípios que vierem a ser constituídos a partir de desmembramento de território de Municípios citados no parágrafo anterior passarão a compor, automaticamente, a Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina.

Art. 2º Será criado um Conselho Administrativo que coordenará as atividades da Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina.

Parágrafo único. As atribuições e a composição do Conselho Administrativo de que trata este artigo serão definidas em regulamento, dele participando representantes dos Estados do Piauí, do Maranhão e dos Municípios abrangidos pela Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina.

Art. 3º Consideram-se de interesse da Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina os serviços públicos comuns aos Estados do Piauí, do Maranhão e aos Municípios que a integram, especialmente aqueles relacionados às áreas de infra-estrutura, prestação de serviços e de geração de empregos.

Art. 4º É o Poder Executivo autorizado a instituir o Programa Especial de Desenvolvimento da Grande Teresina.

Parágrafo único. (VETADO)

Art. 5º Os programas e projetos prioritários para a Região, com especial ênfase para os relativos à infra-estrutura básica e geração de empregos, serão financiados com recursos:

I – de natureza orçamentária, que lhes forem destinados pela União, na forma da lei;

II – de natureza orçamentária que lhes forem destinados pelos Estados do Piauí, do Maranhão e pelos Municípios abrangidos pela Região Integrada de que trata esta Lei Complementar;

III – de operações de crédito externas e internas.

Art. 6º A União poderá firmar convênios com os Estados do Piauí, do Maranhão e com os Municípios referidos no § 1º do art. 1º, com a finalidade de atender ao disposto nesta Lei Complementar.

Art. 7º Esta Lei Complementar entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 19 de setembro de 2001; 180º da Independência e 113º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Pedro Malan

Ramez Tebet

Este texto não substitui o publicado no DOU de 20.9.2001

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp112.htm